

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

BRASIL
CORACÃO DO MUNDO
PÁTRIA DO EVANGELHO

"DITADO PELO ESPÍRITO DE
HUMBERTO DE CAMPOS"



LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO
AV. PASSOS, 30 - RIO



BRASIL
CORAÇÃO DO MUNDO
PÁTRIA DO EVANGELHO



Ao Brigadeiro Sr.
Francisco Xavier, Pedicador
caso intérprete espiritual do
meu saudoso Humberto, ofereço
com muito afeito, esta fotografia, como
prova de amizade e gratidão
da Le^a al^a

Ano de Campos Vias
Bernaíba 21/5/38.

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

BRASIL

CORAÇÃO DO MUNDO

PÁTRIA DO EVANGELHO

Ditado pelo Espírito de

HUMBERTO DE CAMPOS

eminente homem de letras
desencarnado em 5 de De-
zembro de 1934

1.^a Edição



1938

Livraria da Federação Espírita Brasileira
20, Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro — BRASIL

INDICE

	Pgs
Esclarecendo	8
O Coração do Mundo	13
A Patria do Evangelho	20
Os Degredados	27
Os Missionarios	33
Os Escravos	41
A Civilização Brasileira	48
Os Negros do Brasil	57
A Invasão Holandesa	64
A Restauração de Portugal	71
As Bandeiras	78
Os Movimentos Nativistas	85
No tempo dos Vice-Reis	91
Pombal e os Jesuitas	97
A Inconfidência Mineira	104
A Revolução Franceza	111
D. João VI no Brasil	118
Primórdios da Emancipação	125
No Limiar da Independencia	131
A Independencia	136
D. Pedro II	143
Fim do Primeiro Reinado	149
Bezerra de Menezes	157
A Obra de Ismael	163
A Regencia e o Segundo Reinado	170
A Guerra do Paraguay	176
O Movimento Abolicionista	183
A Republica	190
A Federação Espirita Brasileira	198
O Espiritismo no Brasil	206
Patria do Evangelho	213

Meus caros filhos. Venho falar-vos do trabalho em que agora colaborais com o nosso amigo desencarnado, no sentido de esclarecer as origens remotas da formação da patria do Evangelho, a que tantas vezes nos referimos em nossos diversos comunicados. O nosso irmão Humberto tem, nesse assunto, um largo campo de trabalho, dentro das suas facilidades de expressão e com o espirito de simpatia de que dispõe, como escritor, em face da mentalidade geral do Brasil.

Os dados fornecidos por ele em suas paginas, foram recolhidos nas tradições do mundo espiritual, onde falanges desveladas e amigas se reúnem constantemente para os grandes sacrificios a prol da humanidade sofredora. Esse trabalho se destina a explicar a missão da terra brasileira no mundo moderno. Humboldt, visitando o vale estenso do Amazonas, exclamou, extasiado, que ali se encontrava o celeiro do mundo. O grande cientista asseverou uma grande verdade: precisamos porém desdobrala, extendendo-a do seu sentido economico á sua significação espiritual. O Brasil não está so-

mente destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta, mas, também, a fornecer ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e de fé racionada, representando o maior celeiro de clari- dades espirituais do orbe inteiro. Nestes tem- pos de confucionismo amargo, consideramos de utilidade um trabalho desta natureza e, com a permissão dos nossos maiores dos planos ele- vados, iniciamos mais essa obra humilde, agra- decendo a vossa desinteressada e espontanea colaboração. Nossa tarefa visa esclarecer o ambiente geral do país, argamassando as suas tradições de fraternidade com o cimento das verdades puras, porque, se a Grecia e a Roma da antiguidade tiveram a sua hora, como ele- mentos primordiais das origens de toda a civi- lização do Ocidente; se o imperio português e espanhol se alastrou quase por todo o planeta; se a França, se a Inglaterra têm tido a sua hora proeminente nos tempos que assinalam as eta- pas evolutivas do mundo, o Brasil terá também o seu grande momento, no relógio que marca os dias da evolução da humanidade.

Se outros povos atestaram o progresso pe- las expressões materializadas e transitorias, o Brasil terá a sua expressão imortal na vida do espirito, representando a fonte de um pensa- mento novo, sem as ideologias de separativida- de e inundando todos os campos das atividades

humanas com uma nova luz. Eis, em síntese, o porque da nossa ação, nesse sentido. O nosso irmão encontra mais facilidade para vasar o seu pensamento, em soledade com o medium, como se ainda se encontrasse no seu escritorio solitario; daí a razão pela qual as paginas em apreço têm sido produzidas de molde a se apro- veitarem as oportunidades do momento. Peça- mos a Deus que inspire os homens publicos, atualmente no leme da Patria do Cruzeiro, e que, nesta hora amarga, em que se verifica a inversão de quase todos os valores morais no seio das oficinas humanas, saibam eles colocar muito alto a magnitude dos seus precipuos de- veres. E a vós, meus filhos, que Deus vos for- taleça e abençõe, sustentando-vos nas lutas de- puradoras da vida material.

EMMANUEL.

ESCLARECENDO

Todos os estudiosos que percorreram o Brasil, estudando alguns detalhes dos seus oito milhões de quilômetros quadrados, apaixonaram-se pela riqueza das suas possibilidades infinitas. Eminentemente geólogos definiram-lhe os tesouros do solo e naturalistas ilustres classificaram-lhe a fauna e a flora, maravilhados de suas prodigiosas surpresas. Nas paisagens suntuosas e ineditas, onde o calor suave dos trópicos alimenta e perfuma todas as cousas, ha sempre um traço de beleza e de originalidade empolgando o espirito do viajor, sedento de emoções.

Mas, se numerosos pensadores e artistas notáveis lhe traduziram a grandiosidade de mundo novo, contando "lá fora" as inexgotáveis reservas do gigante da America, todo esse espirito analítico não passou da esfera superficial de apreciação, porque não viram o Brasil espiritual, o Brasil evangelico, em cujas estradas, cheias de esperança, luta e espera, sonha e

trabalha o povo fraternal e generoso, cuja alma é a flor amorosa de três raças tristes", na expressão harmoniosa de um dos seus poetas mais eminentes.

As reservas brasileiras não se circunscrevem ao mundo de aço do progresso material, que impressionou fortemente o espirito de Humboldt mas se estendem, infinitamente, ao mundo de ouro dos corações, onde o país escreverá a sua epopéia de realizações morais, em favor do mundo.

Jesus transplantou, da Palestina para a região do Cruzeiro, a arvore magnanima do seu Evangelho, afim de que os seus rebentos suaves florescessem de novo, frutificando em obras de amor para todas as criaturas. Ao cepticismo da época soará extranhamente uma afirmativa dessa natureza. O Evangelho? Não seria mera ficção de pensadores do cristianismo o repositório de suas lições? Não era apenas um cantico de esperança do povo hebraico, que a igreja catolica adaptou para garantir a corôa na cabeça dos principes terrestres? Não era uma palavra vasia, sem significação objetiva na atualidade do globo, em que todos os valores espirituais parecem descer ao "sepulcro caído" da transição e da decadencia? Mas, a realidade é que, não obstante todas as surpresas das ideologias modernas, a lição do Cristo aí está no planeta, esperando a compreensão geral do seu sentido

profundo. Sobre ela levantaram-se filosofias complicadas e as mais extravagantes teorias salvacionistas. Em seu favor, muitos milhares de livros foram editados e algumas guerras ensanguentaram o roteiro dos povos. Entretanto, a sublime exemplificação do Divino Mestre em sua expressão pura e simples, só pede a humildade e o amor da criatura para ser devidamente compreendida. Do seu entendimento decorre aquele "Reino de Deus" em cada coração, de que falava o Senhor nas suas meigas pregações do Tiberiades — reino de amor fraternal, cuja luz é o unico elemento capaz de salvar o mundo que se encaminha para os desfiladeiros da destruição.

E os verdadeiros aprendizes, os crentes sinceros no poder e na misericórdia do Senhor esperam, com os seus labores obscuros, o advento da cristianização da humanidade, quando os homens, livres de todos os símbolos sectarios de separatividade puderem entender, integralmente, as maravilhas ocultas da obra cristã. Nas suas dolorosas provações dos tempos modernos, quando quase todos os valores morais sofrem o insulto da mais ampla subversão, esses espiritos heroicos e humildes sabem, na sua esperança e na sua crença, que, se é permitida por Deus a prática de tantos absurdos, por parte dos poderosos da Terra, que se embriagam no vinho da autoridade e da ambição, é que todas

essas lutas nada mais representam que experiências penosas, apressando a compreensão geral das leis divinas no porvir; e, serenos na sua resignação e na sua sinceridade conhecem, ainda, que as lições do Evangelho não são símbolos mortos e esperam, cheios de confiança no mundo espiritual, a alvorada luminosa do renascimento humano.

Nessa abençoada tarefa de espiritualização, o Brasil caminha na vanguarda. O material a empregar nesse serviço não vem das fontes de produção originariamente terrena e sim do plano invisível, onde se processam todos os ascendentes construtores da patria do Evangelho.

Estas paginas modestas constituem, pois, uma contribuição humilde á elucidação da historia da civilização brasileira em sua marcha através dos tempos. Seu unico objetivo é provar a excelencia da missão evangelica do Brasil no concôrto dos povos e que, acima de tudo, todas as suas realizações e todos os seus feitos, fôrros dos miseraveis troféus das glórias sanguinolentas, tiveram suas origens profundas no plano espiritual, de onde Jesus, pelas mãos carinhosas e suaves de Ismaél, acompanha desveladamente a evolução da patria extraordinaria, em cujos céus fulguram as estrelas da cruz. São elas, ainda, um grito de fé e de esperança aos que estacionam no meio

do caminho. Ditadas pela voz de quem já atravessou as estradas poeirentas e tristes da Morte, elas se dirigem aos meus companheiros e irmãs da mesma comunidade e da mesma família, exclamando: —

— “Brasileiros, ensarilhemos, para sempre, as armas homicidas das revoluções!... Consideremos o valor espiritual do nosso grande destino! Engrandecemos a patria com o cumprimento do dever pela ordem, e traduzamos a nossa dedicação com o trabalho honesto pela sua grandeza!... Consideremos, acima de tudo, que todas as suas realizações hão de merecer a luminosa sanção de Jesus, antes de se fixarem nos bastidores do poder transitorio e precario dos homens!... Nos dias de provação, como nas horas de ventura, estejamos irmanados numa doce aliança de fraternidade e paz indestrutivel, dentro da qual deveremos esperar as claridades do futuro... Não nos compete estacionar, em nenhuma circunstancia e sim marchar, sempre, com a educação e com a fé realizadora, ao encontro do Brasil, na sua admiravel espiritualidade e na sua grandeza imperecivel!...”

I

O CORAÇÃO DO MUNDO

O mundo politico e social do Ocidente encontra-se exausto.

Desde as pregações de Pedro, o Eremita, até á morte do rei Luiz XI, diante de Tunis, acontecimento que colocara um dos derradeiros marcos nas guerras das Cruzadas, as sombras da idade medieval haviam confundido as lições do Evangelho, ensanguentando todas as bandeiras do mundo cristão.

Foi depois dessa epoca, no ultimo quartel do seculo XIV, que o Senhor desejou realizar uma de suas visitas periodicas á Terra, afim de observar os progressos de sua doutrina e de seus exemplos no coração dos homens.

Anjos e Tronos formavam-lhe a cõrte maravilhosa. Dos céus á terra, foi colocado outro simbolo da escada infinita de Jacob, formado de flores e de estrelas cariciosas, por onde o Cordeiro de Deus transpôs as imensas distan-

cias, clarificando os caminhos cheios de treva. Mas, se Jesus vinha do coração luminoso das esferas superiores, trazendo nos olhos misericordiosos a visão dos seus imperios resplandescentes e na alma profunda o ritmo harmonioso dos astros, o planeta terreno apresentava-lhe ainda aqueles mesmos caminhos escuros, cheios da lama da impenitencia e do orgulho das criaturas humanas e repleto dos espinhos da ingratitude e do egoismo... Embalde procuraram os seus olhos compassivos o ninho doce do seu Evangelho; em vão procurou o Senhor os remanescentes da obra de um de seus ultimos enviados á face do orbe terrestre. No coração da Umbria, haviam cessado os canticos de amor e de fraternidade cristã. De Francisco de Assis só haviam ficado as tradições de carinho e de bondade e os pecados do mundo, como novos lobos de Gubbio, haviam descido novamente das selvas misteriosas das iniquidades dos homens, roubando-lhes a paz e aniquilando-lhes a vida.

— “Helil — disse a voz suave e mansa do Mestre a um dos seus mensageiros encarregado dos problemas sociologicos da Terra — meu coração se enche de profunda amargura, vendo a incompreensão das criaturas, no que se refere ás lições do meu Evangelho. Por toda parte, é a luta fratricida, como um polvo de infinitos tentaculos, destruindo todas as esperanças; enquanto que recomendei aos homens

se amassem como irmãos, vejo-lhes os movimentos impetuosos, aniquilando-se uns aos outros como Cains desvairados..”

— “Mas — replicou o emissario solícito, como se desejasse desfazer a impressão dolorosa e amarga do Mestre — esses movimentos, Senhor, intensificaram as relações dos povos da Terra, aproximando-se o Oriente e o Ocidente, para aprenderem a lição da solidariedade, nessas experiencias penosas; novas utilidades da vida foram descobertas; o commercio progrediu além de todas as fronteiras, reunindo as patrias do orbe. E, sobretudo, devemos considerar que os principes cristãos, empreendendo as iniciativas dessa natureza, guardavam a nobre intenção de velar pela paisagem suave dos Lugares Santos.”

— “Contudo — retornou tristemente a voz compassiva do Cordeiro — qual o lugar da Terra que não é santo? Em todas as partes do mundo, por mais reconditas que sejam, paira a benção de Deus, convertida na luz e no pão de todas as criaturas. Era preferivel que Saladino guardasse, para sempre, todos os poderes temporais da Palestina, a cair um só dos fios de cabelo de um soldado, numa guerra incompreensivel por minha causa, que, em todos os tempos, deve ser a do amor e da fraternidade universal.”

E, como se a sua visão devassasse todos os misterios do porvir, continuou a falar:

— “Infelizmente, não vejo senão o caminho do sofrimento para modificar tão desoladora situação... Aos feudos de agora, seguir-seão as corôas poderosas e, depois dessa concentração de autoridade e de poder, serão os embates da ambição e da carnificina, da inveja e da felonía, pelo estabelecimento do mais forte...”

A amargura divina empolgara toda a formosa assembléia de querubins e de arcanjos. Foi quando Helil, para renovar a impressão ambiente, dirigiu-se a Jesus com brandura e humildade:

— “Senhor, se esses povos infelizes, que procurarão na grandeza material uma felicidade impossível, marcham irremediavelmente para os grandes infortúnios coletivos, visitemos os continentes ignorados, onde espiritos jovens e simples aguardam a semente de uma vida nova. Nessas terras, para além dos grandes oceanos, poderíeis instalar o pensamento cristão, dentro das doutrinas do amor e da liberdade.”

E a caravana fulgurante, deixando um rastro de luz nas imensidades dos espaços, encaminhou-se ao continente que seria, mais tarde, o mundo americano.

O Senhor abençoou aquelas matas virgens e misteriosas. Enquanto as aves homenagea-

vam-lhe a inefável presença com o seu canticó harmonioso, as flores inclinavam-se nas arvores ciclopicas, aromatizando-lhe os eterizados caminhos. O perfume do mar casava-se ao oxigenio agreste da selva bravía, impregnando todas as coisas de um elemento de força desconhecida. No solo, eram os selvicolas humildes e simples, aguardando uma éra nova, com o seu largo potencial de energia e de bondade.

Cheio de esperanças, emociona-se o coração do Mestre, contemplando a beleza do sublimado espetáculo.

— “Helil — perguntou ele — onde fica, nestas terras novas, o recanto planetario do qual se enxerga, no infinito, o simbolo da redenção humana ?

— “Esse lugar de suaves encantos, Mestre, de onde se vê do mundo as homenagens dos céus aos vossos martirios na Terra, fica mais para o sul.”

E, quando no seio da paisagem repleta de aroma e de melodia, contemplavam as almas santificadas dos orbes felizes, na presença do Cordeiro, as maravilhas daquela terra nova que seria mais tarde o Brasil, desenhou-se no firmamento, formado de estrelas maravilhosas, no jardim das constelações de Deus, o mais suave de todos os simbolos.

Mãos erguidas para o Alto, como se invocasse a benção de seu Pai para todos os elemen-

tos daquele solo extraordinario e bendito, exclama então Jesus:

— “Para esta terra maravilhosa e bendita será transplantada a arvore do meu Evangelho de piedade e de amor. No seu solo dadivoso e fertilissimo, todos os povos da Terra aprenderão a lei da fraternidade universal. Sob estes céus serão entoadas as hosanas mais doces á misericordia do Pai Celestial... Tu, Helil, serás corporificado na Terra, no seio do povo mais pobre e mais trabalhador do Ocidente; instituirás um roteiro de coragem, para que sejam transpostas as imensidades desses oceanos perigosos e solitarios, que separam o velho do novo mundo... Instalaremos aqui uma tenda de trabalho para a nação mais humilde da Europa, glorificando os seus esforços na officina de Deus. Aproveitaremos o elemento simples de bondade, o coração fraternal dos habitantes destas terras novas, e, mais tarde, ordenarei a reencarnação de muitos Espiritos já purificados no sentimento da humildade e da brandura, entre as raças oprimidas e soffredoras das regiões africanas, para formarmos o pedestal de solidariedade desse povo fraterno que aqui florescerá, no futuro, afim de exaltar o meu Evangelho, nos seculos gloriosos do porvir... Aqui, Helil, sob a luz misericordiosa das estrelas da cruz, ficará localizado o coração do mundo !..”

E, consoante a vontade piedosa do Senhor,

todas as suas ordens foram cumpridas integralmente.

Daí a alguns anos, o seu mensageiro se estabeleceu na Terra, em 1394, como filho de D. João I e de D. Felipa de Lancastre, e foi o heroico Infante de Sagres, que operou a renovação das energias portuguezas, expandindo as suas possibilidades realizadoras para além dos mares. O elemento indigena foi chamado a colaborar na edificação da patria nova; almas bem aventuradas pelas suas renúncias, corporificaram-se nas costas da Africa, flagelada e oprimida, e, juntas a outros Espiritos em prova, formaram a falange abnegada que veio escrever, na Terra de Santa Cruz, com os seus sacrificios e com os seus soffrimentos, um dos mais belos poemas da raça negra em favor da humanidade.

Foi por isso que o Brasil, onde confraternizam hoje todos os povos da Terra e onde será modelada a obra imortal do Evangelho do Christo, muito antes do Tratado de Tordesilhas, que veio fixar as balizas das possessões espanholas, trazia já, nos seus contornos, a forma geografica do coração do mundo.

A "PATRIA DO EVANGELHO"

D. Henrique de Sagres abandonou as suas atividades na Terra em 1460.

Estava realizado, em linhas gerais, o seu grande destino. De sua casa modesta da Vila Nova do Infante, onde se encontra ainda hoje uma placa memorativa, como eterna homenagem ao grande navegador, desenvolveu ele, no mundo inteiro, um sentimento novo de amor pelo desconhecido. Desde a expedição de Ceuta, o Infante deixou transparecer, em varios documentos que se perderam nos arquivos da Casa de Aviz, a sua certeza quanto á existencia das terras maravilhosas, cuja beleza haviam contemplado os seus olhos espirituais, no passado longinquo. Toda a sua existencia de abnegação e ascetismo constituiu uma serie de relampagos luminosos no mundo de suas recordações. A prova de que os seus estudos particulares falavam já da terra desconhecida é que

o mapa de André Bianco, datado de 1448, mencionava uma região fronteira á Africa. Para os navegadores portugueses, portanto, a existencia da grande ilha austral não era mais um assunto desconhecido.

Novamente no Além, o antigo mensageiro do Mestre não descansou, chamando á sua realização numerosas falanges de trabalhadores devotados á causa do Evangelho do Senhor. Procura influenciar no curto reinado de D. Duarte, estendendo, com os seus colaboradores, essa mesma atuação ao tempo de D. Afonso V, sem lograr uma ação decisiva a favor das empresas esperadas. Aproveitando o sonho geral dos tesouros das Indias, a personalidade do Infante se desdobra, com o objetivo de descortinar o continente novo ao mundo politico do Ocidente. Enquanto a sua atuação encontra palido eco junto ás administrações de sua terra, o povo de Castela começa a preocupar-se seriamente com as idéias novas, lançando-se á disputa das riquezas entrevistas. Eleva-se então ao poder D. João II, cujo reinado se caracterizou pela previdencia e pela energia realizadora. Junto do seu coração, o emissario invisivel encontra as grandes aspirações, irmãs das suas. O Principe Perfeito torna-se o docil instrumento do mensageiro abnegado. A mesma sêde de além devora-lhe o pensamento. Expedições numerosas são organizadas. O castelo de São

Jorge é fundado por Diogo de Azambuja, na Costa de Mina; Diogo Cão descobre toda costa de Angola; por toda parte, sob o olhar protetor do grande rei, aventuram-se os expedicionarios. Mas o espirito, em todos os planos e circunstancias da vida, tem de sustentar as maiores lutas pela sua purificação suprema. Entidades atrasadas na sua carreira evolutiva se unem contra as realizações do grande principe. Depois do desastre do Campo de Santarém, no qual o filho perde a vida em condições tragicas, surgem outras complicações entre a sua direção justiceira e os nobres da epoca, e D. João II morre envenenado em Alvor, no ano de 1495.

Todavia, os planos da Escola de Sagres estavam consolidados. Com a ascensão de D. Manoel I ao poder, nada mais se fez que atingir o fim de uma longa e laboriosa preparação. Em 1498, Vasco da Gama descobre o caminho maritimo das Indias e, um pouco mais tarde, Gaspar Côrte Real descobre o Canadá. Todos os navegadores saem de Lisboa com instruções secretas quanto á terra desconhecida, que se localizava nas fronteiras da Africa e que já havia sido objeto de protesto de D. João II contra a bula de Alexandre VI, que pretendia impôr-lhe restrições ao longo do Atlantico, por sugestão dos reis catolicos da Espanha.

No dia 8 de março de 1500, prepara-se a grande expedição de Cabral ao novo roteiro das

Indias. Todos os elementos da expedição, encabeçados pelo almirante, visitaram, nesse dia, o Paço de Alcaçova e no dia 9, antes de se fazerem ao mar, imploravam os navegadores a benção de Deus, na ermida do Restelo, pouso de meditação, que a fé sincera de D. Henrique havia edificado. O Tejo estava coberto de embarcações engalanadas e, entre manifestações de alegria e de esperança, exaltava-se o pendão glorioso das quinas.

No oceano largo, o almirante considera a possibilidade de levar a sua bandeira á terra desconhecida do hemisferio sul. O seu desejo cria a necessaria ambientação ao grande plano do mundo invisivel. Henrique de Sagres aproveita esta maravilhosa possibilidade. Suas falanges de navegadores do Infinito se desdobram nas caravelas embandeiradas e alegres. Todos os ascendentes mediúnicos são aproveitados. As noites de Cabral são povoadas de sonhos sobrenaturais e, insensivelmente, as naus inquietas cedem ao impulso de uma orientação desconhecida. Os caminhos das Indias são abandonados, em meio da calmaria intensa. Em todos os corações ha uma angustiosa expectativa. O pavor do desconhecido empolga a alma daqueles homens rudes, que se haviam perdido entre o céu e o mar, nas imensidades do Infinito. Mas, a assistencia espiritual do mensageiro invisivel que, de fato, fôra ali o divino

expedicionario, derrama uma claridade de esperança em todos os animos. As primeiras mensagens da terra proxima são recebidas com alegria indizível. As ondas são agora, frequentemente, uma colcha caprichosa de folhas, de flores e de perfumes. Os pincaros elegantes da plaga do Cruzeiro são avistados e, em breve horas, Cabral e sua gente se reconfortam na praia extensa e acolhedora. Os naturais recebem-nos como irmãos muito amados. A palavra religiosa de Henrique de Coimbra é ouvida por eles com veneração e humildade. Suas habitações rusticas e primitivas são colocadas á disposição do estrangeiro e reza a cronica de Caminha que Diogo Dias dansou com eles nas areias de Porto Seguro, celebrando na praia o primeiro banquete de fraternidade na Terra de Vera Cruz.

A bandeira das quinas desfralda-se então gloriosamente nas plagas da terra bendita, para onde transplantara Jesus a arvore do seu amor e da sua piedade e, no céu, celebra-se o grande acontecimento com alegria. Assembléias espirituais, sob as vistas amorosas do Senhor, abençoam as praias extensas e claras e as florestas cerradas e bravias. Ha um jubilo introduzível em todos os corações, como se uma pomba simbolica trouxesse as novidades de um mundo mais firme, após um novo diluvio.

Henrique de Sagres, o antigo mensageiro

do Divino Mestre, rejubila-se com as bênçãos recebidas do céu. Com a alma alarmada pelas emoções mais carinhosas e mais doces, confia ao Senhor as suas vacilações e os seus receios:

— “Mestre — diz ele — graças ao vosso coração misericordioso, a terra do Evangelho florescerá agora para o mundo inteiro. Dai-nos a vossa bênção, para que possamos velar pela sua tranquillidade, no seio da pirataria de todos os seculos... Temo, Senhor, que as nações ambiciosas eliminem as nossas esperanças, arrasando as suas possibilidades e destruindo os seus tesouros...”

Mas, Jesus confiante, por sua vez, na proteção de seu Pai, não hesita na sua certeza e na sua alegria:

— “Helil, abandona essas preocupações e esses inuteis receios. A região do Cruzeiro, onde se realizará a epopéia do meu Evangelho, estará, antes de tudo, ligada eternamente ao meu coração... As injunções politicas terão, aí dentro, atividades secundarias, porque, no fundo de todas as coisas, sobre o seu sólo abençoado e exuberante, estará o sinal da fraternidade universal, unindo todos os espiritos. Sobre a sua volumosa extensão pairará constantemente o sinal da minha assistencia compassiva, e a mão prestigiosa e imperecível de Deus repousará sobre a terra de minha cruz, com a sua infinita misericordia... As potencias impe-

rialistas da Terra esbarrarão sempre junto á luz de suas claridades divinatórias e das suas ciclopicas realizações. Antes de o estar aos homens, é ao meu coração que ela se encontra ligada eternamente. . . ”

Nos céus imensos, havia clarões estranhos de uma benção divina. No seu solio de estrelas e de flores, o Supremo Senhor sancionara, por certo, as doces promessas de seu Filho.

E foi assim que o minuscuro Portugal, através de tres longos seculos, embora preocupado com as suas fabulosas riquezas das Índias, pôde conservar, contra flamengos e ingleses, franceses e espanhóis, a unidade territorial de uma patria com oito milhões de kilometros quadrados e com oito mil kilometros de costa marítima. Nunca houve um exemplo como esse em toda a historia do mundo. As possessões espanholas se fragmentaram, formando cerca de vinte republicas diversas. Os estados americanos do norte devem a sua posição territorial ás anexações e ás lutas de conquista. A Luiziania, o Novo Mexico, o Alaska, a California, o Texas, o Oregon, surgiram depois da emancipação das colonias inglesas. Só o Brasil conseguiu guardar-se uno e indivisivel na America, entre os embates politicos de todos os tempos. E' que a mão do Senhor paira sobre a sua longa extensão e sobre as suas extraordinarias riquezas. O coração geografico do orbe não se podia fracionar.

III

OS DEGREDADOS

Todos os espiritos edificados nas lições sublimes do Senhor reuniram-se, logo após o descobrimento da nova terra, celebrando o acontecimento, nos espaços do Infinito. Grandes multidões elegantes e aéreas formavam imensos hifens de luz, entre a terra e o céu. Uma torrente impetuosa de perfumes se elevava da paisagem verde e florida, em busca do firmamento, de onde voltava á superficie do sólo, saturada de energias divinas. Sobre os ninhos quentes das arvores, pousavam as vibrações renovadoras das esperanças santificantes e, no Além, ouviam-se as musicas evocadoras da Galiléia, exuberante e agreste, antes das lutas arrasadoras das Cruzadas, que lhe talaram todos os campos, transformando-a num montão de ruinas. Afigurava-se que a região dos pescadores humildes, que conheceu, com mais intensidade, os passos do Divino Mestre, se havia transplantado

igualmente para o continente novo, dilatada em seus suaves contornos.

Uma alegria paradisiaca reinava em todas as almas que comemoravam o advento da Pátria do Evangelho, quando se fez presente, na assembléia angusta, a figura misericordiosa do Cordeiro.

Um sorriso complacente pairava nos seus lábios angelicos e as suas mãos liricas seguravam um largo estandarte branco, como se um fragmento de sua alma radiosa estivesse ali dentro, transubstanciado naquela bandeira de luz, que era o mais delicioso dos símbolos de perdão e de concordia.

Dirigindo-se a um dos seus elevados mensageiros na face do orbe terrestre, em meio do divino silencio da multidão espiritual, a sua voz falou com doçura:

“— Ismael, manda o meu coração que doravante sejas o zelador dos patrimonios imortais que constituem a Terra do Cruzeiro. Recebe-a nos teus braços de trabalhador devotado de minha seara, como o recebi no coração, obedecendo a sagradas inspirações do Nosso Pai. Reune as incansaveis falanges do Infinito, que cooperam nos ideais sacrossantos de minha doutrina, e inicia, desde já, a construção da patria do meu ensinamento. Para aí transplantei a arvore da minha misericordia e espero que a cultives com a tua abnegação e com o teu subli-

mado heroismo... Ela será a doce paisagem dilatada do Tiberiades, que os homens aniquilaram, na sua sêde de carnificina. Guarda este simbolo da paz e inscreve na sua imaculada pureza o lema da tua coragem e do teu proposito de bem servir á causa de Deus e, sobretudo, lembra-te sempre de que estarei contigo, no cumprimento dos teus deveres, com os quais abrirás para a humanidade dos seculos futuros um caminho novo, com a sagrada revivescencia do Cristianismo...”

Ismael recebe o lábaro bendito das mãos compassivas do Senhor, cheio de lagrimas de reconhecimento, e, como se estivesse em ação o impulso secreto de sua vontade, eis que a bandeira suave tem agora uma insignia. Na sua branca substancia, uma tinta celeste insculpira o lema imortal: “Deus, Cristo e Caridade”. Todas as almas ali reunidas entôam uma hosana melodiosa e intraduzivel á sabedoria do Senhor do Universo. São vibrações gloriosas da espiritualidade, que se elevam pelos espaços ilimitados, louvando o Artista Inimitavel e o Matematico Supremo de todos os sóis e de todos os mundos.

O emissario de Jesus desce então á terra, onde estabelecerá a sua officina. Os exercitos dos sêres redimidos e luminosos acompanham a sua esplendida trajetoria e, como se o chão do Brasil fosse a superficie de um novo Helicon da

imortalidade, a natureza, macia e cariciosa, toda se enfeita de luzes e sombras, de sinfonias e de ramagens perfumosas, preparando-se para um banquete dos deuses.

Os caminhos agrestes são agora sendas de maravilhosa beleza, rasgada pelas coórtes do invisível.

Nessa hora, a frota de Cabral foge das águas verdes e fartas da baía de Porto Seguro.

Nas fitas extensas da praia, estão chorando, desesperadamente, os dois degredados, dos vinte párias sociais que o rei D. Manoel I destinara ao exílio nas Índias.

Os homens do mar afastam-se daqueles sitios, levando as amostras de sua extraordinária riqueza. Em a toda paisagem existe um largo ponto de interrogação, enquanto os dois infelizes se lastimam sem consolo e sem esperança. Os selvicolas amáveis e fraternos abrem-lhes os braços; é dos seus corações rudes e simples que desabrocham, para a sua amargura, as flores amigas de um brando conforto.

Mas, Afonso Ribeiro, um dos condenados ao penoso desterro, avança numa piroga desprotegida e desmantelada, sem que os olhos da historia lhe enxergassem o gesto de profunda desesperação, a caminho do mar alto. Ao longe, percebem-se ainda os derradeiros mastros das caravelas itinerantes. O infeliz degredado anseia por morrer. Os ultimos gemidos são

abafados na sua garganta exausta. Seus olhos, inchados de pranto, contemplam as duas imensidades, a do oceano e a do céu, e, esperando na morte o socorro suave, exclama do intimo do seu coração:

— “Jesus, tende piedade da minha infinita amargura !... Enviai a morte ao meu espirito desterrado... Sou inocente, Senhor, e padeço a tirania da injustiça dos homens... Mas, se a traição e a covardia me arrebataram de minha patria, afastando dos meus olhos as paisagens queridas e os afetos mais santos do coração, essas mesmas calúnias não me separaram da vossa misericórdia !...”

Nesse instante, porém, o pobre exilado sente que uma alvorada de luz estranha lhe nasce no âmago da alma atribulada. Uma esperança nova apossa-se de todas as suas fibras emotivas e, como num suave milagre, a sua jangada rustica regressa, céleremente, á praia distante. Em vão as ondas sinistras e poderosas tentam arrebatá-lo para o oceano largo. Uma força misteriosa condu-lo á terra firme, onde o seu coração encontrará uma familia nova.

Ismael havia realizado o seu primeiro feito nas Terras de Vera Cruz. Trazendo um naufrago e inocente para a base da sociedade fraterna do porvir, ele obedecia a sagradas determinações do Divino Mestre. Primeiramente, surgiram os indios, que eram os simples de co-

ração; em segundo lugar, chegavam os sedentos da justiça divina e, mais tarde, viriam os escravos, como a expressão dos humildes e dos aflitos, para a formação da alma coletiva de um povo bem aventurado por sua brandura e fraternidade. Naqueles dias longínquos de 1500, já se ouviam no Brasil os ecos suaves e doces do Sermão da Montanha.

IV

OS MISSIONARIOS

D. Manoel I recebeu notícias do descobrimento das terras novas, sem grande surpresa. Seu espirito achava-se voltado para os tesouros inesgotáveis das Indias, que faziam da Lisboa daquele tempo uma das mais poderosas cidades marítimas da Europa.

Contudo, o sucesso do almirante provocou um largo movimento de curiosidade no círculo dos navegadores portugueses. Quase todas as expedições que se dirigiam aos régulos da Asia tocavam nos portos vastos de Vera Cruz, cujo norte já centralizava as atenções dos comerciantes francêses, que aí se abasteciam de vastas provisões de páu-brasil.

Geralmente, as caravelas lusitanas que demandavam Calicut traziam consigo grande numero de exilados e de aventureiros. Muitos deles foram abandonados no extenso litoral do país inexplorado e desconhecido, ao influxo das

inspirações do mundo invisível; essas criaturas vinham como batedores humildes, á frente dos trabalhadores que, mais tarde, chegariam ás terras novas.

A situação oficial perdurava com a indiferença do monarca, distraído pelas suas conquistas no Ocidente; mas, entre as autoridades administrativas do Reino, comentava-se a questão da nova colonia, abandonada aos exploradores francêses e espanhóis. Compellido pela opinião de seu tempo, D. Manoel providencia a primeira expedição oficial, afim de que se collocasse nas suas praias extensas o sinal das armas portuguezas. Prepara-se a grande expedição de Gonçalo Coelho, que, além de alguns cosmógrafos notaveis, levava consigo Americo Vespucio, famoso na historia americana pelas suas cartas acerca do Novo Mundo, nas quais, infelizmente, reside grande percentagem de literatura e de pretensiosa imaginação. Chegando ao litoral baiano, Gonçalo Coelho organiza a Feitoria de Santa Cruz, primeiro nucleo da civilização occidental nas plagas brasileiras. O nome do país é agora Terra de Santa Cruz, pelo qual é conhecido nos documentos da metropole.

Depois de graves incidentes, nos quais Vespucio abandona-se a aventuras pelo interior da colonia, na sua sêde de posição e de glória, o expedicionario portuguez, pobre de possibilidades e com raros companheiros, lança os marcos de

Portugal ao longo de toda a costa brasileira. Uma das emoções mais gratas para o seu espirito é o quadro maravilhoso da Baía de Guanabara. Julgando-se no estuario de um rio esplendido, denomina Rio de Janeiro o local, em virtude de se encontrar ali nos primeiros dias do primeiro mês do ano. No sitio encantado, instala uma nova Feitoria — a da Carioca, da qual não ficaram largos vestigios, permanecendo aí meses a fio, retemperando as suas energias em contacto com a paisagem magnifica. Prossegue na sua tarefa de reconhecimento, voltando depois á metropole sem conseguir interessar o monarca no que se referia á exploração da terra nova. Limitou-se o rei portuguez a permitir o estabelecimento de feiras de páu-brasil, na colonia longinqua, o que facultou aos elementos estrangeiros o mais largo desenvolvimento de comercio com os indigenas da região litoranea.

De Portugal, somente aportavam no Brasil de vez em quando, alguns aventureiros e degredados, obedecendo a um apêlo inexplicavel e desconhecido.

Foi, aproximadamente, por essa epoca, que Ismael reuniu uma grande assembléia dos seus colaboradores mais devotados, no objetivo de instituir um programa para as suas atividades espirituais na Terra de Santa Cruz:

— “Irmãos — exclamou ele no seio da multidão de companheiros abnegados — plan-

támos aqui, sob o olhar misericordioso de Jesus, a sua bandeira de paz e de perdão... Todo um campo de trabalhos se desdobra ás nossas vistas. Precisamos de colaboradores devotados que não temam a luta e o sacrificio. Voltemos para os centros culturais de Coimbra e de Lisboa, regenerando as fontes do pensamento, no elevado sentido de ampliarmos a nossa ação espiritual... Alguns de vós permaneceréis em Portugal, mantendo de pé os elementos protetores dos nossos trabalhos, e a maioria terá de envergar o sambenito humilde dos missionarios penitentes, levando o amor de Deus aos sertões invios e desprotegidos de todo o conforto. Temos de buscar no seio da igreja as roupagens exteriores de nossa ação regeneradora. Infelizmente, a dolorosa situação do mundo europeu, em virtude do fanatismo religioso, tão cedo não será modificada... Somente as grandes realizadores realizarão a fraternidade no seio da instituição que deveria representar o pensamento do Senhor na face da Terra, desviada dos seus grandes principios pela mais terrivel de todas as fatalidades historicas, dentro das quais foi a igreja obrigada a participar do organismo mundano e perecível dos Estados... Um sôpro de reformas se anuncia, impetuoso, no âmago das organizações religiosas da Europa e, em breves dias, Roma conhecerá momentos muito amargos, não obstante os sonhos de arte e de gran-

deza de Leão X que detem, neste instante, uma corôa injustificavel, porquanto o reino de Jesus ainda não é desse mundo; mas, temos de aproveitar as possibilidades que o seu campo nos oferece para encetar essa obra de edificação da patria do Cordeiro de Deus...

Pregareis, em Portugal, a verdade e o desprendimento das riquezas terrestres e trabalhareis, sob a minha direção, nas florestas imensas de Santa Cruz, arrebanhando as almas para o Unico Pastor... O caracteristico de vossa ação, como missionarios do Pai Celestial, será o vosso testemunho legitimo de renúncia a todos os bens materiais e a vossa consoladora pobreza..."

Quase todos os Espiritos santificados, ali presentes, se oferecem como voluntarios da grande causa. Entre muitos, descobriremos aí José de Anchieta e Bartolomeu dos Mártires. Manuel da Nobrega, Diogo Rodrigues, Leonardo Nunes e muitos outros, foram tambem dos chamados para esse conclave do mundo invisível.

Em 1531, quando Portugal resolveu, sob a direção de D. João III, a primeira tentativa de colonização da Terra de Santa Cruz, alguns jovens missionarios, convocados por essa angusta assembléia, chegavam ao Brasil com Martim Afonso de Souza e a sua companhia de trezentos homens, participando ativamente da cate-

quése dos índios, na fundação de S. Vicente e de Piratininga.

Nobrega aportava, mais tarde, em Porto Seguro com Tomé de Souza, o primeiro governador geral da colônia, em 1534, chefiando um grande número desses irmãos dos simples e dos infelizes, estabelecendo novos elementos de progresso e dando início á cidade do Salvador.

Anchieta vinha depois, em 1553, com Duarte da Costa, transformando-se no desvelado apóstolo do Brasil. Designado para desenvolver, particularmente, os núcleos de civilização já existentes em Piratininga, ali permaneceu no seu respeitável collegio, que todos os governos paulistas conservaram com veneração carinhosa, como uma tradição de sua cultura e de sua bondade. Alguns historiadores falam com severidade acerca da energia vigorosa do apóstolo que, muitas vezes, foi obrigado a assumir atitudes extremas no seio das tribus, que lhe mereciam as dedicações e os carinhos de um pai. Anchieta aliou, no mundo, á suprema ternura, essa energia realizadora; mas, aqueles que na historia official lhe descobrem esses gestos, não lhe notam a suavidade do coração e a profundeza dos sacrificios, nem sabem que, depois, foi ainda ele a maior expressão de humildade no antigo convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro, onde, com o hábito singelo de um frade, adocicou ainda mais as suas concepções

de autoridade. A edificadora humildade de um Fabiano de Cristo, aliada a um sentimento de renúncia total de si mesmo, constituia a ultima pedra que faltava na sua corôa de apóstolo da imortalidade.

D. João III teve a infelicidade de introduzir em Portugal o organismo sinistro da Inquisição. Com o tribunal da penitencia, vieram os Jesuitas.

Não constitue objeto do nosso trabalho o exame dos erros profundos da condenável instituição que fez da Igreja, por muitos seculos, um centro de perversidade e de sombras compactas em todas as nações européas, que a abrigaram á sombra da máquina do Estado, mas, sim, a exaltação daqueles missionarios de Deus, que afrontavam a noite das selvas, para aclarar as consciencias com a lição suave do Martir do Calvario. Esses homens abnegados eram, de fato, "o sol da nova terra".

Os falsos sacerdotes poderiam continuar massacrando, em nome do Senhor, que é a misericordia suprema; poderiam prosseguir ostentando as purpuras luxuosas e todas as demais suntuosidades do reino mentiroso desse mundo, incensando os poderosos da Terra e distanciados dos pobres e dos aflitos; mas, os doces missionarios da cruz ouviam a voz de Ismael, no amago de suas almas; aos seus sagra-dos apêlos, abandonaram todos os bens, seguin-

do nos rastros luminosos d'Aquele que foi e será sempre a luz do mundo. Foram eles os primeiros traços de luz das falanges imortais do Infinito, corporificadas na terra do Evangelho, e, com a sua divina pobreza, foram os iniciadores da grande missão apostólica do Brasil no seio do mundo moderno, inaugurando aqui um caminho resplandecente para todas as almas, transformando a terra do Cruzeiro numa dourada e eterna Porciúncula.

V

OS ESCRAVOS

Nesse dia preparava-se, numa das esferas superiores do Infinito, o encontro de Ismael com Aquele que será sempre a luz do mundo.

Por toda parte, abriam-se flores evanescentes, oriundas de um solo de radiosas neblinas. Luzes policromicas enfeitavam todas as paisagens celestes, que se perdiam na incomensuravel extensão dos espaços felizes.

Rodeado dos seres santificados e venturosos que constituem a coôrte luminosa de seus mensageiros abnegados, recebeu o Senhor, com a sua complacencia, o emissario dileto do seu amor, nas terras do Cruzeiro.

Ismael, porém, não trazia no coração o sinal da alegria. Seus traços fisionomicos deixavam mesmo transparecer uma angelical amargura.

— “Senhor — exclama ele — sinto dificuldades para fazer prevaleçam os vossos desig-

nios, nos territorios onde pairam as vossas bênçãos dulcificantes... A civilização que ali se inicia sob os imperativos da vossa vontade compassiva e misericordiosa, acaba de ser contaminada por lamentáveis acontecimentos. Os donatarios dos imensos latifundios de Santa Cruz fizeram-se á vela, escravizando os negros indefesos da Loanda, da Guiné e de Angola... Infelizmente os pobres cativos, miseráveis e desditosos, chegam á patria do vosso Evangelho como se fossem animais bravios e seivagens, sem coração e sem consciencia..."

O mensageiro, porém, não conseguiu continuar. Soluços divinos rebentavam-lhe do peito oprimido, evocando tão amargas lembranças...

Mas, o Divino Mestre cingindo-o ao seu coração augusto e magnanimo, explicou brandamente:

— "Ismael, serena o teu mundo íntimo no cumprimento dos sagrados deveres que te foram confiados. Bem sabes que os homens têm a sua responsabilidade pessoal, nos feitos que realizam em suas existencias isoladas e coletivas. Mas, se não podemos tolher-lhes a liberdade, também não podemos esquecer que existe o instituto imortal da justiça divina, onde cada qual receberá de conformidade com os seus atos. Havia eu determinado que a Terra do Cruzeiro se povoasse de raças humildes do planeta, buscando-se a colaboração dos povos so-

fredores das regiões africanas; mas, para que essa cooperação fosse efetivada sem o atrito das armas, aproximei Portugal daquelas raças sofredoras, sem violencias de qualquer natureza. A colaboração africana deveria, pois, verificar-se sem abalos perniciosos no capítulo das minhas amorosas determinações. O homem branco da Europa, porém, está prejudicado de uma educação espiritual condenável e deficiente. Desejando entregar-se ao prazer fictício dos sentidos, procura eximir-se aos trabalhos pesados da agricultura, alegando o pretexto dos climas considerados impiedosos... Eles terão liberdade para humilhar os seus irmãos, considerando-se a grande lei do arbitrio independente, embora limitado, instituido por Deus para reger a vida de todas as criaturas, dentro dos sagrados imperativos da responsabilidade individual; mas, os que praticarem o nefando commercio sofrerão igualmente o mesmo martirio, nos dias do futuro, quando forem também vendidos e flagelados em identidade de circunstancias. Na sua sêde nociva de gôzo, os homens brancos ainda não perceberam que a evolução pertence á prática do bem, e que todo o determinismo de Nosso Pai deve ser assinalado pelo "amai ao proximo como a vós mesmos", ignorando voluntariamente que o mal gera outros males, com o seu largo cortejo de sofrimentos... **Todavia, através dessas linhas tortuosas, im-**

postas pela vontade livre das criaturas humanas, operarei com a minha misericórdia... Colocarei a minha luz sobre essas sombras, amenizando tão dolorosas crueldades. Prossigue com as tuas renúncias em favor do Evangelho e confia na vitória da Providência Divina..."

Calara-se a voz de Jesus por instantes e mais confortado, Ismael continuou:

— "Senhor, não terieis um meio direto de convencer a política dominante, no sentido de se purificar o ambiente moral da Terra de Santa Cruz ?

Ao que o Divino Mestre esclareceu sábia-mente:

— "Não nos compete cercear os atos e intenções dos nossos semelhantes, e sim cuidar intensamente de nós mesmos, considerando que cada um será justicado na pauta de suas próprias obras. Infelizmente Portugal, que representa um agrupamento de espiritos trabalhadores e dedicados, remanescente dos antigos fenícios, não soube receber as facilidades que a misericórdia do Supremo Senhor do Universo lhe outorgou nestes últimos anos. Até aos meus ouvidos têm chegado as súplicas dolorosas das raças flageladas por sua prepotencia e desmesuradas ambições. Na velha Península já não existe o povo mais pobre e mais laborioso da Europa. O luxo das

conquistas amoleceu-lhe as fibras criadoras e todas as suas preciosas energias e qualidades de trabalho vêm esmorecendo, sob o montão de riquezas fabulosas... Entretanto, o tempo é o grande mestre de todos os homens e de todos os povos, e, se não nos é possível cercear o arbitrio livre das almas, poderemos mudar o curso dos acontecimentos, afim de que o povo lusitano aprenda, na dor e na miseria, as lições sagradas da experiencia e da vida."

Ismael retornou á luta, cheio de fervorosa coragem e os acontecimentos foram modificados.

Os donatarios cruéis sofreram os mais tristes reveses no solo do Brasil.

Os Tupinambás e os Tupiniquins, que se localizavam na Baía e haviam recebido Cabral com as melhores expressões de fraternidade, reagiram contra os colonizadores transformados, para eles, em desalmados verdugos. Lutas cruentas desencadearam contra os brancos, que lhes depravaram os costumes.

A luxuosa expedição de João de Barros, que se destinava ao Maranhão, mas que saíra de Lisbôa com instruções secretas para conquistar o ouro dos Incas, no Perú, dispersou-se no mar, sofrendo os seus componentes infinitos martirios e resgatando com elevados tributos de sofrimento as suas criminosas intenções, na condenavel aventura.

Os tesouros das Indias levaram o povo português á decadencia e á miseria, pela disseminação dos artificios do luxo e pelas campanhas abominaveis da conquista, cheias de crueldade e de sangue. A sêde de ouro ordenava o abandono de todos os campos.

A Casa de Aviz, sob cujo reinado se iniciou o trafico hediondo dos homens livres, desapareceu para sempre, depois de sucessivos desastres. Após a derrota de D. Sebastião em Alcácer Kebir, o trono caiu nas mãos do Cardeal D. Henrique e, em 1580, Portugal exânime, entrega-se ao dominio da Espanha, acentuando-se a sua decadencia com Felippe II, o mais fanatico e o mais cruél de todos os principes da Europa do seculo XVI.

Na formação da Patria do Evangelho, o homem branco alterara os fatores, com as suas taras estratificadas e com a sua vontade independente; mas Jesus alterou os acontecimentos com o seu poder magnânimo e misericordioso.

Os filhos da Africa foram humilhados e abatidos, no solo onde florescia as suas bençãos renovadoras e santificantes; o Senhor, porém, lhes sustentou o coração oprimido, iluminando o calvario dos seus indiziveis padecimentos com a lampada suave do seu inesgotavel amor. Através das linhas tortuosas dos homens, realizou Jesus os seus grandes e bendi-

tos objetivos, porque os negros das costas africanas foram uma das pedras angulares do monumento evangelico do coração do mundo. Sobre os seus ombros flagelados, carregaram-se quase todos os elementos materiais para a organização física do Brasil e, do manancial de humildade de seus corações resignados e tristes, nasceram lições comovedoras, imunizando todos os espiritos contra os excessos do imperialismo e do orgulho injustificaveis, das outras nações do planeta, dotando-se a alma brasileira dos mais belos sentimentos de fraternidade, de ternura e de perdão.

A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Nas praias largas e fartas de Santa Cruz, floresciaam cidades prestigiosas. Com o feudalismo das capitánias, as cidades modernas do litoral do Brasil conheciam já os seus primórdios, destacando-se, entre todas, os núcleos populosos de Salvador e São Vicente, em vista das facilidades encontradas pelos colonizadores, com o auxílio dos Caramurús e dos Ramalhos, que os haviam precedido na ação, junto dos indígenas.

Contudo, Portugal ainda não se decidira a destacar os seus elementos mais valorosos para os trabalhos da colônia, preferindo enviar-lhe criminosos e homens sem escrúpulos. Por toda parte, buscavam os naturais os recantos desconhecidos das florestas remotas, fugindo á escravidão e ás torturas injustificáveis que lhes infligiam os homens brancos, que eles, um dia,

havam acolhido com as mais altas expressões de fraternidade.

O atrito das raças dava ensejo aos quadros mais dolorosos e mais lamentáveis.

Tomé de Souza estava substituído por Duarte da Costa, que, como o primeiro governador geral, trouxera também consigo alguns dos missionários concitados por Ismael ao novo apostolado nas florestas americanas.

Por essa época, os franceses desejaram aproveitar a encantadora beleza da Baía de Guanabara, estabelecendo aí uma feitoria, nos mesmos sitios por onde se havia retemperado Gonçalo Coelho, nos primeiros anos decorridos após o descobrimento. Com a proteção do Almirante Coligny, então favorito do rei Henrique II. de França, Nicolau de Villegaignon aporta á baía maravilhosa em 1555, fundando uma colônia na Ilha de Seregipe, que tomou, mais tarde, o seu nome. Das arvores de Uruçumirim, que é hoje a praia elegante do Flamengo, os tamoiós valentes contemplavam, receosos, a intromissão dos europeus na sua região privilegiada. Mas, Villegaignon, com a sua mentalidade religiosa e honesta, consegue captar a confiança dos naturais, concedendo-lhes o mesmo tratamento dispensado aos seus companheiros. Os indígenas recebem carinhosamente a orientação de Paicolás, tornando-se devotados colaboradores da sua obra.

Enquanto os franceses se vão apoderando da costa, D. Duarte, na Baía, observa os seus movimentos, impossibilitado de adotar quaisquer providencias. A metropole portuguesa não se digna de enviar á colonia distante os elementos necessarios para a sua conservação e defesa. Villegaignon localizado na Guanabara, edifica a sua obra; mas, os padres calvinistas que lhe acompanharam a expedição, inutilizam-lhe, muitas vezes, o trabalho construtivo, com as suas discussões esterilizadoras. Em 1559, regressa á França, no proposito de buscar recursos officiais, sem jamais tornar ao Brasil, ficando os seus compatriotas abandonados na colonia nascente.

Em 1557, havia assumido o governo geral de Santa Cruz, Mem de Sá, que combate, sem treguas, a influencia dos estrangeiros. Com a sua ação, expelle os franceses do Rio de Janeiro, destruindo-lhes as fortificações. Mal, porém, se havia retirado o governador, voltaram os franceses dispersos a reassumir a sua posição na ilha de Seregipe, com o auxilio dos tamoiros, reunidos a esse tempo, na maior confederação indigena que já existiu em terras do Brasil, sob a direção de Cunabebe, contra as perversidades dos colonizadores portugueses. O governador geral reconhece a necessidade de fundar-se uma povoação que aí ficasse como sentinela da costa, afim de eliminar os derradeiros

resquícios das influencias francesas. O grande projeto aguarda ensejo favoravel para a sua concretização. Estacio de Sá, sobrinho do governador, é então incumbido de comandar uma guarnição que ali se conserva, defendendo o reduto; a povoação se reparte em pequenas guarnições de militares, junto ao Pão de Assucar, e numa das numerosas ilhas do golfo esplendido. Os franceses, todavia, unem-se aos indios e Estacio de Sá morre, em 1567, sustentando essas guerras. O combate, em tais circunstancias, assume proporções asperrimas e rudes. Mem de Sá reúne todas as forças disponiveis nas cidades da colonia e ataca todas as fortificações que existiam onde hoje se localizam a praia do Flamengo e a Ilha do Governador, obtendo a mais completa vitoria sobre o inimigo, permitindo, porém, lamentavelmente, que aí se consumassem inauditas crueldades com os vencidos.

Os portugueses instalam, então, a cidade, que fica definitivamente fundada no morro de São Januario, mais tarde do Castelo. Em homenagem ao martir do Cristianismo, recebeu a cidade o nome de São Sebastião, ficando outro sobrinho do governador na sua administração.

Nas esferas superiores do infinito, Ismael e suas abnegadas falanges choram sobre tão lamentaveis acontecimentos, quais o suplicio imposto a João de Bolés, pelos elementos de

mais confiança dos maiores da espiritualidade.

A cidade fica sob a proteção espiritual de Sebastião, o grande filho de Narbonne, martirizado pela sua fé cristã ao tempo de Diocleciano, em 288 da nossa era. Estacio de Sá reúne-se ás falanges invisíveis, encarregadas de cooperar no progresso daqueles sitios. Sob as vistas amorosas do desvelado patrono da cidade, desdobra as suas dedicações a favor de sua evolução, entre os nucleos florescentes. Muitas vezes, voltou Estacio a se corporificar na Patria do Evangelho, para viver na paisagem predileta dos seus olhos. Sua personalidade aí adquiriu elementos de ciencia e de virtude e, ainda ha alguns anos, se podia reencontra-la na figura do grande benemerito do Rio de Janeiro, que foi Osvaldo Cruz.

Depois das lutas sanguinolentas nas praias da baía mais bela do mundo, em que os vícios europeus, com as suas nefandas guerras religiosas, batalhavam entre si, extendendo as suas crueldades até ao Novo Mundo, Ismael considerou a necessidade de estabelecer uma direttriz para a organização economica da terra do Cruzeiro. Após a elaboração desse largos projetos de ação do mundo invisível, o sabio mensageiro do Senhor estabelece as funções de cada região da patria brasileira. Junto do golfo enorme, onde os contornos da paisagem assumem as expressões mais suaves e mais es-

fantosias, reunindo os mais graciosos caprichos da natureza, fixa ele as linhas de uma urbs maravilhosa, que será a séde do pensamento brasileiro e, mais fundamente, no coração da terra moça e bravia, traceja as plantas magnificas das duas usinas mais poderosas onde se guardará o profundo manancial de suas forças organicas. Os pontos de fixação dessas sagradas balizas são encontrados ao longo dos seiscentos quilometros de extensão do Paraíba ao Sul, e nas cabeceiras do São Francisco, cuja corrente deverá lançar, pelo seu percurso de quase três mil quilometros, todas as sementes da brasilidade mais pura.

Aproveitou Ismael os nucleos orientadores de Piratininga, que se expandiriam, mais tarde, com as audaciosas bandeiras.

A linha do coração do Brasil, até hoje, aí se encontra estabelecida.

Ninguém pode negar a hegemonia da intellectualidade carioca e fluminense, desde os tempos em que a cidade de São Sebastião se deramou do Morro do Castelo, invadindo as ilhas, absorvendo as praias extensas e elevando-se pelos outeiros vizinhos. São Paulo e Minas de hoje, foram as regiões escolhidas como as duas fontes poderosas que guardariam o potencial de energias organicas da terra, formando os primeiros índices da etnologia brasileira. As aguas do Paraíba do Sul e as de todo o per-

curso do São Francisco ainda constituem esse roteiro singular, onde se vai conhecer os característicos mais fortes do povo fraternal da terra do Cruzeiro. Cada Estado do Brasil tem a sua função essencial no corpo ciclopico da patria que representa o coração geografico do mundo; mas, em S. Paulo e em Minas Gerais localizaram-se, por uma determinação do invisível, os elementos indispensaveis à organização da patria esplendida. Ambos serão ainda, por muito tempo, as conchas da balança politica e economica da nacionalidade e os dínamos mais poderosos da sua produção. Obedecendo aos elevados propositos do mundo invisível, ambos ficaram irmanados junto do cérebro do país, por indefectiveis disposições do determinismo geografico, que os reúne para sempre. Os Espiritos infelizes e perturbados, inimigos da obra de Jesus, mas que serão um dia convertidos ao supremo bem, pela sua infinita piedade, agem de preferencia nos bastidores administrativos dos dois grandes Estados brasileiros, provocando a vaidade dos seus homens publicos, levantando tricas politicas e conduzindo-os, muitas vezes a lutas fratricidas e tenebrosas, no sentido de atrasar os triunfos divinos do Evángelho no coração de todas as almas.

Mas, os devotados obreiros do Além não descansam em sua faina de abnegação e de re-

núncia, e, ainda agora, em 1932, quando um distinto jornalista da atualidade rasgava a bandeira nacional na capital paulista, no seu famoso discurso sem palavras, José de Anchieta, de quem João de Bolés é agora um dedicado colaborador, junto a outros genios espirituais da terra brasileira se reuniam no Collegio de Piratininga, implorando a Jesus derramasse o doce bálsamo da sua humildade sobre o orgulho ferido dos valorosos piratininganos. Ismael estende, então, o seu lábaro de perdão e de concordia sobre os movimentos fratricidas, reunindo de novo os irmãos dos dois grandes Estados centrais do país, para a realização da sua obra do Evangelho.

As fraquezas e vaidades humanas, fermentadas por forças maleficas do mundo, têm separado muitas vezes as coletividades dos dois grandes Estados da Republica, levando-os á inimizade e quase ruína; mas, muito em breve, quando as sombras da confusão dos tempos modernos invadirem ameçadoramente os céus da patria, ambos compreenderão a imperiosa necessidade de se unirem para sempre, como irmãos muito amados e, novos simbolos de Castor e Pollux, expandirão junto as suas energias étnicas, modeladoras da terra do Evangelho, absorvendo nos seus surtos extraordinarios as expressões excessivamente indiáticas do Amazonas, ao norte, e as influencias platinas nas

planícies do Rio Grande, por cumprirem, de mãos dadas, os imperativos da sua grande missão histórica.

Nesse tempo, que não vem muito longe, as mensagens de fraternidade e de amor, expedidas pelos genios inspiradores do Brasil, do sagrado Colegio de Piratininga tocarão, primeiramente, na corôa de suaves neblinas das montanhas, antes de ascenderem para os céus.

VII

OS NEGROS DO BRASIL

Sob o dominio espanhol, Portugal sofria todas as consequencias da sua desidia e da sua imprevidencia. A Espanha guardava o cétro de um imperio resplandecente e maravilhoso. Suas frotas poderosas cobrem as aguas de todos os mares, carreando os tesouros do Mexico e do Perú, do Brasil e das Indias, os quais faziam afluir para Madrid a mais elevada percentagem de ouro do mundo inteiro.

Até hoje, comenta-se com espirito a frase célebre de Francisco I, que desejava conhecer a disposição testamentaria de Adão, que dividira o mundo entre espanhóes e portugueses, desherdando-o a ele.

A esse tempo, a terra do Evangelho não é mais conhecida pelo nome suave de Santa Cruz. A fôrça das expressões comuns, dos negociantes que vinham buscar as suas fartas provisões de pau brasil, o seu nome prende-se agora ao

privilegio das suas madeiras. Os missionarios da colonia protestaram contra a innovação adoptada, mas as falanges do Infinito sancionam a novidade, imposta pelo espirito geral considerando as terriveis crueldades cometidas na Baía de Guanabara, em nome do mais suave dos symbolos. A sanção de Ismael á escolha da nova expressão, objectivava resguardar a patria do Cruzeiro dos perigos da Inquisição, que na Europa fomentava os mais hediondos movimentos, em nome do Senhor.

A situação, no Brasil, sob todos os pontos de vista, como a da metropole portugueza, era dolorosa e cruel, embora governado por funcionarios de Lisbôa, segundo as combinações estipuladas na Península.

A raça aborigene e a raça negra sofriam toda a sorte de humilhações e vexames. Os indios procuravam o norte, em busca dos seus amigos francezes que, expulsos do Rio por Mem de Sá, concentravam suas actividades no Maranhão, onde pretendiam fundar a França equinocial, preocupando seriamente as autoridades da colonia. E a situação geral era a mais deploravel. Ismael e seus abnegados colaboradores sofrem intensamente, nos seus trabalhos arduos e quase improfficuos, no sentido de organizar o Instituto sagrado da familia nas floretsas inhóspitas, onde os brancos não desejavam con-

siderar as leis humanas ou divinas, na sua condição de superioridade.

Aos céus ascendem os aflitivos apêlos dos obreiros invisiveis:

— “Senhor, — exclama Ismael, nas suas preocupações — estendei até nós o manto de vossa infinita misericordia... Enviai-nos o socorro das vossas benções divinas, para que as nossas vozes sejam ouvidas pelos espiritos que aqui procuram edificar uma patria nova... Nosso coração se comove ante os quadros deploraveis que se deparam ás nossas vistas... Por toda a parte, são os infortunios das raças flageladas e sofredoras...”

Todavia, uma voz suave e doce lhe responde do Infinito: —

— “Ismael, nas tuas obrigações e trabalhos, considera que a dor é a eterna lapidária de todos os espiritos e que o Nosso Pai não concede aos filhos um fardo superior ás suas forças, nas lutas evolutivas. Abriga aí, na sagra da extensão dos territorios do país do evangelho, todos os infortunados e todos os infelizes. No meu coração, ecoam as súplicas dolorosas de todos os seres sofredores, que se agrupam nas regiões inferiores dos espaços proximos da Terra. Agasalha-os no solo bendito que recebe as irradiações do simbolo estrelado, alimentando-os com o pão substancioso dos sofrimentos depuradores e das lagrimas que lavam todas as

manchas da alma... Leva a essas coletividades espirituais, sinceramente arrependidas do seu passado obscuro e delituoso, a tua bandeira de paz e de esperança, ensina-lhes a ler os preceitos da minha doutrina, nos codigos dourados do sofrimento..."

Ismael sente que luzes compassivas e misericordiosas visitam-lhe o coração e parte com os seus companheiros em busca dos planos da erraticidade mais proximos da Terra. Aí se encontram antigos batalhadores das cruzadas, senhores feudais da idade média, padres e inquisidores, espiritos rebeldes e revoltados, perdidos nos caminhos cheios da treva das suas consciencias polutas. Mas, o emissario do Senhor desdobra nessas grutas do sofrimento a sua bandeira de luz, como uma estrela d'alva, assinalando o fim de uma profunda noite.

— "Irmãos, — exorta ele, comovido, — até ao coração do Divino Mestre ecoaram os vossos apêlos de socorro espiritual. Da sua esfera de suaves arrebóis cristalinos, ordena a sua misericordia que as vossas lagrimas sejam enxugadas para sempre. Um ensejo novo de trabalho apresenta-se para a redenção das vossas almas, desviadas nos desfiladeiros do remorso e do crime... Ha uma terra nova, onde Jesus implantará o seu evangelho de caridade, de perdão e de amor indefiníveis. Nos seculos futuros, essa patria generosa será a ter-

ra da promessa para todos os infelizes. Dos seus celeiros inexgotaveis, sairá o pão de luz para todas as almas; mas, ha necessidade de nos voltarmos para o seu solo virgem e exuberante, construindo as suas bases com os nossos sacrificios e devotamentos. Alí encontrareis, nos carreiros asperrimos da dor, que depura e santifica, a porta estreita para o céu de que nos fala Jesus nas suas lições divinas. Aprendeis, no livro dos padecimentos salvadores, a gravar na consciencia os sagrados parágrafos da virtude e do amor, na epopéia de luz da solidariedade, na expiação e no sofrimento. Sabei que todas as aquisições da filosofia e da ciencia terrestres são flores sem perfume, ou luzes sem calor e sem vida, quando não se tocam das claridades do sentimento. Aqueles de vós que desejardes o supremo caminho, vinde para a nossa oficina de amor, de humildade e redenção..."

E aí, nas estradas escuras e tristes da angústia espiritual viu-se, então, que falanges imensas, ansiosas e extasiadas, avançavam com fervorosa coragem para as clareiras abertas naquela mansão de dor e de sombras. Todos queriam, no seu testemunho de agradecimento, beijar a bandeira sacrossanta do mensageiro divino. O seu emblema — "Deus, Cristo e Caridade" — refulgia agora nas penumbras, iluminando todas as cousas e clarificando todos os ca-

minhos. As esperanças reunidas, daqueles seres infortunados e sofredores, faziam a vibração de luz que então aclarava todas as sendas e abria todos os entendimentos para a compreensão das finalidades, das determinações sublimes do Alto.

Essas entidades evolvidas pela ciência, mas pobres de humildade e de amor, ouviram os apêlos de Ismael e vieram construir as bases da terra do Cruzeiro. Foram elas que abriram os caminhos da terra virgem, sustentando nos ombros feridos o pêso de todos os trabalhos. Nesse filão de claridades interiores, buscaram as pérolas da humildade e do sentimento, com que se apresentaram mais tarde a Jesus, no dia de sua redenção e de sua glória.

Foi por isso que os negros do Brasil encorporaram-se á raça nova, constituindo um dos baluartes da nacionalidade, em todos os tempos. Com as suas abnegações santificantes e os seus prantos abençoados, fizeram brotar as alyoradas do trabalho, depois das noites primitivas. Na patria do Evangelho têm eles sido estadistas, medicos, artistas, poetas e escritores, representando as personalidades mais eminentes. Em nenhuma outra parte do planeta alcançaram, ainda, a elevada e justa posição que lhes compete junto das outras raças do orbe, como acontece no Brasil, onde vivem nos ambientes da mais pura fraternidade. E' que

o Senhor assinalou o seu papel na formação da terra do evangelho, e foi por esse motivo que eles deram, desde o princípio de sua localização no país, os mais extraordinarios exemplos de sacrificio á raça branca. Todos os grandes sentimentos que nobilitam as almas humanas foram por eles demonstrados e foi, ainda, o seu coração dedicado ao ideal da solidariedade humana, que ensinou aos europeus a lição do trabalho e da obediencia, na comuna fraterna dos Palmares, onde não existiam nem ricos nem pobres, e onde resistiram, com o seu esforço e a sua perseverança, por mais de setenta anos, escrevendo com a morte pela liberdade o mais belo poema dos seus martirios nas terras americanas.

Por toda a parte, no país ha um ensinamento caricioso do seu resignado heroísmo e foi por essa razão que a terra brasileira soube reconhecer as suas abnegações santificantes, encorporando-os definitivamente á sua grande familia, de cuja direção, muitas vezes participam, sem jamais se esquecer o Brasil de que os seus maiores filhos se criaram para a grandeza da patria, no generoso seio africano.

VIII

A INVASÃO HOLANDESA

Se a raça negra eram impostas as mais dolorosas torturas, nos primórdios da organização do Brasil, não menores sacrificios eram exigidos aos indígenas, acostumados á largueza da terra, que era propriedade sua.

As "entradas" pelo sertão com o fito de escravizar os selvagens indefesos realizavam-se, naquele tempo, em todos os recantos.

Tabas prósperas eram incendiadas de surpresa, no silencio da noite. São famosas e comovedoras as descrições a esse respeito, guardadas nos documentos antigos. Sómente de uma vez, uma caravana de portugueses capturou mais de sete mil homens válidos, mulheres, velhos e crianças. E quando os mamelucos guiadores não convenciam os naturais de que deviam acompanhá-los ás cidades mais proximas, para que as caçadas humanas se verifi-

cassem com pleno êxito, as cenas de selvajaria nodoavam a floresta virgem, enchendo de pavor os caminhos atapetados de cadaveres e de sangue coagulado. Como represalia a essas crueldades, os Tamoios nunca se harmonizaram com os portugueses. Desde o princípio de sua ação, foram seus declarados inimigos.

E, no seio dessas lutas vorazes, nas quais venciam a maior parte das vezes as criminosas astucias dos colonos, eram os padres piedosos os que mais sofriam, experimentando a angústia de se verem desprezados pelos seus próprios companheiros da raça branca, nos sertões ínvios e hostis. A alma simples e doce dos naturais era maleavel aos seus ensinamentos. Aos seus apêlos, aproximavam-se dos nucleos de civilização. Aldeavam-se para uma vida ordeira que os colonizadores destruiam com as suas taras infames e seculares. Anchieta e quase todos os outros missionarios das selvas brasileiras mantiveram longas lutas, defendendo os indígenas fraternos. A verdade, porém, é que podiam esfacelar os seus pulpitos na pregação da piedade cristã, porque as suas vozes se perdiam na imensidade do céu, sem que os seus irmãos da terra as escutassem com a idéia generosa de praticar os seus suaves ensinamentos. Os primeiros brancos que aportaram á America do Sul, na sua generalidade, não consideravam

a existencia da lei nas extensas florestas do Novo Mundo.

E os portugueses prosseguiram, incessantemente, na faina ingrata de "descer os indios".

Regressando ao Alem, os primeiros missionarios da caravana luminosa de Ismael pedem a sua colaboração misericordiosa para que semelhante situação seja modificada. Mas, o grande apóstolo de Jesus explica: —

— "Irmãos, não podemos tolher a liberdade dos nossos semelhantes... Não sou alheio a esses movimentos hediondos, nos quais os indios, simples e bons, são capturados para os duros trabalhos do cativeiro... Esperemos no Senhor, cujo coração misericordioso e augusto agasalhará todos aqueles que se encontram famintos de justiça. Contudo, poderemos, com os nossos esforços, auxiliar os encarnados na compreensão das leis fraternas, avisando-lhes o coração, quanto aos seus divinos deveres, de um modo indireto. Infelizmente, não encontramos, na actualidade do planeta outro povo que substitua os portugueses na grande obra de edificação da patria do Evangelho. Todas as demais nações, como o proprio Portugal, se encontram presas da cobiça, da inveja e da ambição. Os vícios de todas, as identificam perfeitamente, umas com as outras e no povo lusitano temos a considerar a austera honradez

aliada á grandes qualidades de valor e de sentimento, que o habilitam, conforme a vontade do Senhor, a povoar os vastos latifundios que constituirão mais tarde o pouso abençoado da lição de Jesus. Colonizadores desalmados, estão em todos os países dos tempos modernos, que não reconhecem outro direito a não ser o da força, deshumana e impiedosa... Recorrendo, pois, ás possibilidades de nosso alcance buscaremos, na Europa, um principe liberal, trabalhador e justo, que não esteja subordinado á politica romana, afim de caracterizar a nossa acção indirecta; traremos a sua personalidade de administrador para a parte mais flagelada da nova patria, para que os seus exemplos possam servir aos que se encontram na direcção das actividades sociais e politicas da colonia, beneficiando, de maneira geral, a nação inteira. Ele virá na qualidade de invasor, porquanto não encontramos outros recursos, na adoção de providencias dessa natureza; mas a sua permanencia no Brasil será curta e eventual, apenas durante os anos necessarios para que as suas lições sejam prodigalizadas aos administradores da nova terra... Preliminarmente, porém, devemos considerar que os seus companheiros não serão melhores que os portugueses, no sentido da educação espiritual. A época é de profundo atraso de quase todos os individuos, e é para desfazer essas trevas na concien-

cia do mundo que teremos de nos sacrificar nas atmosféricas proximas da Terra, trabalhando pela vitória do Senhor em todos os corações. . . .”

Todos os fatos se verificaram, consoante as afirmações do iluminado preposto de Jesus.

Em 1624, a pretexto de sua guerra com a Espanha, os holandeses tomavam a Baía, de assalto, sob o comando de Joan Van Doorth.

Importa notar que as cenas dolorosas e lastimáveis, decorrentes da invasão, não foram organizadas pelas abnegadas falanges do mundo invisível. As causas profundas desses fatos residiam no estado evolutivo da época. Os morticínios nas praças incendiadas e destruídas verificavam-se todos os dias, entre inevitáveis atritos das raças chamadas a povoar aqueles recantos desconhecidos.

Em 1637, entrava em Pernambuco o general holandês João Mauricio, príncipe de Nassau. Os benefícios imensos de sua administração, ao norte do Brasil, que foi sempre a zona mais sacrificada do país, são inumeráveis.

O Recife levanta-se á frente da Europa, como uma das mais belas cidades da America do Sul. Olinda é reedificada. Uma assembléa de mecanicos, de pintores, de arquitetos e artistas acompanha o príncipe de Nassau, enchendo a sua cidade de singulares esplendores. Mas o espirito construtivo do administrador holandês não se cristaliza nas expressões materiais

da sua cidade predileta. O seu amor e o seu respeito á liberdade fazem-no venerado de todos os brasileiros e portugueses de Pernambuco, cujas terras, naquela época, desciam até a região do Paracatú, em Minas Gerais. Todos os escravos que procuram abrigo á sombra da sua bandeira de tolerancia, são declarados livres para sempre e os indios encontram, no seu coração, o apoio de um nobre e leal amigo. Mauricio de Nassau estabelece a liberdade religiosa e administra Pernambuco, inaugurando aí a primeira liberal-democracia nas terras americanas, tais a justiça e a liberalidade com que se houte em seu govérno.

Os Albuquerque e outros elementos em evidência no Norte, muito aprenderam com ele para as suas atividades do porvir.

A realidade, todavia, é que a lição de Nassau havia sido preparada no plano invisível, para que os colonizadores da terra brasileira recebessem um novo clarão no seu caminho rotineiro e obscuro.

Em socorro da nossa afirmativa, podemos invocar o testemunho da propria historia, porque, terminado o tempo necessario de sua ação no Brasil, o grande príncipe holandês regressava á patria por imposição dos espiritos avarentos, que formavam nessa época da Companhia das Indias, na politica holandesa, sem que encontrassem substitutos para a sua obra na

America. Apesar de suas frotas extraordinarias e poderosas, a Holanda retirou-se do Brasil sem a intervenção de Portugal, bastando, para isso o concurso dos habitantes da colonia. E quando a questão ficou definitivamente resolvida na Côrte de Haia, em 1661, os holandêses embora a sua soberania maritima perdurasse até então, em troca dos seus imensos trabalhos ao norte do Brasil e dos milhões de florins aí abandonados, apenas receberam, a titulo de indenisação, a importancia de cinco milhões de cruzados.

IX

A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

No primeiro quartel do seculo XVII, a situação de Portugal era de profunda decadencia. Sob o reinado de Felipe III de Espanha, principe apático e doente, que entregara a direção de todos os negocios ao duque de Lerma, os esplendores das conquistas portuguezas haviam desaparecido.

Aquele povo minusculo e heroico, cuja coragem havia acendido uma nova luz em todos os departamentos de trabalho do Ocidente, encontrava-se agora reduzido á quase penuria.

Foi por esse tempo que Henrique de Sagres, o antigo Heilil, mensageiro de Jesus, que havia levantado as energias portuguezas com a sua escola de navegação, procurou o Senhor, tocado de compaixão e de angústia, a implorar a benção de sua misericordia para a nação de que se tornara o genio renovador.

— “Mestre, — diz ele compungidamente — venho pedir o vosso auxilio paternal para a terra portuguesa, cujas experiencias amargas tocam, agora, ao auge das penosas provações coletivas. Humilhada e vencida, ela implora a vossa divina providencia, através de minhas palavras, no sentido de lhe ser possível aproveitar as fôrças derradeiras para uma reorganização politica e economica, que a possa esquivar dessa situação angustiosa. . .”

— “Helil, — replicou-lhe Jesus — sabes que a minha piedade não se reveste de excessivas exigencias. Enviei-te a Portugal com o fim de reerguer as suas energias, compensando os seus grandes esforços de povo humilde e laborioso. Infelizmente, apesar de suas grandes qualidades de coração, os portugueses não souberam corresponder á nossa expectativa, provocando, eles proprios, a situação em que se encontram, pela fraqueza com que se entregaram á sinistra embriaguez da fortuna e da posse. . . Depois de ajudares a Vasco da Gama para que se abrisse o caminho marítimo das Indias, as fôrças lusas, após receberem os favores da cidade da Calicut regressam alí, depois de algum tempo, para bombardeá-la, inundando-a num mar de crueldade e de sangue. . . No Brasil, onde lançámos os fundamentos da patria do Evangelho, introduziram o tráfico de homens livres, necessitando as falanges de Ismael dis-

pensar todos os esforços possíveis para que as ordens divinas não se subvertam com as iniquidades humanas. . . Em Lisboa, permitiram a entrada do terrível instituto da inquisição, que comete, no mundo, todos os crimes em meu nome, que deveria ser para todas as criaturas um sinónimo de brandura e de amor. . .”

— E' verdade, Senhor, — exclama Helil amargurado — quando o primeiro português aprisionou, nas Canárias, alguns pobres africanos para vendê-los como escravos aos brancos da Europa, ordenei fossem imediatamente repatriados, enchendo-se-me o coração de amargura após tantos entusiasmos no período dos descobrimentos, quando eu vos confiava, no Restelo, as lagrimas do meu reconhecimento e da minha esperança. . . Mas, a grande patria que me confiastes, Senhor, muito tem aprendido no caminho das experiencias dolorosas. Nas suas cidades prestigiosas escasseiam os espiritos de eleição, aptos á tarefa do govêrno; as nações ambiciosas assenhoreiam-se de todas as suas possibilidades economicas, suas riquezas são pilhadas pela pirataria do seculo; seu povo acha-se esmagado pelos impostos; seus filhos abatidos e humilhados. . . Apiedai-vos, meu Jesus, de tanta miseria, que nos enche o coração de infinita amargura! . . . Permiti possamos restaurar as suas fôrças politicas, afim de

que ela possa cumprir as vossas determinações sábias e justas, na terra do Evangelho !...”

— “Essas experiencias amargas, — explicou-lhe o Divino Mestre — dotarão Portugal de novos sentimentos, acrisolando as suas concepções de brandura e de fraternidade, afim de que possa corresponder ao nosso esforço na edificação da patria dos meus ensinamentos. Quais os elementos encarnados, a serem por ti utilizados nessa restauração ?”

— “Senhor, com o vosso apoio e com o vosso amparo, esperamos realizar essa reorganização buscando para o trono os descendentes de D. Afonso, primeiro duque de Bragança, que atualmente detêm a maior fortuna portuguesa e em cuja casa vivem mais de oitenta mil vassallos. Quanto ao nosso plano, ele se constituirá de uma larga ação dos agrupamentos espirituais sob a minha direção, combinados com as falanges de Ismael, no sentido de intensificarmos o pensamento cristão em Portugal, projetando as mais nobres realizações no Brasil, disseminando-nos entre os colonizadores, afim de que as concepções de fraternidade se intensifiquem, cimentando as bases da patria das vossas lições divinas. Nossos apêlos se estenderão aos companheiros reencarnados que se encontram nas côrtes espanholas e nas selvas americanas, para levantarmos a bandeira de Ismael sobre todas as frentes, como o sublime legado

do vosso coração compassivo e misericordioso...”

— “Sim, Helil, — retrucou Jesus, com bondade, — teu plano será realizado com a minha benção, efetuando-se essa ação espiritual conforme idealizas; temos, porém, de considerar que os elementos a serem utilizados são os mais representativos, mas não constituem os mais necessarios. Não espero que a casa de Bragança esteja preparada, espiritualmente, para a sublime realização; todavia, somos obrigados, igualmente, a reconhecer as pesadas trevas que invadem atualmente todas as atividades politicas da Terra, e tu te esforçarás por ampará-la nos grandes deveres que assumirá, neste e nos proximos seculos. Terás o cuidado de inspirá-la, no proposito de se organizarem as precisas combinações com as outras nacionalidades do mundo, para que a patria do Evangelho não sofra outros choques de raças, além daqueles até agora sofridos. Bem sabes que, enquanto os homens não se integrarem no conhecimento pleno da minha doutrina de amor e de fraternidade, os tratados comerciais são os necessarios jogos de interesse que equilibram as ambições, em proveito dos sectores da verdadeira evolução espiritual. Auxiliarei os teus empreendimentos com a minha misericordia, pedindo a Nosso Pai que se digne guardar-nos sob a sua bondade infinita...”

Henrique de Sagres organizou as suas falanges e, em 1640, Portugal era restaurado, subindo ao trono D. João IV, chamado dos seus regalos e prazeres de Vila Viçosa para os cuidados do trono.

A um periodo de lutas angustiosas, a restauração se consolida na batalha de Montijo e a grande nação do Ocidente prossegue no seu labor abençoado por Jesus, na formação da patria do Cruzeiro.

Sob a orientação do mundo invisível, Portugal estabelecia tratados comerciais como mais tarde se verificou o de Methween, ruinoso para a industria portuguesa, mas que vinha colocar o Brasil a salvo de lutas com o poderio da Inglaterra.

Toda uma ação espiritual se conjuga, harmoniosamente, nessa epoca e as falanges de Ismael e de Helil buscam, no silêncio e na obscuridade, o grande coração de Antonio Vieira, que representou um poderoso organismo medianimico para as revelações de suas verdades.

Vieira toma a sua posição ascendente na cõrte de D. João IV e, daí a algum tempo, contra a vontade do soberano, que desejava conservar a sua palavra de sabedoria e de amor junto do seu coração, o grande misisonario embarca para o Brasil.

Sua voz, saturada de um suave magnetismo, ilumina todas as consciencias, esclarecen-

do todos os corações. Nos seus instantes de sagrada eloquencia, exclama ele: — “No Evangelho de Jesus, ofereceu o demonio todos os seus reinos pela posse de uma alma; mas no Maranhão não é necessario ao demonio tanta bolsa para comprá-las todas. Basta acenar o diabo com um tijupar de pindoba e dois tapuias, para que seja adorado com ambos os joelhos.”

E não foram poucos os senhores, tocados dessas claridades divinas cuja origem profunda estava nas suaves lições de Ismael e seus abnegados mensageiros, que correram ás suas propriedades, envergonhados do crime de manter como escravos os seus irmãos, devolvendo aos pobres cativos a liberdade, para sempre.

AS BANDEIRAS

No desdobramento da ação espiritual que deveria restaurar a patria portuguesa, Ismael reuniu os espiritos que chegavam aos espaços depois do primeiro contacto com a vida de Piratininga, afim de estabelecer novos projetos de trabalho naquele sector da patria do Evangelho.

Almas decididas e heroicas, localizadas ali para a construção da grande obra, apesar dos seus característicos de bondade e de energia, necessitavam regressar á luta terrestre, em seu proprio beneficio.

O mensageiro divino reuniu-as em grandes círculos, onde lhe ouviram a palavra amiga e esclarecedora.

“— Meus irmãos, — elucidou ele — regressareis dentro de breves dias aos nucleos de

trabalho estabelecidos no planalto piratiningano. Prosseguireis atuando no mesmo roteiro de atividade e liberdade com que caracterizastes as primeiras iniciativas aí desenvolvidas. Agora, levareis mais longe a vossa coragem e o vosso heroismo. Penetrareis o coração da terra do Cruzeiro rasgando as sombras de suas florestas imensuráveis. Com a vossa dedicação, novas atividades serão descobertas e novas possibilidades hão de felicitar a existencia dos colonizadores do país, onde nos desvelaremos pela conservação da bandeira de Jesus, aí desfraldada sobre todas as fronteças e sobre todos os corações. . . Até hoje, têm-se multiplicado as tristes caçadas humanas, em que os indios miserimos são colhidos de surpresa, na sua simplicidade, para os penosos trabalhos do cativo; descobrireis, agora, as fontes de riqueza dos vastos latifúndios do Brasil, interessando a colonização e fazendo desabrochar com mais intensidade os nucleos prestigiosos desse movimento de intensificação dos órgãos de progresso da patria e do seu povo. Muitos de vós conhecereis a penuria e o sofrimento; sacrificareis a fortuna e os afetos mais santos da familia, para construirdes a base do porvir com as lagrimas abençoadas dos vossos martirios e das vossas renúncias santificantes. Vossa tarefa será rasgar as selvas remotas, descobrindo o ouro depositado no seio da terra generosa. . .”

Houve um interregno na sua alocução.

Ali se encontravam as personalidades que seriam, mais tarde, entre muitos outros, Antonio Rodrigues Arzão, Marcos de Azevedo, Bartolomeu Bueno e Fernão Dias Paes. Este último, quebrando o silêncio da grande assembléa exclamou, provocando geral interesse: —

— “Anjo bom, que faremos com o ouro da terra, se no mundo ele é a causa sinistra de todas as lutas e o demonio de todas as ambições? Aqui, na vida espiritual, compreendemos semelhantes realidades; mas no orbe das sombras a nossa consciencia mergulha nas mais dolorosas perturbações e bem sabeis que a agua mais pura, misturando-se com a terra, se reduz quase sempre a um punhado de lama...”

Ismael, todavia, não demorou os esclarecimentos:

— “A Terra é a escola abençoada, onde applicamos todos os elevados conhecimentos adquiridos do Infinito. E’ nesse vasto campo experimental que devemos aprender a ciencia do bem, aliando-a com a sua divina prática. Nos nevoeiros da carne, todas as trevas serão desfeitas com os nossos proprios esforços individuais; aí dentro, o nosso espirito andarás esquecido de seus preteritos obscuros, para que todas as nossas iniciativas sejam valorizadas. Precisamos entender essas suaves disposições das leis divinas, para que o determinismo do amor

e da fraternidade constitua a lei da existencia de todas as cousas, e de todos os seres. Quanto ao ouro escondido no seio da terra exuberante, sua existencia não significa senão um estímulo á illusão dos homens, os quais ainda se encontram muito distantes da concepção da verdadeira fraternidade, afim de que as criaturas possam buscar os tesouros espirituais pelo trabalho edificador da evoluçãO do mundo. Procurando a grandeza illusoria do ouro, edificareis as cidades novas, fomentareis a pecuária e a agricultura, desbravando os caminhos inhóspitos em favor de outras almas... Um mundo novo se erguerá sobre os vossos ombros dilacerados nas disciplinas austeras, ao sol causticante das caminhadas penosas, mas o futuro se voltará para os vossos esforços, com as suas benções agradecidas...”

Voltando-se mais fixamente para Fernão Dias, Ismael sentenciou:

— “Serás o chefe da expedição mais difficil de todas, porém, da tua coragem ha de surgir um caminho novo para todos os espiritos. Muitas vezes, serás compelido a exercer a justiça mais rigorosa, despendendo todas as tuas reservas de energia; mas é preciso não esquecer a misericordia divina, sem exorbitar das funções que te forem confiadas, entregando a Jesus os teus trabalhos de cada dia.”

O grande bandeirante recebeu, submisso,

a determinação do divino emissario. E daí a alguns anos, nos dois ultimos quarteis do seculo XVII, as bandeiras paulistas se espalharam por todas as regiões da terra virgem. Através das selvas bravias, marcham como se o fizessem ao longo de largos e desconhecidos oceanos. As noites estreladas são a sua orientação e a sua bússola. A cruz de Cristo vai, como um simbolo, á frente de todos os expedicionarios das novas tentativas de conquista. De Sorocaba, sobem por Goiaz até ao Amazonas longinquo; e de Taubaté demandam a Paraíba do Norte. Em 1672, Fernão Dias Paes organiza, com todos os elementos de sua fortuna, a mais célebre de todas as expedições saídas de São Paulo. Caçando as esmeraldas que constituíam objeto das lendas de muitos aventureiros, visita todas as regiões auríferas de Minas Gerais. Rebeliões e discordias são dominadas pela sua energia constante e severa. Para fortalecer a disciplina, o bandeirante audacioso manda enforcar o proprio filho, que participara da rebeldia geral, como escarmento aos companheiros, proximo á povoação do Sumidouro. As joias da mulher e das filhas são empregadas no seu arrojado empreendimento, arruinando-se toda a sua familia. Fernão Dias, porém, segue um roteiro luminoso. Por onde passa com as suas caravanas, florecem povoações aseadas e alegres. Os seus pontos de contacto com a terra

paulista são os arraiais prósperos e fartos, que vai edificando nos caminhos desertos. As esmeraldas do seu sonho nunca foram encontradas e as pedras verdes que entregou ao seu genro, no instante da agonia, como a unica expressão da sua fortuna, representavam, de certo, o simbolo suave das esperanças do seu labor e das suas lagrimas na terra do Evangelho. Proximo do local onde mandara enforcar o filho, nas margens do Rio das Velhas, o seu espirito de lutador se desprendeu igualmente do corpo exausto e quando, no íntimo do seu coração implorava a misericordia do Altissimo para o delito, com o qual exorbitara de suas funções na Terra, a voz de Ismael falou-lhe do Infinito: —

— “Irmão, as quedas, com as suas experiencias sombrias, constituirão os degraus do teu caminho para as mais gloriosas ascenções espirituais. Atrás dos teus passos florecem cidades valorosas no coração das matas virgens, e os que recebem os teus beneficios abençoam teus esforços e tua energia perseverante. A essas mesmas paragens, onde turvaste a conciencia por um instante, levado pelos rigores da disciplina, voltarás com teu filho sob as asas cariciosas da fraternidade e do amor, reparando o passado cheio de tribulações e lutas incontaveis, porque, no coração misericordioso de Deus repousam, eternamente, as luminosas es-

meraldas da esperança e do amor que procuraste a vida inteira...”

Fernão Dias Paes abre os olhos materiais, pela última vez. Uma lagrima pesada e branca corre-lhe pelas faces emagrecidas, mas sobre o seu coração paira a benção cariciosa da terra dourada das minas, e, sentindo-se na posse das verdadeiras esmeraldas do seu grande sonho, o grande batalhador regressa de novo á vida do Infinito.

X I

OS MOVIMENTOS NATIVISTAS

A procura do ouro constituia a ansiedade criadora de todos os espiritos. Todavia, desde o princípio do seculo, o govêrno espanhól havia providenciado quanto á organização do Codigo Mineiro para o Brasil, e desde 1608 a 1617, quando a direção da colonia se achava repartida entre as cidades de Salvador e do Rio de Janeiro, já D. Francisco de Souza guardava o titulo pomposo de Governador e Intendente das Minas.

Contudo, somente mais tarde as bandeiras audaciosas, iniciadas com a coragem paulista, rasgavam os véus espessos do cipoal da mata virgem, descobrindo os vastos lençóis de uma infinita riqueza. Muitos lustros foram decorridos sem que nada mais se observasse, senão esses movimentos espantosos de correntes migratorias através dos sertões, procurando o ouro da terra desconhecida e encontrando, muitas

vezes, nos seus caminhos a aflição, a angústia e a morte. O proprio Conselho Ultramarino, em Lisbôa, expunha mais tarde á autoridade da Corôa a necessidade de se reduzir os excessos dessas migrações incessantes, para que o proprio reino não se despovoasse.

Por essa época, intensificavam-se as emboscadas e a sêde da posse turvava todas as consciencias. Cidades prestigiosas se levantavam, ao longo das estradas desertas e ermas; mas os seus alicerces, a maior parte das vezes, se constituíam com o sangue e com a morte. Em toda a colonia, pairam ameaças de confusão e desordem. A lenda dos tesouros fabulosos, guardados no coração das selvas imensas, incendia todos os animos e enfraquecia o ascendente da lei em todos os espiritos. Os indios experimentam, amarguradamente, a atuação dessas forças contrárias á sua paz, que se concentravam á procura das riquezas da terra, e é com inauditos esforços de perseverança e de paciencia que os caridosos jesuitas reúnem as suas aldeias ao norte, com doçura fraterna, conquistando todo o Amazonas para a comunidade dos portugueses.

A esse tempo, no extremo norte convulsiona-se o Maranhão, sob os impetos revolucionarios de Manoel Bekman, contra a companhia de comercio que monopolizara os negocios da importação e da exportação da capitania, e contra

os jesuitas, cujo espirito de fraternidade se impunha entre os colonizadores e os indios, no sentido de se manterem estes ultimos dentro da liberdade que lhes competia. Os amotinados prendem todos os elementos do govêrno e, organizando uma junta de elementos do clero, da nobreza e do povo, consideram extinto o monopolio e providenciam o immediato banimento dos protetores dos indigenas. Festas extraordinarias assinalam, no Maranhão semelhantes feitos, inclusive Te-Deums na cathedral de São Luiz. A noticia de tão singulares quanto inesperados episodios, provoca as apreensões da côrte de Lisboa, que não desconhece as pretensões da França quanto ao vale do Amazonas, nem ignora o ascendente moral dos francêses sôbre os elementos indigenas. A expedição que deverá restaurar a lei na capitania não se faz esperar e a Gomes Freire de Andrade, estadista notavel pelo seu talento militar e politico, cabe a direção do movimento restaurador. As providencias da contra-revolução no extremo norte, são estabelecidas sem dificuldade. Gomes Freire procede com magnanimidade para com os revoltosos, sem contudo poder agir com a mesma liberalidade para com Manoel Bekman, que foi preso e sentenciado á morte. Sua fortuna foi confiscada, mas o grande official que comandara a expedição, dentro das tradições da generosidade portuguesa arrematou to-

dos os bens do infeliz, em hasta pública, doando-os á viúva e aos órfãos do revolucionario.

Em 1682, a Baía se conflagra depois de assassinar o alcaide-mór da colonia, Francisco Teles de Menezes, que excitara as antipathias dos habitantes de Salvador. E os derradeiros anos do seculo XVII caracterizam as atividades da colonia, dentro desse periodo de transição dos movimentos nativistas. A sêde do ouro acompanha o seculo seguinte, que, com mais intensidade ia acender a febre da ambição em todas as cidades. Em 1710, essas lutas se fixam na capitania de Pernambuco, que fazia questão de cultivar o sentimento de sua autonomia, desde os tempos da occupação holandesa, com a qual fizera novas aquisições no que se referia aos patrimonios de sua independencia. Os brasileiros de Olinda estabelecem a luta com os portugueses de Recife, em razão das rivalidades entre as duas grandes cidades pernambucanas, que não se toleravam politicamente. As emboscadas operam ali dolorosas cenas de sangue. Um ano inteiro de choques e sobressaltos assinala o periodo da guerra dos mascates. Antes, porém, desses movimentos revolucionarios em Pernambuco, os paulistas e os emboabas lutavam na região aurífera dos sertões de Minas Gerais, disputando-se a posse do ouro, que incendiava a imaginação do país inteiro. A felonía e a traição constituem o co-

digo dessas criaturas isoladas nas matas desconhecidas e inhóspitas. Por essa mesma época, a França, que sempre custou a resignar-se com a influencia portugueza no Brasil, envia Du Clerc para investir o porto do Rio de Janeiro, com mil homens de combate. A metrópole portugueza não podia proteger, de pronto, a cidade e o governador Francisco de Castro Morais deixou-se levar pela timidez, permitindo o desembarque das forças francesas, as quais, todavia, foram rechassadas pela população carioca. Estudantes e populares lutaram contra o invasor. Algumas dezenas de franceses foram barbaramente trucidados. Conservaram-se ali mais de quinhentos presos, e o capitão Du Clerc foi assassinado em tragicas circunstancias. O governo do Rio não providenciou quanto ao processo dos criminosos, afim de punir os culpados e definir as responsabilidades pessoais, provocando com isso a reação dos franceses, que voltaram a assediá a maior cidade brasileira. Duguay Trouin vem á baía de Guanabara acompanhado de quase cinco mil combatentes. O fraco governador foge com quase todos os elementos da população, deixando o Rio á mercê do corsario que se ilustrara sob a proteção de Luiz XIV. Depois do saque que absorve muitos milhões de cruzados da fortuna particular, paga ainda a cidade um fabuloso resgate.

Enquanto se desenrolam os ultimos acon-

tecimentos, governava em Portugal D. João V, o Magnanimo, em cujo reinado ia o Brasil espalhar pela Europa os seus fabulosos tesouros. Nunca houve, ali, um soberano que fizesse tamanho descaso das possibilidades economicas do povo. O ouro e os diamantes do Brasil iam acender no seu trono as estrelas efêmeras do seu fastigio e da sua gloria. A fortuna amontoadada pela ambição e pela cobiça ia ser espalhada pelas mãos insensatas do rei, imprevidente e incapaz da autoridade de um trono. Dentro do luxo assombroso de sua corte, o convento de Mafra ergue-se ao preço de cento e vinte milhões de cruzados. Mais de duzentos milhões seguiriam para as arcas do Vaticano, dados pelo monarca egoísta, que desejava forçar as portas do céu com o ouro iniquo da terra. Em vez de auxiliar a evolução da industria e da agricultura de sua terra, D. João V levanta igrejas e mosteiros, dentro de uma louca prodigalidade; e, enquanto todas as cortes da Europa felicitavam o rei perdulario pelo descobrimento dos diamantes na sua afortunada colonia e se celebram Te-Deums em Lisbôa, em homenagem ao auspicioso acontecimento, o Brasil todo se povoava de movimentos nativistas, levantando os sentimentos generosos da liberdade e preparando, assim, sob a inspiração de Ismael e de suas falanges devotadas, o futuro glorioso dos seus filhos.

XII

NO TEMPO DOS VICE-REIS

A ação espiritual das falanges de Ismael, unidas ao esforço dos elevados espiritos que reconstruiam as energias portuguesas, intensificava-se cada vez mais no coração das duas patrias irmãs.

Pelo tratado de Methwen, assinado em 1703, a Inglaterra, cujo poderio marítimo se consolidava depois dos grandes feitos das armadas de Portugal, de Espanha e de Holanda, passaria a amontoar o ouro do Brasil, como principal fornecedora de Portugal e de suas colonias. No capítulo financeiro, o Brasil era, de fato, uma das suas fontes de riqueza, porquanto todas as suas reservas escoavam para o tesouro inglês. Uma sábia disposição do mundo invisível regulamentara a questão dessa forma, adotando-se essas providencias, para que a patria do Evangelho fosse colocada a cavaleiro de novos choques de ambição, nos seus

territórios. A combinação de Methwen era ruínosa para a industria portugueza, mas nos grandes jogos dos interesses internacionais, semelhantes acordos eram necessarios. A Inglaterra ficaria com o ouro tangivel, mas Portugal guardaria o ouro imperecivel dos corações, dilatando a sua fé e as suas fronteiras, eternizando o patrimonio das suas tradições e das suas esperanças, no tempo e no espaço.

Nessa epoca, o Rio de Janeiro já eclipsa todas as cidades do Brasil. Alí, ao lado das aguas claras e puras do rio da Carioca, onde os Tamoiós encontravam sagradas virtudes para a beleza de suas mulheres e para a voz dos seus cantores, ergue-se, já, o casario imenso, que vai descendo do cume dos môrros para o lençol arenoso das praias.

Alí, sob os céus azues que cobrem a paisagem tranquila, os governadores podem fazer, com serenidade imperturbavel, os seus longos expedientes para a metropole e os padres podem rezar beatificamente, nos seus breviarios, entre as paredes coloniais do Convento de Santo Antonio.

A sociedade tratava de observar as regras de bem-viver, de civilidade, nos livros encomendados especialmente do reino.

Ao entardecer, não se cuidava de outra cousa que não fosse a iluminação dos oratorios das esquinas, unicos pontos onde, ás vezes, se

concentravam alguns transeuntes retardatarios, que afrontavam sem receio os capoeiras occultos, no silencio das ruas ermas. De qualquer modo, porém, ás oito horas da noite não se encontrava mais ninguem pelas vielas escuras, com exceção dos dias de grande gala, em que o governador comparecia pessoalmente ás festas populares, guardando-se o cuidado de comparecer a esses folguedos da rua, com os elementos precisos para a iluminação do caminho, na volta á casa.

O Rio de então, como as demais cidades não só do Brasil, mas tambem de Portugal, não primava pela higiene e pela limpeza. Os igarapés que conheci, ainda em principios deste seculo, em algumas pequenas cidades do norte brasileiro onde se viam, em pleno dia, homens e crianças acertando contas com a natureza, localizavam-se aí, nos recantos mais afastados das ruas, em grandes valas dentro das quais os pobres escravos depositavam, todas as tardes, o conteúdo mal-cheiroso dos largos potes de barro, carregados á cabeça.

Alguns forasteiros illustres que nos visitaram, na época, arquivaram tristes impressões do Brasil dos Vice-reis, cheio dos mais espantosos quadros de imundicie. Todavia, um dos espetaculos mais dolorosos e comovedores são os mercados de escravos, como o do Valongo, onde os miseraveis se amontoavam aos mago-

tes, esperando o comprador que lhes examinava os pulsos e os dentes, selecionando os mais fortes para os duros trabalhos das fazendas. Aí se encontravam representantes dos negros de Guiné, de Cabinda e de Benguela, que se separavam dos pais e das mães, dos irmãos e dos filhos, nos sucessivos martirologios da raça negra, na qual os próprios padres de Portugal não enxergavam os seus irmãos em humanidade, mas os amaldiçoados descendentes de Cham. Até ha pouco tempo, podia-se ver na Loanda a cadeira de pedra do bispo, de onde um prelado português abençoava os navios negreiros, prontos para se fazerem ao mar largo, com a pesada carga de miseráveis cativos. A benção religiosa visava conserva-los vivos até aos portos do destino, afim de que os mais fartos lucros compensassem o trabalho dos hediondos mercadores. Estes últimos, porém, além da benção, cercavam-se de outras precauções amontoando os desditosos africanos nos porões infectos, onde viajavam como animais ferozes, trancafia-dos na prisão, para que não vissem, pela última vez os horizontes do berço ingrato em que haviam nascido, vacinando-se contra as dores supremas da desesperação que os arrastaria para os abismos do oceano.

Ismael, com as suas hostes do mundo invisível, consegue harmonizar lentamente os interesses espirituais de quantos se haviam locali-

zado na patria do Cruzeiro. Sob a sua inspiração, a igreja torna-se a protetora necessaria da mentalidade infantil daquela época. Os templos da colonia abrem as portas para todos os infelizes e para todos os tristes. Os reinóis organizam festanças periodicas, missas e procissões da fé e alegrias profanas, como as da "Serração da Velha". Sob as vistas condescendentes da igreja e dos mensageiros do espaço, fazem-se sentir mais fortemente junto dos senhores, amenizando a situação amargurada dos miseráveis cativos. Sob as suas influencias indirectas, organizam-se correntes de filantropia, do mais elevado alcance. Costumes fraternos surgem espontaneamente no seio da população de todas as cidades brasileiras. O hábito de apadrinhar os negros faltosos ou fugitivos, nunca é desrespeitado pelo senhor. Reconhece-se o direito de propriedade dos escravos e o costume de ceder um dia ou dois aos trabalhos dos cativos é confirmado por lei, em 1700. Intensifica-se o piedoso movimento das alforrias da pia, onde, com um óbolo insignificante, são declarados livres os filhos dos escravos. As associações dos negros nas grandes cidades do país, para realização das suas festas de saudade das paisagens africanas, são numerosas, com permissão de todas as autoridades. Os festejos originaes do Rei do Congo são levados a efeito com brilho, á expensas dos senhores. A igreja,

no Brasil, abre o seu culto para São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, tornando-se um refúgio de suave consolação para os pobres africanos. As ordens religiosas possuíam os seus pretos, que eram bem tratados e jamais poderiam ser vendidos. Nas fazendas, agrupavam-se eles em famílias, que, a maior parte das vezes, eram plenamente alforriadas em testamento dos proprietários. Todos os hábitos em voga, na época, são testemunhos da liberalidade brasileira, porquanto, em nosso país nunca a emancipação foi impedida por lei, como em outras nações. A filantropia dos brasileiros cedo começou o movimento abolicionista e a prova da profunda assistência espiritual que acompanhava essas ações na pátria do Evangelho, é que nunca teve o Brasil um código negro, á maneira da França e da Inglaterra. E a verdade espiritual, que paira acima das considerações de todos os historiadores, é que Ismael preparou aqui a oficina da fraternidade, onde os negros incompreendidos vinham erguer a pátria da sua descendência; se sofreram nas mãos de alguns escravocratas impiedosos, os seus prantos e sacrificios iam florescer ao suave rocío das bênçãos do ceu, na terra do Evangelho, clarificando, mais tarde os seus caminhos, quando os seus corações resignados e sofredores se dilatassem, na alma fraterna dos seus filhos e dos seu netos.

XIII

POMBAL E OS JESUITAS

Após o reinado de esbanjamentos de D. João V, eleva-se ao trono de Portugal D. José I, como o quinto rei da dinastia bragantina. O soberano escolhe para seu primeiro ministro a Sebastião José de Carvalho e Mello, depois Conde de Oeiras e, mais tarde, Marquês de Pombal.

As falanges espirituais desvelando-se pela evolução portuguesa, haviam escolhido previamente esse homem, para a reconstrução das energias da pátria, após os desvarios de D. João V, o monarca esbanjador e arbitrário, que nunca reuniu as côrtes para uma consulta, necessaria aos interesses do povo. O escolhido, porém, não soube corresponder integralmente ás sagradas expectativas dos genios espirituais da terra portuguesa. Se construiu grandes obras, no plano das realizações materiais, cometeu graves injustiças com a sua ditadura renovadora.

Pombal ascendera á posição de ministro, depois de absorver as idéias novas que percorriam os sectores de todas as actividades do Velho Mundo, ao sôpro dos enciclopedistas. O mundo diplomatico dera-lhe já a conhecer a técnica politica de um Roberto Walpole e, enquanto a sua patria se algemava aos tribunais da Inquisição, com serios prejuizos para a educação nacional, o cérebro se lhe povoava de planos audazes e reformadores.

Elevando-se ao trono, em 1750, D. José I escolhe-o, imediatamente, para chefe supremo do seu govêrno e, quando em 1755 foi Lisbôa parcialmente destruida por um terremoto, o ministro renovador teve oportunidade de demonstrar as suas possibilidades criadoras reedificando a cidade, que renasceu dos seus esforços mais engrandecida e mais bela.

O Marquês de Pombal, todavia, desde os primordios de sua ação no govêrno, não tolerava os jesuitas que, nas côrtes européias, se intrometiam em todos os negocios da politica do seculo, com a pretensão de imunizar o mundo inteiro das correntes de pensamento da Reforma.

Os missionarios humildes da célebre Companhia, localizados no Brasil, em honra da verdade, estavam muito longe das criminosas disputas nas quais se empenhavam os seus irmãos no outro lado do Atlantico, mas sofreram com

eles a incansavel perseguição, tão logo se aposentou do governo o famoso ministro.

As tradições do povo e as profundas raizes da Companhia de Jesus, em Portugal, não lhe permitiam o banimento immediato dos membros da ordem, de sua patria e das respectivas colonias. Uma guerra surda estabelece-se entre ele e os jesuitas.

Surge, afinal, o atentado contra a vida de D. José I, em 1758. No dia 3 de setembro desse ano, quando regressava de uma entrevista ao palacio da Ajuda, o soberano foi alvejado a tiros de bacamarte, partidos de um grupo de pessoas desconhecidas. As suspeitas recaíram no Marquês de Tavora e seus filhos, no conde de Athouguia e no duque de Aveiro. Conquanto fosse este ultimo um dos implicados no movimento regicida, o mesmo não acontecia aos Tavoras, inocentes daquele delito. Instaura-se um processo que terminou, apesar de todas as suas clamorosas irregularidades, com a sentença de morte para todos os implicados. Em vão, procuram os portugueses influentes na côrte modificar a decisão do ministro. Os condenados sofrem os mais horrorosos suplicios em Belém, e a propria D. Leonor Tomasia, Marquesa de Tavora, foi decapitada.

Pombal aproveita o ensejo que se lhe oferece para justificar a expulsão dos jesuitas, os quais apresenta ele como autores indirectos do

atentado e D. João I, a instancias do seu válido, assina sem hesitar o decreto de banimento.

Esse ato de Pombal reflete-se largamente na vida do Brasil. Todo o movimento de organização social se devia, na colonia, aos esforços dos dedicados missionarios. O clero comum possuia escravos numerosos e chegava a defender o direito suposto dos escravagistas, incentivando a caça aos indios e abençoando a carga miserrima dos navios negreiros. Os jesuitas, porém, sempre trabalharam, nos primordios da organização brasileira, dentro dos mais amplos sentimentos de humanidade. Aldeavam os indios, aprendiam a "lingua geral" afim de influenciarem mais diretamente no seu animo, trazendo as tabas rusticas ás comunidades da civilização e foram, talvez, naqueles tempos passados, os unicos refletores dos ensinamentos do Alto, com o seu verbo inspirado, advogando a causa de todos os infelizes. A sua expulsão do Brasil retardou de muito tempo a educação das classes desfavorecidas e, se o ministro de D. José I estendeu algumas vezes o seu dinamismo renovador até á patria do Evangelho, essas ações poucas vezes ultrapassaram o terreno material, até porque, mesmo alguns melhoramentos introduzidos no Rio de Janeiro pelo Conde de Bobadela, que levantou ali a primeira officina tipografica do país, foram por ele destruidos á fôrça de decretos, que representaram

serios obstaculos á facilidade de educação no territorio da colonia.

A esse tempo, contemplando a anulação dos seus esforços, os missionarios humildes da cruz procuram Ismael, com os seus aflitivos apelos. Seus trabalhos eram abandonados, por fôrça das determinações do ministro arbitrario. Suas intenções eram incompreendidas, suas ações baldadas, no sentido de se espalhar entre os soffredores as claridades consoladoras do ensino de Jesus. Mas o generoso mensageiro esclarece bondosamente aos seus dedicados colaboradores.

— "Irmãos, — explica ele —, muitas vezes, aqueles proprios espiritos que escolhemos para determinados labores terrestres, não resistem á sedução do dinheiro e da autoridade... Sentem-se traídos em suas proprias fôrças, entregando-se, sem resistencia, ao inimigo oculto que lhes envenena o coração... Deixai aos déspostas da Terra a liberdade de agir com o imperio da sua ambição e da sua prepotencia. Por mais que operem com as suas possibilidades no plano fisico, a vitoria pertencerá sempre a Jesus, que é a claridade suave e doce de todos os corações... Temos, porém, de considerar ao lado da tirania politica, que busca perder a nossa ação, o lamentavel desvio dos nossos irmãos incumbidos de velar pelo patrimonio do evangelho, no mundo europeu. Infelizmente, não têm

eles procurado levar a luz espiritual ás almas aflitas e sofredoras, clareando a estrada dos ignorantes e abençoando o rude labor dos simples e sim, buscam influenciar, junto dos principes do planeta, disputando os mais altos lugares de dominismo no banquete dos poderes temporais, de todos os países em que milita a igreja do ocidente... Peçamos a Jesus pelos tiranos e pelos nossos companheiros-desviados da consciencia retilinea... Se terminamos, agora, uma etapa da nossa tarefa, na qual aproveitamos os elementos que nos oferecia a disciplina da Companhia fundada por Loiola, prosseguiremos nosso trabalho dentro de novas modalidades. Deixemos aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos, como ensinou o Divino Mestre em suas lições sublimes. Vossos irmãos, transformando a cruz de Cristo num simbolo de opressão e despotismo, nos tribunais malditos da Inquisição, cavam a sepultura moral de suas almas, que se compadecem com o sacrilegio e com a ignominia... Quanto aos politicos, eles têm uma órbita de ação que não lhes é possível ultrapassar; o tempo e a experiencia, com a dor que é a sua eterna aliada, ensinarão ás suas consciencias a lei de fraternidade e de amor por eles esquecida, nos dias do seu fastigio e da sua gloria efemera sôbre a face do mundo... Oremos por eles e que Jesus, na sua bondade

infinita, nos acolha os corações sob o manto da sua misericordia... ”

Enquanto oravam, gotas suaves de luz deramavam-se do céu sobre os caminhos tenebrosos da Terra e a palavra profetica de Ismael teve, em breve, a sua realização.

A Companhia de Jesus foi suprimida pelo proprio papa Clemente XIV, em 1773, para reaparecer somente em 1814, com Pio VII. Nunca mais puderam os jesuitas readquirir o imenso prestígio que possuiram no ocidente; e quanto ao Marquês de Pombal, conheceu no silencio a lição do abandono e do olvido dos homens. No dia em que agonizava D. José I, o cardeal de Lisboa, D. João Cosme da Cunha, que devia ao famoso ministro a altura da sua posição eclesiastica, afirma-lhe no aposento do moribundo: — “V. Excia. já nada mais tem aqui a fazer,” testemunhando-lhe venenosa ingratitude. E daí a algum tempo, quando subiu ao trono, D. Maria I demitia-o de todas as suas funções no reino, banindo-o da corte após um rumoroso processo, onde buscou fundamentar a sua condenação. Retirando-se para a Vila de Pombal, desprendeu-se do mundo em 1782, humilhado e esquecido sob o imperio dos mais pungentes desgostos.

X I V

A INCONFIDENCIA MINEIRA

Depois da morte de D. José, ascendia ao trono sua filha D. Maria I, princesa piedosa, a cuja autoridade ficariam afetas as grandes responsabilidades do trono naquela época em que um sopro de vida nova modificava todas as disposições políticas e sociais do Velho Mundo.

No seu reinado, Portugal sente esvaírem-se-lhe as forças poderosas, encaminhando-se com rapidez, para a decadencia e para a ruina. Não fossem as notaveis influencias de um Martinho de Melo ou de um duque de Lafões, talvez fosse ainda mais desastroso o reinado de D. Maria, escravizada ao fanatismo do tempo e ás opiniões dos seus confessores.

Por essa época, o Brasil sofria o maximo de vexames no que se referia ao problema da sua liberdade.

A capitania de Minas Gerais, que se criara e desenvolvera sob a carinhosa atenção dos

paulistas, era então o maior centro de riquezas da colonia, com as suas minas inexgotaveis de ouro e diamantes. A sede de tesouros edificara Vila Rica nos cumes enevoados e frios das montanhas, localizando ali uma plêiade de poetas e escritores que sentiriam, de mais perto, as humilhações infligidas pela metropole portuguesa á patria que nascia. A verdade é que, em Minas, sentia-se mais que em toda a parte o despotismo e a tirania. O clero, a magistratura e o fisco, junto dos ambiciosos que ali se reuniam, apossavam-se de todas as possibilidades economicas, com a sua criminosa sede de fortuna. Os padres desejavam todo o ouro das minas para a edificação das suas igrejas suntuosas; os elementos da magistratura consideravam a necessidade de se enriquecerem antes de regressar a Portugal com as melhores aquisições, e os agentes do fisco executavam as determinações da corte de Lisboa, que constituia uma arvore farta e maravilhosa, onde todos os parasitas da nobreza iam sugar a seiva de pensões extraordinarias e fabulosas.

A esse tempo, são numerosos os estudantes brasileiros na Europa, os quais voltam ao país saturados dos principios filosoficos de Rousseau e dos enciclopedistas. A independencia da America do Norte e a constituição democratica de Filadélfia animam aqueles espiritos, isolados nas montanhas distantes. Por

toda a parte da capitania mais rica da colonia, verificam-se quadros dolorosos da miseria do povo, esmagado pelos impostos de toda a natureza. As coletividades de trabalhadores, conduzidas á ruína pelo fracasso das minerações, não conseguiriam suportar por mais tempo semelhantes vexames. Em Minas, porém, uma elite de brasileiros considera a gravidade da situação. Intelectuais distintos sentem-se possuídos da maioridade da patria, que, ao seu ver, poderia já reter consigo as rédeas dos seus proprios destinos. Iniciam-se os primordios da conspiração. Depois de algumas conversações em Vila Rica e das quais, entre muitos outros, participaram Ignacio Alvarenga, Joaquim José da Silva Xavier, Claudio Manoel da Costa e Tomaz Gonzaga, em que foram adotadas as primeiras providencias, a infiltração das idéias libertárias começou a fazer-se através de todos os elementos da capitania, no que ela possuía de mais representativo. José Joaquim da Maia é enviado á Europa para sondar o pensamento de Jefferson, embaixador da America do Norte em Paris, e para angariar a simpatia dos brasileiros espalhados no Velho Mundo, pelo movimento libertador. Outros estudantes, apaixonados pela emancipação da colonia, são mandados pelos conspiradores a S. Paulo e a Pernambuco, que formavam os dois centros mais importantes do país, com o objetivo de

conquistar a sua adesão ao movimento. Todavia, nem Joaquim da Maia conseguiu o auxílio de Jefferson, que apenas chegou a se interessar moralmente pelo projeto, nem os seus companheiros conseguiram o compromisso formal das capitancias mencionadas, para se articular o movimento revolucionario. Pernambuco achava-se refazendo as suas economias, depois das lutas penosas de Recife e Olinda, e São Paulo encontrava-se desiludido depois da guerra dos emboabas, na qual, muitas vezes fôra vítima da felonía e da traição. A conjuração de Minas, contudo, prossegue na propaganda sem esmorecimentos.

Embriagados pela concepção da liberdade politica e, dentro dos seus triunfos literarios, fóra das realidades praticas da vida comum, os intelectuais mineiros não descansaram. Idealizaram a republica, organizaram os seus símbolos, multiplicaram prosélitos das suas idéias de liberdade, mas, no momento psicologico da ação, os delatores a cuja frente se encontrava a personalidade de Silverio dos Reis, português de Leiria, levaram todo o plano ao Visconde de Barbacena, então governador de Minas Gerais. O governador age com prudencia afim de sufocar a rebelião nas suas origens, e expedindo informes para que o Vice Rei Luiz de Vasconcelos efetuasse a prisão do Tiradentes no Rio de Janeiro, prende todos os elementos da conspira-

ção em Vila Rica, depois de avisar aos seus amigos do peito, secretamente, simpatizantes da conjuração, quanto á espectativa de semelhantes providencias, para que não fôsem igualmente implicados.

Aberta a devassa e depois de terminado o vagaroso processo, são todos os chefes presos, condenados á morte.

Os historiadores falam do amargo pavor daqueles onze homens que se ajuntavam, andrajosos e desesperados, na sala do Oratorio, para ouvirem a sentença da sua condenação, após três longos anos de separação, em que haviam ficado incomunicaveis nos diversos presidios do tempo. A leitura da peça condenatoria pelo desembargador Francisco Alves da Rocha, levou quase duas horas. Depois de conhecerem os seus termos, os infelizes conjurados passaram ás mais amargas e reciprocas re- criminações. Os mais tristes quadros de fraqueza moral surgiam naqueles corações desiludidos e desamparados; mas, daí a algumas horas, a dura sentença era modificada. D. Maria I comutara as penas de morte para o perpétuo degrêdo nas desoladas regiões africanas, com exceção do Tiradentes, que deveria morrer na forca, conservando-se o cadaver insepulto e es- quartejado, para escarmento de quantos urdissem novas traíções á corôa portugueza.

O martir da inconfidencia, depois de ter

examinado, amarguradamente, a defecção dos companheiros, reveste-se de supremo heroismo. Seu coração sente uma alegria sincera pela expiação cruel a ele somente reservada, já que seus irmãos de ideal poderiam continuar na posse do sagrado tesouro da vida. As falanges de Ismael cercam-lhe a alma leal e forte, inundando-a de santificadas consolações.

Tiradentes entrega o espirito a Deus, nos supplicios da forca, no dia 21 de abril de 1792. Um arrepio de angustiosa ansiedade percorre a multidão, no instante em que o seu corpo balança, pendente das traves do campo da Lampadosa.

Mas, nesse momento, Ismael recebia nos seus braços carinhosos e fraternais a alma edificada do martir.

— “Irmão querido, — exclama ele —, resgatas hoje os delitos crúéis levados a efeito por ti, quando te ocupavas do nefando mister de inquisidor, nos tempos passados... Resgastaste o preterito obscuro e doloroso, com as lagrimas do teu sacrificio em favor da patria do Evangelho de Jesus. Passarás a ser um símbolo para a posteridade, com o teu heroismo resignado nos sofrimentos purificadores... Novo genio que surges, espargirás novas bençãos sobre a terra do Cruzeiro, em todos os seculos do seu futuro... Regosija-te no Senhor pelo desfêcho dos teus sonhos de liberdade, porque

cada um será justificado de acôrdo com as suas obras e se o Brasil se aproxima da sua maioria como nação, ao influxo do amor divino, será o proprio Portugal quem virá trazer até ele, todos os elementos da sua emancipação politica, sem o êxito incerto das revoluções feitas á custa do sangue fraterno, para multiplicar os orfãos e as viúvas na face sombria da Terra...

Um sulco luminoso desenhou-se nos espaços, á passagem das gloriosas entidades que vieram acompanhar o espirito iluminado do martir que não chegou a contemplar o hediondo espetaculo do esartejamento.

Daí a alguns dias, a piedosa rainha portuguesa enlouquecia, ferida de morte na sua consciencia pelos remorsos pungentes que a dilaceravam e, consoante as profecias de Ismael, daí a alguns anos era o proprio Portugal que vinha trazer, com D. João VI a independencia do Brasil, sem o êxito incerto das revoluções fratricidas, cujos resultados invariaveis são sempre a multiplicação dos sofrimentos das criaturas, dilaceradas pelas provações e pelas dores, entre as pesadas sombras da vida terrestre.

X V

A REVOLUÇÃO FRANCESA

Em 1792, D. João elevava-se á direção de todos os negocios do trono portugês, em virtude da perturbação mental de sua mãe, D. Maria I. Epoca de profundas transições em todos os sectores politicos do Ocidente, a regencia caracterizava-se por inumeros desastres, no capítulo da administração.

Em 1789, estalara a revolução francesa, modificando a estrutura de todos os governos da Europa. Depois da reunião dos Estados Gerais, em Versailles, no dia 5 de maio de 1789, transformava-se a reunião em assembléia constituinte e, a 14 de julho do mesmo ano, o povo oprimido e dilacerado pelas flagelações e pelos impostos derrubava a Bastilha, esfacelando o simbolo do despotismo da realeza. Luiz XVI é guilhotinado a 21 de janeiro de 1793. Instala-se a republica francesa sobre o pedestal de sangue que corre abundantemente nas praças

de Paris. A guilhotina decepa todos os cerebros da nobreza. Após a declaração dos direitos do homem e do cidadão, as coletividades de França se haviam entregado áqueles anos de embriaguez no morticínio. Esses movimentos invadem todos os departamentos das atividades políticas da Europa. Todos os tronos unem-se, então, para o extermínio da republica nascente. Mas os revolucionarios não esmorecem na sua encarnizada resistencia. Todas as pessoas suspeitas são decapitadas. O periodo de Terror é a grande ameaça ao mundo inteiro. Esse periodo, porém, termina com a morte de Maximiliano Robespierre, no cadafalso para o qual os seus excessos de autoridade haviam mandado inumeras vítimas. Instala-se então, em 1794, o Directorio que Napoleão Bonaparte faz derrubar, em 1799, arvorando-se em primeiro consul. As casas imperiais europeias observam semelhantes acontecimentos, aguardando o ensejo necessario para restaurar o trono que a familia dos Bourbons havia perdido. A França, todavia, após os desperdícios de fôrça na luta fratricida, caíra nas mãos do ditador inteligente e implacavel, que a conduziria ao caminho de todas as aventuras. De simples official de artilharia, Bonaparte chegara, através dos golpes de Estado, ao cargo supremo do país, fazendo-se proclamar imperador, em 1804. Com a sua direção audaciosa, todas as conquistas milita-

res são empreendidas. A Europa inteira apresta-se para a campanha, ao tinido sinistro das armas. Com a estratégia dos generais franceses, caem todas as praças de guerra e o imperador vai catalogando o número ascendente das suas vitorias.

A esse tempo, todos os genios espirituais do Occidente se reúnem nas esferas proximas do planeta, implorando a proteção divina para os seus irmãos da humanidade.

Emissarios de Jesus descem com a sua palavra magnanima, esciarcendo os trabalhadores do Bem, levantando as suas energias para os bons combates.

— “Irmãos, — elucidam eles, — ordena o Senhor que espalhemos a sua luz e o seu amor infinito sobre todos os corações que sofrem na Terra. . . As forças das sombras intensificam a miseria e o sofrimento em todos os recantos do planeta. As ondas revolucionarias enchem de sangue todas as estradas do globo terrestre e as trombetas da guerra fazem-se ouvir, entoando as notas terriveis da destruição e da morte. . . Levantemos o espirito geral das coletividades oprimidas, renovando a concepção de liberdade na face do mundo. . .”

— “Anjo amigo, — interpelou um dos operarios da luz naquela augusta assembléia —, estariam enquadrados na lei divina os tragicos acontecimentos que se desenrolam na Terra? eados. . .”

Os tribunais são instalados para julgamentos sumarios, que terminam sempre com as sentenças de morte... As preces das viúvas e dos orfãos elevam-se até nós, dentro dos mais dolorosos apelos e enquanto procuramos amparar esses irmãos com os nossos braços fraternos, o banquete da guerra, presidido pelos ditadores prossegue sempre, como se obedecesse á uma fatalidade amarga dos destinos do mundo..."

— "Irmãos, — explica o mensageiro —, o plano divino é o da evolução e dentro dele todas as expressões de progresso das criaturas se verificariam sem o concurso desses movimentos lamentáveis, que atestam a pobreza moral da consciencia do mundo. A revolução e a guerra não obedecem ao sagrado determinismo das leis de Deus, constituindo o atrito tenebroso das correntes do mal, que conduzem o barco da vida humana ao mar encapelado das dores expiatorias. Os pensadores terestres poderão objetar que das ações revolucionarias nascem novas modalidades evolutivas no planeta e que numerosos beneficios são oriundos das suas atividades destruidoras; mas nós não compreendemos outras transformações que não sejam aquelas verificadas no íntimo dos homens, no augusto silencio do seu mundo interior, conduzindo-os aos mais altos planos de conhecimento superior. Se, após os movimentos revolucio-

narios, são fixadas no orbe novas expressões de progresso geral, é que o bem é o unico determinismo divino dentro do universo, determinismo que absorve todas as ações humanas para as assinalar com o sinete da fraternidade, da experiencia e do amor. Os espiritos das trevas se reúnem para a chacina e para a destruição, como acontece atualmente na Terra. Aliando-se ás tendencias e ás fraquezas das criaturas humanas, levam a mentalidade geral a todos os desvarios. Eles julgam estabelecer o imperio das sombras no plano moral do globo terrestre, mas a verdade é que todos os triunfos pertencem a Jesus, e as correntes da luz e do bem absorvem todas as atividades, anulando os resultados por ventura verificados com a expansão limitada das traves... E' em razão disso que, mesmo depois dessas ações destruidoras, crescerão de novo outros nucleos prestigiosos de civilização... Até que a fraternidade deixe de ser uma figura mitológica no coração das criaturas humanas, e até que estejam extintas as vaidades patrioticas, para que prevaleçam um só rebanho e um só pastor, que é Jesus Cristo, os seres das sombras terão o poder de arrastar o homem da terra ás lutas fratricidas... Mas ai daqueles que fomentaram semelhantes delitos... Para as suas almas, a noite dos seculos é mais sombria e mais dolorosa. Infelizes de quantos tentarem fechar a porta ao progres-

so dos seus irmãos, porque acima da justiça subornável dos homens, ha um tribunal onde impera a equidade inviolavel. A Témis Divina conhece todos os traidores da humanidade que passam pelo mundo, glorificados pela historia; a sua condenação marca-lhes a frente e aos seus ouvidos ecoam, incessantemente, as palavras dolorosas — “Caím, Caím, que fizeste dos teus irmãos, maldito?”... Sómente as lagrimas, no círculo doloroso das reencarnações tenebrosas, representam um caminho para a sua reabilitação, nas estradas eternas do tempo !...”

Dissolvida a assembléa do infinito, os amigos dos infortunados espalharam-se pelas sendas terrestres, reerguendo os seus irmãos nas lutas redentoras.

Napoleão prosseguia, deixando em toda a parte um rastro de lagrimas e de sangue. Suas incursões em todos os países, deixavam-lhe o espolio miseravel das posições e das corôas, que o ditador ia distribuindo entre os seus familiares e amigos.

O seculo XIX começava a viver embalado pelo barulho das armas, em todas as direções.

Portugal alia-se á Inglaterra, resistindo ás ordens supremas do conquistador. Bonaparte assassina um tratado com a Espanha, que já se havia dobrado ás suas determinações, e ordena a invasão immediata de Portugal.

A Inglaterra, com a sua prudencia, sugere á casa de Bragança a retirada para o Brasil. D. João VI hesita, antes de adotar semelhante resolução. O grande príncipe, tão generoso e tão infeliz é encontrado, nas vespéras da partida, a chorar convulsivamente em um dos aposentos privados do palacio, mas aquella decisão era necessaria e inadiavel. A frota real velejou do Tejo em 29 de novembro de 1807, a caminho da colonia e mal não havia desaparecido nas aguas pesadas do Atlantico, já os soldados de Junot apoderavam-se de Lisbôa e de suas fortalezas, com a ordem de riscar Portugal da carta geografica européa.

Contudo, os genios espirituais velavam pelos vencidos e pelos humilhados.

D. João VI chegava ao Brasil em janeiro de 1808, depois de uma viagem cheia de accidentes e contrariedades.

O bondoso príncipe encontraria, na terra do Evangelho, a hospitalidade que os reis de Castela não encontraram nas suas colonias da America do Sul, quando acoçados pelas mãos de ferro do ditador. A casa de Bragança ia dilatar até aqui os limites do seu reino, reconhecida e feliz por encontrar no Brasil a compreensão e a bondade, o acolhimento e o amor.

D. JOÃO VI NO BRASIL

Enquanto as falanges espirituais de Henrique de Sagres reuniam-se em Portugal, revigorando as forças lusitanas para a escola da energia, que foi a guerra peninsular, o exército de Ismael voltava-se para o Brasil, afim de inspirar o primeiro soberano do Velho Mundo, que pisava as terras americanas.

A esses esclarecidos agrupamentos do mundo invisível, aliava-se agora a personalidade do Tiradentes, que se havia transformado em genio inspirador de todos os brasileiros. Ismael reúne os seus colaboradores e esclarece aos devotados mensageiros: —

— “Amigos, um novo periodo surgirá agora para as nossas atividades na terra do Evangelho... Ao sopro das inspirações divinas, reformar-se-á toda a vida politica da patria onde edificaremos, mais tarde, a obra de Jesus. Procuremos inspirar a quantos se conservam á

frente dos interesses do povo, iluminando-lhes o caminho com as idéias generosas e fraternas da liberdade... Sobre os nossos esforços, ha de pairar a direção do Senhor, que se desvela amorosamente pelo cultivo da arvore sagrada dos seus ensinamentos, transplantada da Palestina para o coração do Brasil...”

Aquela caravana de abnegados espalha-se, então, em todos os recantos da patria, distribuindo com os seus esforços fraternais as sementes de uma vida nova.

A 24 de janeiro de 1808, aporta na Baía a maior parte das embarcações que constituíam a frota real. O povo baiano recebe o principe regente e sua comitiva com as mais carinhosas demonstrações de amizade. Clarins e bandeiras anunciam, sob aquele sol quente e amigo, a presença da familia real nas terras do Cruzeiro. A cidade de Salvador julga-se, de novo, nos seus grandes dias, esperando a honra de representar novamente a capital da colonia, mas os navios descem ao longo da costa para o Rio de Janeiro.

Logo, porém, ao seu primeiro contacto com o Brasil, ao influxo das falanges do Infinito, o principe generoso sente-se tocado da mais alta simpatia para com a Patria do Evangelho.

Ainda na Baía, graças ás suas relações com o conde de Aguiar, ministro de D. João VI, José da Silva Lisboa, mais tarde visconde de

Cayurú, consegue do soberano a abertura de todos os portos da colonia ao commercio universal. E note-se que, semelhante providencia que constituia a base primordial da autonomia brasileira, teve seus ascendentes, indiscutivelmente, na atuação das forças espirituais que presidiam os movimentos iniciais da emancipação, porque, na convenção secreta de Londres em 22 de outubro de 1807, um dos pontos essenciais que deveriam ser observados em troca da proteção de Jorge II á casa de Bragança, no sentido de sua fuga para a colonia distante, era o da abertura dos portos do Brasil á livre concorrência da Inglaterra, reservando-se semelhante direito somente aos interesses britânicos. O soberano e seus ministros conheciam esas determinações, através de Lord Strangford, mas com o auxilio das influencias salutarres do plano invisível, consideraram a tempo o absurdo dessas exigencias, realizando as primeiras aspirações dos patriotas brasileiros.

A maravilha dos céus americanos deslumbra os olhos de D. João, que se entusiasma com a beleza natural da paisagem magnifica.

Acompanhado de um séquito numeroso de fidalgos, onde, entre muitos, destacavam-se o visconde de Anadia, elegante da época, inimigo implacavel de todas as expressões indigenas da colonia, o marquês de Belas, o marquês de Anjeja, o duque de Cadaval e toda uma comi-

tiva enorme de vassallos e nobres, de guardas e criados, o soberano aportou ao Rio de Janeiro, num ambiente de geral alegria.

Nos seus novos paços, sentia-se o rei confortado e satisfeito com a magnificencia da paisagem e com a fartura da terra. Apenas D. Carlota Joaquina, com a sua educação deficiente e a sua megalomania e apego aos prazeres requintados da época, não se conformava com a situação, protestando contra todos os elementos, dentro da sua aridez de espirito e lamentavel agressividade.

As caravanas do infinito não descansaram junto das autoridades supremas da politica administrativa. Todas as possibilidades foram aproveitadas pela sua operosidade infatigavel. A primeiro de abril de 1808, levantava-se a proibição que incidia nas industrias nacionais, declaradas livres, facilitando a colaboração dos estrangeiros que se localizaram nas costas maritimas da patria do Cruzeiro, instituindo um novo periodo de trabalho construtivo do país, que ia celebrar as suas núpcias com a liberdade.

O Rio de Janeiro sob a direção do bondoso principe que, ao influxo das influencias poderosas do Alto, aqui adotara um regime muito mais liberal que as formulas de governo observadas em Lisboa, enche-se de obras notaveis. Grandes instituições são fundadas na cidade

da mais maravilhosa baía do mundo. Surgem a Escola de medicina, o Liceu de Artes e Ofícios, o Banco do Brasil; organizam-se os primórdios da Escola de Belas-Artes, cria-se a Academia de Marinha, o Conselho Militar, a Biblioteca Real; desenha-se o Jardim Botânico, como o novo encanto da cidade e, sobretudo, inicia-se com a Imprensa Regia, a vida do jornalismo na pátria do Cruzeiro.

Entidades benevolentes e sábias, sob a direção de Ismael espalham claridades novas em todos os espiritos e, sob os seus generosos e imponderáveis impulsos, as grandes construções do progresso brasileiro se avolumam por toda a parte, nas mais elevadas demonstrações evolutivas.

O príncipe, contudo, não soube manter-se constantemente dentro das linhas de sua autoridade. Com as suas liberalidades na America, criava-se em derredor da sua corte toda uma sociedade de parasitas e de inúteis. Os reinóis abastados do Rio de Janeiro e das outras grandes cidades coloniais receberam títulos e condecorações de toda a natureza. As cartas honoríficas eram expedidas quase que diariamente. Por toda a parte, havia comendadores da Ordem de Cristo e cavaleiros de São Tiago, intensificando-se um grande menosprezo pelas instituições. Os nobres da época eram os novos ricos do mundo moderno. Conquistados os

títulos, sentiam-se no direito de viver colados ao orçamento da despesa, apodrecendo, longe do trabalho. Só os gastos da despesa da corte, dos quais vivia a multidão dos criados, no Rio de Janeiro, ao tempo de D. João VI, aproximavam-se da respeitável importância de mais de quinze mil contos de réis! O alojamento dos fidalgos e de suas famílias exigiu, por vezes a fio, as mais energicas providencias da autoridade, no capitulo das expropriações. A chamada lei das aposentadorias obrigava todos os inquilinos e proprietarios a cederem suas casas de residencia aos favoritos e aos fâmulos reais. Bastava que qualquer fidalgo desejasse este ou aquele predio, para que o Juiz Aposentador efetuasse a necessaria intimação, afim de que fosse imediatamente desocupado. Ao official da justiça, incumbido desse trabalho, bastava escrever na porta de entrada as letras "P. R.", que se subentendiam por "Príncipe Regente", inscrição que a malícia carioca traduzia como significando — "ponha-se na rua".

Moreira de Azevedo conta-nos em suas paginas, que Agostinho Petra Bittencourt era um dos juizes aposentadores ao tempo de D. João VI, quando lhe appareceu um fidalgo da corte, exigindo pela segunda vez uma residencia confortavel, apesar de já se encontrar muito bem instalado. Decorridos alguns dias, o mesmo

homem requer a mobilia, e daí a algum tempo solicita escravos. Recebendo a terceira solicitação, o juiz indignado em face dos excessos da côrte do Rio, exclama para a espôsa, gritando para um dos apartamentos da casa: —

— “Prepare-se, D. Joaquina, porque por pouco tempo poderemos estar juntos...”

E indicando á mulher, que viera correndo atender ao chamado, o fidalgo que allí esperava a decisão, concluiu com ironia: —

— “Este senhor já por duas vezes exigiu casa; depois pediu-me mobilia, e agora vem pedir criados. Dentro em breve, desejará também uma mulher, e como não tenho outra senão a senhora, serei forçado a entregá-la.”

Todavia, embora todos os absurdos e todas as despesas, que seriam de muito excedidos nos odiosos processos revolucionarios, caso o país fosse obrigado a exigir, pelas armas, a sua emancipação, a côrte de D. João VI ia prestar ao Brasil os mais inestimaveis serviços, no capitulo de sua autonomia e de sua liberdade, sem os abusos criminosos das lutas fratricidas.

XVII

PRIMORDIOS DA EMANCIPAÇÃO

Em 1815, passara a colonia a ser o Reino do Brasil, em carta de lei de D. João VI. O Rio de Janeiro passara, desse modo, a representar a séde da monarquia portuguesa.

O soberano reconhecido á terra que o asilara, dispensava ao Brasil os mais altos privilegios.

O progresso economico da nação, alentado pelas forças estrangeiras aí estabelecidas com as garantias da lei, avançava em todos os sectores da comunidade brasileira. Todo o país se rejubila com a nova-era de prosperidade geral.

No Rio, porém, o generoso principe sofria os mais acerbos desgostos no ambiente da familia; era, talvez, em razão desses dissabores, que jamais se viu D. João VI perfeitamente integrado nas suas respeitaveis funções, no mudo official daquele tempo. São conhecidos o apêgo do soberano aos seus almoços solitarios, sem as etiquetas da época; seu retraimento e desleixo pelas pequeninas formalidades que

constituem o problema da elegancia de um seculo. Com as roupas desabotoadas, mal contendo o corpo nas suas dobras em desalinho, muitas vezes foi ele visto, alheio ás serias preocupações da sua autoridade suprema, como se o seu espirito vagasse na paisagem de outros mundos. D. João acostumara-se á maravilhosa beleza do sítio da Guanabara e tomara-se de amor pela patria que os seus valorosos antepassados haviam edificado. Enquanto Napoleão Bonaparte lia o Eclesiastes, entre os seus infortunios na ilha solitaria de Santa Helena, para se convencer de que todas as glorias humanas não passam de vaidades e aflicção de espirito, o principe regente preferia fazer os seus passeios pelos arredores do Paço de São Cristovão, esquecendo-se das mentiras sociais da cõrte de Lisboa. Aqui, no Brasil, ao menos o inédito dos céus sempre azues e das encantadoras perspectivas dos môrros verdengos e floridos representava um suave anestésico para o seu coração dilacerado de filho, de espôso e de pai. Suas preocupações se dividiam entre a mãe demente, a espôsa desleal e incompreensível, e o filho perdulario e estroina. No seu cerebro não havia lugar para as considerações, em tórno das transformações politicas da época, e a antiga metropole portuguesa continuava sob a orientação dos homens publicos da Inglaterra.

Todavia, em 1816, desprende-se do corpo enfermo e envelhecido o espirito de D. Maria I. A rainha experimentara algo de lucidez nos seus derradeiros dias de supremas tribulações. Por muito tempo, contudo, esteve apegada ás ilusões do seu trono, perseguida pelo vozerio das entidades desencarnadas em rigorosas sentenças de morte, por insinuação dos seus confesores e dos seus ministros. As torturas da Terra acompanham no Alem aqueles que as semearam na face do mundo, e foi assim que o calvario da infeliz soberana não terminou com os seus ultimos dias no orbe terrestre.

Nesse mesmo ano, casou-se o principe D. Pedro com a arquiduquesa Leopoldina da Austria. Alma sensível e delicada, essa princesa européia era trazida ao Brasil de acõrdo com as determinações do mundo invisível, para colaborar na realização dos elevados projetos de Ismael e dos seus mensageiros. Somente o seu coração, doce e submisso, poderia suportar resignadamente as estroinices do espôso, em um dos periodos mais delicados da sua vida, sem provocar escandalos que representariam atrasos na marcha dos acontecimentos previstos.

A esse tempo, em todas as cõrtes da Europa, sopra fortemente o liberalismo, pressagiando o fim do poder absoluto. A republica francesa havia desferido tremendos golpes em todos os preconceitos do sangue e da autoridade.

As constituições moldadas na célebre declaração dos direitos do homem e do cidadão surgiam em todos os países, dando ensejo á renovação de todas as liberdades politicas.

Depois da morte de D. Maria I, Portugal não se resigna com a situação de subalternidade a que era conduzido pela caprichosa vontade de D. João VI perseverando em permanecer no Brasil e prepara todos os elementos para a insurreição contra a ditadura despotica de Beresford, em cujas mãos inhabeis de administrador se encontrava o poder. A Maçonaria que, em todos os tempos, defendeu os principios da liberdade e da fraternidade humana, solicitada por elementos de Lisboa e de Pernambuco, não hesita em estender o seu concurso á independencia do Brasil, que constitue assunto de somenos importancia para os portuguezes, desde que o soberano regressasse immediatamente á Europa, collocando-se á frente dos negocios do trono. A verdade, todavia, é que os pernambucanos exaltados não esperam a solução pelos processos pacificos e, exacerbados os antigos odios entre brasileiros e portuguezes, que já haviam conduzido Recife e Olinda á guerra fratricida, promoveram a revolução de 1817, na qual se sacrificaram tantas vidas. Por essa epoca, appareceu em todo o norte do país o famoso "Preciso", redigido por Luiz de Mendonça, sob ameaça de fuzilamento. As comissões milita-

res designadas para reprimir o movimento, ordenaram fuzilamentos e crueldades que consternaram o coração do proprio rei, que as fez suspender sem perca de tempo, afim de que cessassem as arbitrariedades dos executores das ordens do Conde dos Arcos. A 6 de fevereiro de 1818, dia da coroação de D. João VI, o soberano concedeu anistia a todos os implicados.

Ismael e seus emissarios conseguiam, com a proteção de Jesus, fazer desabrochar por toda a parte os albores da paz, edificando os primordios da emancipação do Brasil.

Eis que, em 1820, rebenta em Lisboa e no Porto a revolução constitucionalista. Portugal, reduzido á condição de colonia desde a occupação de Junot, reclamava a volta immediata da familia real á metropole portuguesa e o regime da constituição para a sua vida politica. As proprias tropas que se localizavam no Pará e na Baía adheriram ao movimento da patria. A ação constitucional era irresistivel. D. João VI busca procrastinar as suas decisões. Promete enviar o principe D. Pedro para examinar a situação, mas todos ou quase todos os portuguezes do Brasil protestam contra as atitudes despistadoras do monarca. As tropas, adherindo aos movimentos do reino, reúnem-se no Largo do Rocio. O momento era dos mais delicados...

Os colaboradores invisíveis, todavia, dobram as suas atividades conciliadoras junto de todos os elementos políticos presentes na cidade e D. Pedro, depois daquelas combinações necessarias e rapidas, corre ao Paço de São Cristovão, de onde trás um decreto antedatado, com a assinatura do soberano declarando aceitar e fazer cumprir a constituição da Junta Revolucionaria de Lisboa.

Os militares e a população entregam-se então ás mais altas manifestações de alegria. Girandolas e bandeiras celebram nas ruas cariocas o acontecimento.

Entram, porém, em jôgo os interesses de Portugal e do Brasil. A 7 de março de 1821, D. João VI comunica a sua resolução de regressar á Lisboa e os favoritos da sua côrte insinuam-lhe a supressão de todas as liberdades que ele havia outorgado á patria do Evangelho, mas a mentalidade brasileira protesta pela voz dos seus homens mais eminentes.

O generoso soberano, cujo reinado transcorria num dos periodos mais criticos da historia do mundo, foi obrigado a deixar no Brasil o filho, como principe regente.

No momento das despedidas, profere ele a famosa recomendação: —

— “Pedro, se o Brasil se separar de Portugal, antes seja para ti, que me respeitarás, do que para algum desses aventureiros.”

X V I I I

NO LIMIAR DA INDEPENDENCIA

Novamente em Portugal, D. João VI deixa-se levar ao sabor das circunstancias.

Lisboa vivia então sob grande terror, com os julgamentos sumarios que se haviam verificado contra todos os implicados no movimento que visava depor a ditadura de Beresford. Inumeros fuzilamentos foram levados a efeito, sem que as sentenças de morte fossem bafejadas pela sanção régia, constituindo verdadeiros assassinios, com os mais hediondos requintes de crueldade.

O soberano, que trasia constantemente na memoria a figura de Luiz XVI colada á guilhotina, sujeita-se a todas as imposições dos revolucionarios. Jura a constituição portuguesa sem o assentimento da rainha D. Carlota, que é exilada para a Quinta do Ramalhão, onde ficará com o filho D. Miguel, urdindo os novos planos de sua desmesurada ambição.

Os portugueses influentes consideram o perigo da independencia brasileira. A mais preciosa gema que se havia engastado á corôa da Casa de Bragança estava prestes a desprender-se, para sempre. Todas as providencias contrarias á pretensão dos brasileiros são adotadas immediatamente. Um periodo agitado surge na politica da epoca, entre os polos antagonicos do absolutismo e da democracia. As côrtes portuguezas, com 130 deputados, impunham a sua vontade despotica aos 72 deputados brasileiros que assistiam, com verdadeiro heroismo, ao desenvolvimento dos projetos de franca hostilidade á direção do principe regente do Brasil, que, aos poucos, se ia inflamando ao calor das idéias liberais. Os deputados do Brasil apresentam o projeto que visava criar um congresso na America, independente das camaras organizadas na Europa, o que é recebido pelos portuguezes como um insulto á dignidade nacional, recomendando um dos parlamentares que D. Pedro deveria abandonar o Paço de São Cristovão, onde respirava a peçonha da bajulação dos inimigos do regime, e voltar á Lisbôa, afim de aprimorar a sua educação em viagens pela Europa. As agitações se intensificam num crescendo espantoso. Alguns deputados brasileiros, como Araujo Lima e Antonio Carlos, agredidos pela população, são coagidos a emigrar para a Inglaterra.

A caravana de Ismael desvela-se pelo cultivo das idéias liberais no coração da patria e, através de processos indirectos, busca distribuir em todos os sectores da terra do Cruzeiro as sementes da fraternidade e do amor.

Por essa epoca, a personalidade espiritual daquele que fôra o Tiradentes procura o mensageiro de Jesus, solicitando-lhe a palavra esclarecida, quanto á solução do problema da independencia: —

— “Anjo amigo, — exclama ele —, não será agora o instante decisivo de nossa atuação? Por toda a parte ha uma exaltação patriótica em todos os animos. Todas as possibilidades estão dispersas, mas poderíamos reunir todas essas fôrças, com o fim de derrubar as ultimas muralhas que se opõem á liberdade da patria do Evangelho”.

— “Meu irmão, pondera Ismael sabiamente —, o momento da emancipação brasileira não tardará no horizonte de nossas atividades; todavia, precisamos articular todos os movimentos dentro da ordem construtiva, afim de que não se percam as finalidades do nosso trabalho. O problema da liberdade é sempre uma questão delicada para todas as criaturas, porque todos os direitos adquiridos se fazem acompanhar de uma serie de obrigações que lhe são inerentes. Faz-se mistér considerar que toda elevação requer a plena consciencia do dever

a cumprir, e daí a delicadeza da nossa missão, no sentido de repartir as responsabilidades. Precisamos difundir a educação individual e coletiva, dentro de todas as nossas possibilidades, formando os espiritos antes das obras. No problema em causa, temos de aproveitar a autoridade de um príncipe do mundo, para levar a efeito a separação das duas patrias com o mínimo de lutas, sem manchar nossa bandeira de redenção e de paz com o amargo espetáculo das lutas fratricidas... Cerquemos o coração desse príncipe com as claridades fraternas da nossa assistência espiritual... Povoemos as suas noites com os sonhos de amor á liberdade, desenvolvendo-lhe no espirito as noções da solidariedade humana... Individualmente considerado, não representa ele o tipo ideal, necessário á realização dos nossos projetos; voluntarioso e doente, não é o cérebro receptivo para nós outros, de modo a facilitar-se o nosso trabalho; mas a sua pessoa encarna o princípio da autoridade e temos de mobilizar todos os elementos ao nosso alcance, para evitar os desvarios criminosos de uma guerra civil. Trabalhe-mos mais um pouco, junto ao seu coração irrequieto, procurando, simultaneamente, abrir um caminho novo á educação geral... Em breves dias, poderemos concentrar as forças dispersas para a proclamação da independencia, e após semelhante realização enviaremos nosso apelo

ao coração misericordioso de Jesus, implorando das suas bênçãos um rumo novo para a nossa tarefa, afim de que a liberdade bem aproveitada e bem dirigida não constitua elemento de destruição na patria dos seus sublimes ensinamentos..”

As sabias exortações de Ismael foram rigorosamente observadas por seus abnegados companheiros de ação espiritual.

Os emissarios invisiveis buscam, piedosamente, distribuir os elementos de paz e de concordia geral, harmonizando todos os pensamentos na edificação dos monumentos da liberdade.

As agitações, porém, avolumam-se em movimentos espantosos, empolgando a nação inteira. Debalde Portugal procurava reprimir a idéia da independencia, que se havia firmado em todos os corações.

E, enquanto os brasileiros discutiam e conspiravam secretamente, a frota do Vice Almirante Francisco Maximiano de Souza, sob o comando do Coronel Antonio Joaquim Rosada com 1.200 homens, partia de Lisboa para o Rio de Janeiro, com ordem terminante de repatriar o príncipe D. Pedro.

X I X

A INDEPENDENCIA

O movimento da emancipação percorria todos os departamentos de atividades politicas da patria, mas, por uma disposição natural, era no Rio de Janeiro, cerebro do país, que fervilhavam as idéias libertárias, incendiando todos os espiritos. Os mensageiros invisíveis desdobravam sua ação junto de todos os elementos, preparando a fase final do trabalho da independencia, através dos processos pacíficos.

Todos os patriotas enxergavam no príncipe D. Pedro a figura maxima que deveria encarnar o papel de libertador do reino do Brasil. O príncipe, porém, considerando as tradições e laços de familia, hesitava ainda, antes de optar pela decisão suprema separando-se, em caráter definitivo, da direção da metropole.

Conhecendo as ordens rigorosas da corte de Lisboa, que determinavam o imediato regresso de D. Pedro a Portugal, reúnem-se os

cariocas para as providencias possíveis de serem levadas a efeito, e uma representação com mais de oito mil assinaturas é levada ao príncipe regente, pelo Senado da Camara, acompanhado de numerosa multidão, em 9 de janeiro de 1822. D. Pedro, frente á massa de povo, sente a assistencia espiritual dos companheiros de Ismael que o incitam a completar a obra da emancipação politica da patria do Evangelho, recordando, simultaneamente, as palavras do pai no instante das suas despedidas. Aquele povo já possuía a consciencia da sua maioridade e nunca mais suportaria o retrocesso á vida colonial, integrado no patrimonio das suas conquistas e das suas liberdades. Não vacila mais, em face da realidade intuitiva e, após alguns minutos de angustiosa expectativa, o povo carioca recebia, através de José Clemente Pereira, a promessa formal do príncipe de que ficaria no Brasil, contra todas as determinações da corte de Lisboa, para o bem da coletividade e para a felicidade geral da nação. Estava assim proclamada a independencia do Brasil, com a sua audaciosa desobediencia ás determinações da metropole portuguesa.

Todo o Rio de Janeiro se enche de esperanca e de alegria. Mas, as tropas fiéis á Lisboa resolvem normalizar a situação, ameaçando abrir luta com os brasileiros, afim de fazer valer as ordens da Corôa. Jorge Avilez, coman-

dante da divisão, faz constar, imediatamente, os seus propositos e, em 11 de janeiro, as tropas portuguesas ocupam o Morro do Castelo, que ficava a cavaleiro da cidade. Ameaçado de bombardeio, o povo carioca reúne as multidões de milicianos encorporando-os ás tropas brasileiras e localizando-se contra o inimigo no Campo de Santana. O perigo iminente faz tremer o coração fraterno da cidade. Não fôsse o auxilio do Alto, todos os propositos de paz teriam fracassado na pavorosa maré de ruina e de sangue. Ismael acode ao apêlo das mães desveladas e sofredoras, e, com o seu coração angelico e santificado, penetra as fortificações de Avilez, fazendo-lhe sentir o carater odioso das suas ameaças á população e a verdade é que, sem um tiro, o chefe português obedeceu, com humildade, á intimação do principe D. Pedro, capitulando a 13 de janeiro e retirando com as suas tropas para a outra margem da Guanabara, até que pudesse regressar com os seus, para Lisboa.

Os patriotas, daí por diante, já não pensam noutra cousa que não seja a organização politica do Brasil. Todas as camaras e nucleos culturais do país dirigem-se a D. Pedro em termos encomiasticos, louvando-lhe a generosidade e exaltando-lhe os meritos. Os homens eminentes da época, á cuja frente somos forçados a collocar a figura de José Bonifacio como a expres-

são culminante dos Andradas, auxiliam o principe regente, sugerindo-lhe medidas e providências necessarias. Chegando ao Rio nos instantes do grande triunfo do povo, após a memoravel resolução do "Fico", José Bonifacio foi ministro do reino do Brasil e do Estrangeiro. O patriarca da independência adota as medidas politicas que a situação estava exigindo, inspirando, com exito, o principe regente nos seus delicados encargos de govêrno.

Gonçalves Ledo, Frei Sampaio e José Clemente Pereira, paladinos da imprensa da época, foram igualmente grandes propulsores do movimento da opinião, concentrando as energias nacionais para a suprema afirmação da liberdade da patria.

Todavia, se a ação desses abnegados condutores do povo se fazia sentir de Minas Gerais até o Rio Grande do Sul, o predomínio dos portugueses desde a Baía até o Amazonas representava serio obstculo ao incremento e consolidação do ideal emancipacionista. O govêrno resolve contratar os serviços das tropas mercenárias de Lord Cochrane, o cavaleiro andante da liberdade da America Latina. Muitas lutas se travam nas costas baianas e verdadeiros sacrificios são exigidos aos mensageiros de Ismael, que se desdobram em todos os sectores, com o objetivo de conciliar seus irmãos encarnados, dentro da harmonia e da paz, e com a fi-

nalidade de preservar a unidade territorial do Brasil, para que não se fragmentasse o coração geografico do mundo.

A esse tempo, José Bonifacio aconselha a D. Pedro uma viagem a Minas Gerais, afim de unificar-se o sentimento geral em favor da independencia, serenando a luta acerba dos partidarismos. Em seguida, outra viagem com os mesmos objetivos, é realizada pelo principe regente á São Paulo. Os bandeirantes que, no Brasil, sempre caminharam na vanguarda da emancipação e da autonomia, recebem-no com o entusiasmo da sua paixão libertária e com a alegria da sua generosa hospitalidade; e, enquanto ha musica e flores nos teatros e nas ruas paulistas, comemorando o acontecimento, as falanges invisiveis reúnem-se no Colegio de Piratininga. O conclave espiritual se realiza sob a direção de Ismael, que deixa irradiar a luz misericordiosa do seu coração. Ali se encontram heróis das lutas maranhenses e pernambucanas, mineiros e paulistas, ouvindo-lhe a palavra cheia de ponderação e de ensinamentos. Terminando a sua allocução pontilhada de serena sabedoria, o mensageiro de Jesus sentenciou: —

— “A independencia do Brasil, meus irmãos, já se encontra definitivamente proclamada... Desde 1808, ninguem pode negar ou retirar essa liberdade. A emancipação da pa-

tria do Evangelho consolidou-se, porém, com os fatos verificados nestes ultimos dias, e para não quebrarmos a fôrça dos costumes terrenos, escolheremos agora uma data que assinale aos pósteros essa liberdade indestrutivel.”

E dirigindo-se ao Tiradentes, que ali se encontrava presente, rematou: —

— “O nosso irmão martirizado ha alguns anos pela grande causa, acompanhará D. Pedro em seu regresso ao Rio e ainda na terra generosa de São Paulo, auxiliará o seu coração no grito supremo da liberdade... Uniremos, assim, mais uma vez, as duas grandes oficinas do progresso da patria, para que sejam as elaboradoras do inesquecivel acontecimento nos fastos da historia... O brado da emancipação partiu das montanhas e deverá encontrar aqui o seu eco realizador. E agora, todos nós que nos reunimos aqui, no sagrado Colegio de Piratininga, elevemos a Deus o nosso coração em prece, pelo bem do Brasil..”

Dalí, do ambito silencioso daquelas paredes respeitaveis, saiu uma vibração nova de fraternidade e de amor.

Tiradentes acompanhou o principe nos seus dias faustosos, de volta ao Rio de Janeiro. Um correio providencial leva ao conhecimento de D. Pedro as novas imposições da côrte de Lisboa e ali mesmo, nas margens do Ypiranga, quando ninguem contava com essa última de-

claração do príncipe regente, D. Pedro deixa escapar o grito de "Independencia ou Morte!", sem suspeitar que era o docil instrumento de um emissario invisivel, que velava pela grandeza da patria.

Eis porque o Sete de Setembro, com escasos comentarios da historia oficial, que considerava a independencia já realizada nas proclamações de primeiro de agosto de 1822, passou á memoria da nacionalidade inteira como o dia da patria e data inolvidavel da sua liberdade.

Esse fato, despercebido pela maioria dos estudiosos, representa a adesão intuitiva do povo aos elevados designios do mundo espirital.

X X

D. PEDRO I I

Definitivamente proclamada a independencia do Brasil, Ismael leva ao Divino Mestre o relato de todas as conquistas verificadas, solicitando o amparo do seu coração compassivo e misericordioso para a organização politica e social da patria do Evangelho.

Corriam os primeiros meses de 1824 e a emancipação do país encontrava-se, mais ou menos consolidada, perante a metropole portuguesa. As ultimas tropas reacionarias já se haviam recolhido á Lisbôa, sob a pressão da esquadra brasileira nas aguas baianas.

No Rio de Janeiro, transbordavam esperanças em todos os corações, mas os estadistas encontravam dificuldades para a organização estatal da terra do Cruzeiro. A constituição, depois de calorosos debates e após os famosos incidentes dos Andradas, que haviam terminado com a dissolução da Assembléa Constituinte e com o exilio desses notaveis brasileiros, só fôra aclamada e jurada justamente naquela

epoca, em 25 de março de 1824. Nesse dia, terminava a mais difficil de todas as etapas da independencia e o coração inquieto do primeiro imperador podia gabar-se de haver refletido, muitas vezes, naqueles dias turbulentos, os ditames dos emissarios invisiveis, que revestiram as suas energias de novas claridades, para o formal desempenho da sua tarefa nos primeiros anos de liberdade da patria.

Recebendo as confidencias de Ismael, que apelava para a sua misericordia infinita, considerou o Senhor a necessidade de polarizar as atividades do Brasil num centro de exemplos e de virtudes, para modêlo geral de todos. Chamando Longinus á sua presenca, falou com bondade: —

— “Longinus, entre as nações do orbe terrestre organizei o Brasil como o coração do mundo. Minha assistencia misericordiosa tem velado constantemente pelos seus destinos e, inspirando a Ismael e aos seus companheiros do Infinito, consegui evitar que a pilhagem das nações ricas e poderosas fragmentasse o seu vasto territorio, cuja configuração geografica representa o órgão do sentimento no planeta, como um coração que deverá pulsar pela paz indestrutivel e pela solidariedade coletiva, no qual a sua evolução terá de dispensar, logicamente, a presenca continua dos meus emissarios para a solução dos seus problemas de o

dem geral. Bem sabes que os povos têm a sua maioridade, como os individuos, e se bem não sejam perdidos de vista por genios tutelares do mundo espiritual, faz-se mistér se lhes outorgue toda a liberdade de ação, a fim de afeirmos o aproveitamento das lições que lhes foram prodigalizadas.

Sente-se o teu coração com a necessaria fortaleza para cumprir uma grande missão na patria do Evangelho ?”

— “Senhor, — respondeu Longinus num mixto de expectativa angustiosa e de refletida esperança —, bem conheceis o meu elevado proposito de aprender de vossas lições divinas e de servir á causa das vossas verdades sublimes, na face triste da Terra. Muitas existencias de dor tenho voluntariamente experimentado, para gravar no íntimo do meu espirito a compreensão do vosso amor infinito, que eu não pude entender ao pé da cruz dos vossos martirios no Calvario, em razão dos espinhos da vaidade e da impenitencia que sufocavam, naquele tempo, a minh'alma... Mas é com indizivel alegria, Senhor, que receberei vossa incumbencia para trabalhar na terra generosa, onde se encontra a arvore magnánima da vossa inexgotavel misericordia... Seja qual fôr o genero de serviços que me forem confiados, receberei as vossas determinações como um sagrado ministerio...”

— “Pois bem, — redarguiu Jesus com brandura e piedade — essa missão, se bem cumprida por ti, constituirá a tua ultima romagem no planeta escuro da dor e do esquecimento. A tua tarefa será daquelas que requerem o maximo de renúncias e devotamentos. Serás imperador do Brasil, até que ele atinja a sua perfeita maioridade, como nação. Concentrarás o poder e a autoridade para beneficiar a todos os seus filhos. Não é preciso encarecer aos teus olhos a delicadeza e sublimidade desse mandato, porque os reis terrestres, se bem compenetrados das suas elevadas obrigações diante das leis divinas, sentiriam nas suas corôas efemeramente um peso maior que o das algemas dos forçados... A autoridade, como a riqueza, é um patrimonio terrivel para os espiritos inconscientes dos seus grandes deveres. Dos teus esforços será exigido mais de meio seculo de lutas e dedicações permanentes. Inspirarei as tuas atividades, mas, considera sempre a responsabilidade que permanecerá nas tuas mãos... Ampara os fracos e os desvalidos, corrige as leis despoticas e inaugura um novo periodo de progresso moral para o povo localizado nas terras do Cruzeiro. Institue, por toda a parte, o regime do respeito e da paz, no continente, e lembra-te da prudencia e da fraternidade que deverá manter o país nas suas relações com as nacionalidade vizinhas. Nas lutas

internacionais, guarda a tua espada na bainha e espera o pronunciamento da minha justiça, que surgirá sempre, no momento oportuno. Fisiicamente consideradas, todas as nações constituem o patrimonio comum da humanidade e, se algum dia fôr o Brasil menosprezado, eu saberei providenciar para que sejam devidamente restabelecidos os principios da justiça e da fraternidade universal. Procura aliviar os padecimentos daqueles que sofrem nos martirios do cativo, e cuja abolição se verificará nos ultimos tempos do teu reinado... Tuas lides serão terminadas ao fim deste seculo, e não debes aguardar a gratidão dos teus contemporaneos; ao fim delas, serás alijado da tua posição por aqueles mesmos a quem proporcionares os elementos de cultura e liberdade. As mãos aduladoras que buscarem a proteção das tuas, voltarão aos teus palacios transitorios, assinando o decreto da tua expulsão do solo abençoado, onde sementeiras o respeito e a honra, o amor e o dever, com as lagrimas redentoras dos teus sacrificios; contudo, ampararei teu coração nos angustiosos transees do teu ultimo resgate, no planeta das sombras. Nos dias de amargura final, minha luz descera sobre os teus cabelos brancos, santificando a tua morte. Guarda as tuas esperanças na minha misericordia, porque se observares as minhas recomendações, não cairá uma gota de sangue no instante amargo em que ex-

perimentares o teu coração igualmente trespassado pelo gladio da ingratição... A posteridade, porém, saberá descobrir as claridades dos teus passos na terra, para se firmar no rosteiro da paz e da missão evangelica do Brasil."

Longinus recebeu, com humildade, a designação de Jesus, implorando o socorro de suas inspirações divinas para a grande tarefa do trono.

Ele nasceria no ramo enfêrmo da familia dos Braganças, mas, todas as enfermidades têm na alma as suas raizes profundas. Se muitas vezes parece permanecer a herança psicologica, é que o sagrado instituto da familia, dentro da lei das afinidades, frequentemente se prepetúa no infinito do tempo. Os antepassados e seus descendentes, espiritualmente considerados, são, ás vezes, as mesmas figuras sob nomes varios, na arvore genealogica, obedecendo aos sabios dispositivos das leis da reencarnação. Foi assim que Longinus preparou a sua volta á Terra, depois de outras existencias tecidas de abnegações santificantes em favor da humanidade, e, no dia 2 de dezembro de 1825, no Rio de Janeiro, nascia de D. Leopoldina, virtuosa espôsa de D. Pedro, aquele que seria no Brasil o grande imperador e que, na expressão dos seus proprios adversarios, seria o maior de todos os republicanos de sua patria.

X X I

FIM DO PRIMEIRO REINADO

Um dos traços característicos do povo brasileiro é o seu profundo amor á liberdade. A largueza da terra e o infinito dos horizontes dilataram os sentimentos de emancipação em todas as almas chamadas a viver sob a luz do Cruzeiro. Desde a formação dos primeiros movimentos nativistas, a mentalidade geral do Brasil obedeceu a esse nobre imperativo de independencia e, ainda hoje, todas as ações revolucionárias que se verificam no país, lamentavelmente embora, trasem no fundo esse anseio de liberdade como o seu movel essencial.

A attitude de D. Pedro I ordenando a dissolução da Constituinte, em 1824, encontrara funda repercussão no espirito geral.

Se bem ignorasse o que vinha a ser uma constituição bôa e justa, o povo a reclamava, dentro do seu conhecimento intuitivo, acerca da transformação dos tempos.

O imperador, apesar das suas paixões tumultuárias e das suas fraquezas como homem, possuía notável acuidade, em se tratando de psicologia política. Os estudiosos que viram na sua personalidade somente o amoroso insaciável, muitas vezes não lhe reconhecem o espirito empreendedor na direção da causa pública, inaugurando a era constitucional do Brasil e Portugal, com as suas valorosas iniciativas. É de lamentar os seus transviamentos amorosos e a tragédia da sua vida conjugal, quando a seu lado tinha uma nobre mulher, cujas renúncias e dedicações elevavam-se ao heroísmo supremo; mas, nos instantes em que seu coração se tocava das idéias generosas, criando no seu mundo íntimo o estado receptivo propício ás inspirações do mundo invisível, as falanges de Ismael aproveitavam o minuto psicologico para auxiliá-lo na tarefa de consolidação da liberdade da patria do Evangelho. Foi, desse modo, que muitos decretos foram lançados de suas mãos objetivando, inegavelmente, a tranquillidade geral.

Como dizíamos, a sua resolução extrema dissolvendo a Assembléia e exilando os Andradas, havia cavado um abismo entre ele e a opinião publica, intransigentemente apaixonada pela emancipação do país. As lutas isoladas multiplicavam-se assustadoramente. No Rio e nas provincias, tudo era um clamor surdo de

protestos contra os atos de D. Pedro, que, aliás, não poderia manter outra attitude em face do ambiente confuso do país.

A provincia de Pernambuco onde se fixaram, inicialmente, as balisas dos grandes sentimentos da liberdade e da democracia com a influencia de Mauricio de Nassau, guardava, mais que nunca, o sentimento de independencia e de autonomia. Todas as grandes idéias encontravam, no Recife, o clima apropriado ao seu desenvolvimento e foi justamente aí, que as deliberações de D. Pedro feriram mais fundo. A 24 de julho de 1824 estalam, na terra pernambucana, os primeiros movimentos da Confederação do Equador, que se ramificava por toda a região do norte e vinha proclamar as generosas idéias republicanas. Paes de Andrade coloca-se á frente da ação revolucionária, com o objeto de agir contrariamente ao imperador, a quem se attribuia o proposito de reunir as corôas do Brasil e de Portugal, reintegrando-se o primeiro na vida colonial. Mas o governo central providencia energicamente. Lord Cochrane e Lima e Silva são enviados com urgencia para eliminar a insurreição. Em Pernambuco, o Marquês do Recife, com todo o seu prestígio entre os lavradores inicia a defesa do governo imperial e prestigia as tropas enviadas, que sufocam o movimento. Os republicanos são vencidos e presos. Paes de An-

drade refugia-se num navio inglês, conseguindo escapar á ação repressiva do Imperio, mas João Ratclif e Frei Caneca pagam com a vida o sonho republicano. Executados militarmente, são eles o doloroso escarmento para os companheiros. Ambos iam, porém, associar-se aos trabalhos do Infinito, sob a direção de Ismael, cuja misericórdia alentava as energias da patria brasileira.

Com o desaparecimento da Confederação do Equador, as agitações intestinas não haviam terminado. Os reinóis, espalhados por todos os recantos do país, esperavam um golpe de unificação das duas patrias, sonhando o regresso á vida colonial em benefício dos seus interesses economicos. Os brasileiros, todavia, entravam em luta com os portugueses, constituindo esses movimentos uma ameaça constante á paz coletiva, durante varios anos.

Por essa época, o mundo invisível atua de maneira sensível entre os gabinetes políticos, para que a Provincia Cisplatina fosse reintegrada em sua liberdade, após a conquista indêbita levada a efeito pelas forças armadas de D. João VI, em 1821, sob a inspiração de D. Carlos Joaquina. A imposição para submetê-la era francamente impopular, porquanto, desde os primórdios da civilização brasileira, os mensageiros de Jesus difundiram o mais largo conceito de fraternidade dentro da patria do Cru-

zeiro, onde todo o povo guarda a tradição da solidariedade e da autonomia. E a realidade é que Ismael triunfava sempre. Apesar das primeiras vitórias das armas brasileiras, a Provincia Cisplatina, que não era um produto elaborado pela patria do Evangelho e nem fruto de trabalho dos portugueses, separava-se definitivamente do coração geografico do mundo, com a mediação pacifica da Inglaterra, para formar o territorio que se constituiu como a Banda Oriental do Uruguái.

Enquanto se desenrolavam esses acontecimentos, a opinião publica do Brasil não abandonava a crítica a todos os atos e deliberações do imperador. D. Pedro, senhor da psicologia dos tempos novos, não ignorava quanta decisão exigiam os afazeres penosos do governo. Seus ministerios, no Rio de Janeiro, formavam-se para se desfazerem em curtos periodos de tempo. O país andava agitado e apreensivo, temendo as suas resoluções e espreitando os seus menores gestos. As suas aventuras amorosas eram perfidamente comentadas pelas anedotas da malícia carioca. O povo, conhecendo alguma cousa da sua conduta particular, encregou-se de organizar a maior parte de todas as histórias ridiculas em torno da sua personalidade, que, se era rude e sensual, não era diferente da generalidade dos homens da época e possuía, não raras vezes, ras-

gos generosos que tocavam nos mais altos cumes do sentimento.

A imprensa, começada pelo conde de Linhares em 1808, sob a proteção de D. João VI, no casarão da rua do Passeio, não o abandonou, transformando-se em sentinela dos seus menores pensamentos.

O imperador era acusado de proteger, criminosamente, os interesses portugueses, embora as suas ações em contrário.

Muitas vezes, nos seus momentos de meditação, no paço de São Cristovão, já no tempo de suas segundas nupcias, deixava ele vagar o espirito pelo mundo rico das suas experiencias, acerca dos homens e da vida, para reconhecer que todo aquele odio gratuito advinha-lhe da situação de português nato. O Brasil era reconhecido á sua ação, no que se referia á independencia politica, mas não tolerava a origem do seu imperador, em se tratando dos problemas da sua autonomia.

Após a noite das "garrafadas", em que os partidos politicos se engalfinharam na praça publica, de 13 para 14 de março de 1831, D. Pedro compareceu a um Te-Deum na igreja de São Francisco, sendo recebido, depois da cerimonia religiosa, pelo povo que o rodeou, com algumas demonstrações de desagrado.

Para conciliar os animos exaltados do partidarismo, D. Pedro organiza um novo minis-

terio, todo ele formado por homens de sua absoluta confiança. O povo, entretanto, enxergando dentro do novo gabinete ministerial somente aqueles que considerava como os palacianos de São Cristovão, reuniu-se no Campo de Santana, capitaneado por demagogos do tempo e, em poucos minutos, a revolução se alastrava pela cidade inteira. Deputações populares são enviadas ao imperador, que as recebe com serenidade e indiferença. No seio dos revoltosos estão os seus melhores amigos. Os senhores da situação eram os mesmos a quem o imperador havia amparado na véspera. O proprio exercito que ele organizara com infinito desvelo, voltava-se contra ele naquela noite memoravel. D. Pedro, depois de ouvir á meia noite as explicações do major Miguel de Frias, que viera a palacio em busca da sua decisão quanto ás exigencias do povo, que lhe impunha o antigo ministerio, mandou chamar o chefe da guarda do regimento de artilharia aquartelado em São Cristovão, ordenando, com serena nobreza, que se reunisse com os seus ás tropas revoltadas e acrescentando generosamente: — "Não quero que ninguem se sacrifique por minha causa."

Depois da meia noite, preferiu ficar só, na quietude do seu gabinete. Ali, considerou o patrimonio das suas experiencias sagradas. Através do silêncio e da sombra, a voz de seu

pai, já na vida livre dos espaços, falava-lhe brandamente ao coração. Os mensageiros de Ismael auxiliam-lhe o cerebro exgotado na solução do grande problema, e ás duas horas da madrugada de 7 de abril de 1831, sem ouvir sequer os seus ministros e conselheiros, o imperador abdicava na pessoa do filho, D. Pedro de Alcantara, que contava então cinco anos e ficaria sob a esclarecida tutela de José Bonifacio.

De manhã, já o ex-imperador do Brasil, junto de sua familia, achava-se a bordo da nau inglesa "Warspite", de onde se transferia á "Volage" para, através dos oceanos, ser conduzido aos mesmos triunfos da generosa idéia de liberdade.

X X I I

BEZERRA DE MENEZES

O seculo XIX, que surgira com as ultimas agitações provocadas no mundo pela Revolução Francesa, estava destinado a desenvolver extraordinarios acontecimentos.

No seu transcurso, cumprir-se-ia a promessa de Jesus, que, segundo os ensinamentos do seu evangelho, derramaria as claridades divinas do seu coração sobre toda a carne, para que o Consolador reorganizasse as energias das criaturas, em caminho das profundas transições do seculo XX.

Mal não haviam terminado as atividades bélicas da triste missão de Bonaparte e já o espaço se movimentava, no sentido de renovar os surtos de progresso das coletividades. Assembléias espirituais reunindo os genios inspiradores de todas as patrias do orbe, eram levadas a efeito, nas luzes do infinito, para a designação de missionarios das novas revelações. Em uma

das assembléias maximas, presididas pelo coração misericordioso e augusto do Cordeiro, fôra já destacado um dos grandes discipulos do Senhor, que viria á Terra com a tarefa de organizar e compilar os ensinamentos revelados, oferecendo um método de observações a todos os estudiosos do tempo, sendo assim que Alan Kardec, em 3 de outubro de 1804, via a luz da atmosfera terestre, na cidade de Lião. Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionario, no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma pleiade de auxiliares da sua obra, destacados particularmente para auxiliá-lo, nas individualidades de Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé; de Léon Denis, que efetuariá o desdobramento filosofico; de Gabriel Delane, que apresentaria a entrada, científica, e de Camille Flammarion que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes e coadjuvando, assim, a codificação kardeciana, no Velho Mundo, dilatando-a com os necessarios complementos.

Ja resplandecer a suave luz do espiritismo, depois de se certificar o Senhor, quanto á defecção espiritual das igrejas mercenárias que falavam no globo, em seu nome.

Todas as falanges do Infinito se preparam para a jornada gloriosa.

As abnegadas coórtes de Ismael trazem as

suas inspirações para as grandes cidades do país do Cruzeiro, conseguindo interessar indistretamente grande numero de estudiosos.

As primeiras experiencias espiritistas, na patria do Evangelho, começaram no problema das curas. Em 1818, já o Brasil possuia um grande círculo homeopático, sob a direção do mundo invisível. O proprio José Bonifacio corespondia-se com Frederico Hahnemann. Nos tempos do Segundo reinado, os mentores invisíveis conseguem localizar na Baía, no Pará e no Rio de Janeiro, alguns grupos particulares, que projetavam enormes claridades no movimento néo-espiritualista do continente, talvez o primeiro da America do Sul.

Antes dessa época, quando prestes a findar o primeiro reinado, Ismael reúne no espaço os seus dedicados companheiros de luta e, organizada a veneravel assembléia, o grande mensageiro do Senhor esclarecia a todos, sobre os seus elevados objetivos.

— “Irmãos, explicou ele, o seculo atual, como sabeis, vai assinalar a vinda do Consolador á face da Terra. Nestes cem anos, se efetuarão os grandes movimentos preparatorios dos outros cem anos que hão de vir. As rajadas de morticinio e de dor prenderão a alma da humanidade, no seculo proximo, dentro dos imperativos das transições necessarias, que constituem o sinal do fim da civilização preca-

ria do Ocidente... Faz-se mistér ampararmos o coração atormentado dos homens nessas grandes amarguras, preparando-lhes o caminho da purificação espiritual, através das sendas penosas. E' preciso, pois, prepararmos o terreno para a sua estabilidade moral nesses instantes decisivos dos seus destinos. Numerosas fileiras de missionarios encontram-se disseminadas, entre as nações da Terra, com o fim de levantar a palavra da Bôa-Nova do Senhor, esclarecendo os postulados científicos que surgirão neste seculo, nos circulos da cultura terrestre. Uma verdadeira renascença das filosofias e das ciencias se verificará no transcurso destes anos, a-fim-de que o seculo XX seja necessariamente esclarecido, como elemento de ligação entre a civilização em vias de desaparecer e a civilização do futuro, que se constituirá da fraternidade e da justiça, porque a morte do mundo, prevista na lei e nos profetas, não se verificará por enquanto, com referencia ás expressões físicas do globo, mas quanto ás suas expressões morais, sociais e politicas. A civilização armada terá de perecer, para que os homens se amem como irmãos. Concentraremos, agora, os nossos esforços na terra do Evangelho, para que possamos plantar no coração de seus filhos as sementes benditas que, mais tarde, frutificarão no solo abençoado do Cruzeiro. Se as verdades novas deverão surgir primeira-

mente, segundo os imperativos da lei natural, nos centros culturais do Velho Mundo, é na patria do Evangelho que lhes vamos dar a vida, applicando-as na edificação dos monumentos triunfais do Salvador... Alguns dos nossos auxiliares já se encontram na Terra, esperando o toque de reunir de nossas falanges de trabalhadores devotados, sob a direção compassiva e misericordiosa do Divino Mestre."

Houve na alocução de Ismael um doce "stacato".

Depois, encaminhando-se para um dos dedicados e fiéis discipulos, falou-lhe brandamente:

— "Descerás ás lutas terrestres com o objetivo de concentrar as nossas energias no país do Cruzeiro, dirigindo-as para o alvo sagrado dos nossos esforços. Arregimentarás todos os elementos dispersos com as dedicações do teu espirito, afim de que possamos criar o nosso nucleo de atividades espirituais, dentro dos elevados propositos de reforma e regeneração. Não precisamos encarecer aos teus olhos a delicadeza de tua missão, mas com a plena observancia do codigo de Jesus e com a nossa assistencia espiritual, pulverizarás todos os obstaculos, á força de perseverança e de humildade, consolidando os primordios da nossa obra, que é a de Jesus, no seio da patria do seu Evangelho... Se a luta vai ser grande, considera que não

será menor a compensação do Senhor, dele que é o caminho, a verdade e a vida...”

Havia em toda a assembléia espiritual um divino silencio. O discipulo escolhido nada pudera responder, com o coração alarmado por doces e esperançosas emoções, mas as lagrimas de reconhecimento caíam-lhe copiosamente dos olhos.

Ismael desfraldara a sua bandeira á luz gloriosa do Infinito, salientando-se a sua inscrição divina, que parecia constituir-se de sóis infinitésimos. Uma vibração de esperança e de fé palpitava em todos os corações, quando uma voz terna e compassiva, exclamou das cupolas radiosas do Ilimitado: —

— “Gloria a Deus nas Alturas e paz na terra aos trabalhadores de bôa vontade !...”

Relampagos de uma claridade estranha e misericordiosa clareavam o pensamento de quantos presenciavam o maravilhoso espetaculo, enquanto uma chuva de aromas inundava a atmosfera de perfumes balsamicos e suavissimos.

Sob aquela benção maravilhosa, a grande assembléia dos operarios do Bem foi dissolvida.

Daí a algum tempo, no dia 29 de agosto de 1831, no Riacho do Sangue, no Estado do Ceará, nascia Adolfo Bezerra de Menezes, o grande discipulo de Ismael, que vinha cumprir no Brasil uma grande missão.

XXIII

A OBRA DE ISMAEL

O grande movimento preparatorio do espiritismo em todo o mundo tinha, no Brasil, a sua repercussão, como era natural.

Por volta de 1840, ao influxo das falanges de Ismael, chegavam dois medicos humanitarios ao Rio de Janeiro. Eram Bento Mure e Vicente Martins, que haviam feito da medicina homeopata um verdadeiro apostolado. Muito antes da codificação kardeciana, conheciam ambos os transes mediúnicos e o elevado alcance da applicação do magnetismo espiritual. Introduziram numerosos serviços de beneficencia no Brasil e traziam por lema, dentro da sua maravilhosa intuição, a mesma inscrição divina da bandeira de Ismael — “Deus, Cristo e Caridade.” Indescritivel foi o seu devotamento á coletividade brasileira, á qual se haviam incorporado, sob os altos designios do mundo espiritual.

Nas suas luminosas pegadas, seguiriam, mais tarde, outros pioneiros da homeopatia e do espiritismo, na patria do Evangelho. Foram eles, os medicos homeopatas que introduziram aqui os passes magneticos, como immediato auxilio das curas. Hahnemann conhecia a fonte infinita de recursos do magnetismo espiritual e recomendava esses processos psicoterapicos aos seus seguidores.

Os primeiros fenomenos de Hydesville, na America do Norte, em 1847, não passaram despercebidos na corte do Segundo reinado. A febre de experimentações que se lhes seguiu, nas grandes cidades europeias, incendiou, igualmente no Rio de Janeiro alguns cérebros mais destacados do meio social. Em 1853, a cidade já possuia um pequeno grupo de estudiosos, entre os quais se podia notar a presença do Marquês de Olinda e do Visconde de Uberaba. No Salvador, esse nucleos de experimentação já existiam, em identidade de circunstancias. Em 1860 surgem as primeiras publicações espiritistas. Em 1863, o Dr. Luiz Olimpio Teles de Menezes com alguns colegas, replicavam no Diario da Baía a um artigo algo ironico de um cientista francês, desfavoravel ao espiritismo, publicado na Gazeta Medical e transcrito no jornal referido. As publicações brasileiras não passaram despercebidas ao proprio Allan Kardec, que delas

teve conhecimento, com a mais justa satisfação íntima.

A doutrina seguia sua marcha vitoriosa, através de todos os ambientes cultos da Europa e da America, quando o grande codificador desprendeuse dos laços que o prendiam á vida material, em 1869. Justamente nesse ano surgira o primeiro mensario espirita brasileiro — “O Eco de Alem Tumulo”. O desaparecimento do mestre deixara algo desorientado o meio geral da doutrina em organização. Em Paris, como nos grandes centros mundiais, quizeram substituir a sua autoridade, inutilmente. As falanges de Ismael, porém, estavam vigilantes. Sugeriram aos espiritistas brasileiros a necessidade de criar um nucleo central das atividades, no Rio, que ficasse como o órgão orientador de todos os movimentos da doutrina, no Brasil. Um dos emissarios de Ismael, que dispunha de maiores elementos no terreno das afinidades mediúnicas, para se comunicar nos grupos particulares organizados na cidade, adotou o pseudónimo de Confúcius, com o qual transmitia instrutivas mensagens e valiosos ensinamentos. Em 1873 fundava-se, com estatutos impressos e demais formalidades exigidas, o “Grupo Confúcius”, que constituiria a base da obra tangivel e determinada de Ismael na terra brasileira. Por esse grupo, passaram, na epoca, todos os simpatizantes da doutrina e,

se efemera foi a sua existencia como sociedade organizada, memoraveis foram os seus trabalhos, aos quais compareceu pessoalmente o proprio Ismael, pela primeira vez, esclarecendo os grandes objetivos da sua elevada missão no país do Cruzeiro. Nem todos os espiritistas modernos conhecem o fecundo labor daqueles humildes arroteadores dos terrenos inférteis da sociedade humana. A realidade é que eles lutaram denodadamente contra a opinião hostil do tempo, contra o anátema, o insulto e o ridiculo e, sobretudo, contra as ondas reacionarias das trevas do mundo invisivel, para levantarem bem alto a bandeira de Ismael, como o manancial de luz para todos os espiritos, e de conforto para todos os corações. As entidades da sombra vieram trazer a obra ingrata da opposição ao trabalho produtivo da edificação evangelica no Brasil. Bem sabemos que, se Aquiles possuia um ponto vulneravel no seu calcanhar, o homem em si, pela sua vaidade e fraqueza, possui esse ponto vulneravel, generalizado em todos os escaninhos da sua personalidade espiritual, e os sêres das trevas se não conseguiram vencer totalmente os trabalhadores, conseguiram desuni-los no plano dos seus serviços á grande causa.

O Grupo Confúcius teve uma existencia de três anos rapidos.

Os mensageiros de Ismael, triunfando da

discordia que destruia o grande nucleo nascente, fundavam sobre ele, em 1876, a "Sociedade de Estudos Espiritas Deus, Cristo e Caridade", sob a direção esclarecida de Francisco Leite Bittencourt Sampaio, grande discipulo do emissario de Jesus, que, juntamente com Bezerra tivera a sua tarefa préviamente determinada no Alto. A ele se reunia Antonio Luiz Sayão, em 1878, para as grandes vitorias do Evangelho nas terras do Cruzeiro. O trabalho ingrato das trevas, no plano invisivel, é arrojado e perseverante. No seio desse redil de almas humildes e simples, esclarecidas á luz dos principios cristãos, onde militavam espiritas lucidos e sabios como Bittencourt Sampaio, que abandonara os fulgores enganosos da sua elevada posição na literatura e na politica para se apegar ás claridades do ideal cristão, as entidades tenebrosas conseguem encontrar um médium, pronto para a dolorosa tarefa de movimentar a desharmonia e, estabelecida de novo a discordia, os mensageiros de Ismael reorganizam as energias existentes para fundarem, em 1880, a "Sociedade Espirita Fraternidade", com a qual se carregava em triunfo o bendito lema do suave estandarte do emissario do Divino Mestre. Em 1883, Augusto Elias da Silva, na sua posição humilde, lançava o "Reformador", coadjuvado por alguns companheiros e com o apoio das hostes invisiveis. As mesmas reuniões do grupo

humilde de Luiz Sayão e Bittencourt Sampaio são continuadas. Uma pleiade de mediums curadores, notáveis pela sua abnegação, iniciam, no Rio, o seu penoso apostolado. Elias da Silva e seus companheiros notam, entretanto, que a situação ia-se tornando difícil com as polémicas esterilizadoras. A esse tempo, os emissários do Alto afirmam categoricamente aos seus camaradas do mundo tangível: —

— “Chamem agora Bezerra de Menezes ao seu apostolado !”

Elias bate, então, á porta generosa do mestre veneravel, o que não era preciso, porque o seu grande coração já se encontrava a postos, no sagrado serviço da Seara de Jesus, sobre a face da Terra.

Bezerra de Menezes trás consigo a palma da harmonia, serenando todos os conflitos. Estabelece a prudencia e a discreção, entre os temperamentos mais veementes e combativos.

A obra de Ismael, no que se referia ás luzes sublimes do Consolador, estava definitivamente instalada na patria do Cruzeiro, apesar da precariedade do concurso dos homens. As divergencias foram atenuadas, para que a tranquillidade voltasse a todos os centros de experimentação e de estudo. Os operarios espalhavam-se no Rio, cada qual com a sua ferramenta, dentro do grande plano da unificação e da paz, nos ambientes da doutrina, plano esse que

eles conseguiriam relativamente realizar, mais tarde, organizando o aparelho central de suas diretrizes, que se consolidaria com a Federação Espirita Brasileira, onde seria localizada a sede diretora, no plano tangível, dos trabalhos da obra de Ismael no Brasil.

X X I V

A REGENCIA E O SEGUNDO REINADO

Ninguém, no Brasil, poderia supor que D. Pedro I abandonasse o país precipitadamente, como fizera a 7 de abril de 1831. As forças conservadoras desejavam somente que ele regenerasse o seu ambiente, afastando-se de determinadas influencias politicas. E o resultado da inesperada abdicacão foi a desordem que se propagou a todos os recantos, provocando descontentamentos e sedicões.

Alguns politicos, no entanto, obedecendo a uma feliz inspiracão do mundo invisivel, organizaram uma regencia que se incumbiu de manter a intangibilidade da ordem e das institucões.

Essa regencia interina, com imensos sacrificios iniciou o seu trabalho de pacificacão na Baía, em Minas e em Pernambuco, onde inumeros portugueses eram assassinados sob o pretexto de antigas desforras dos movimentos

nativistas. Os disturbios militares proliferavam em toda a parte, exigindo a mais alta quota de sacrificios e dedicacões dos verdadeiros patriotas.

O exercito, desde os acontecimentos de 7 de abril, caracterizava as suas atitudes pela revolta e pela indisciplina. O norte do país vivia sob o regime do sangue e da morte. O povo de Pernambuco, humilhado pelas incursões da soldadesca amotinada, que lhe feriam os brios e as tradições, veiu a campo, travando-se os mais fortes combates, em que pereceram, ou foram presos, numerosas centenas de indisciplinados. Esses protestos e esses exemplos, todavia, não conseguiram eliminar a luta persistente e pavorosa. A guerra civil continuou, anos a fio, á sombra das matas, estendendo-se ao Pará com o seu rastilho de miseria e de sangue. Muitos governadores foram barbaramente trucidados pela caravana sinistra da confusão e da desordem. Jamais, a patria do Evangelho atravessara tão perigosa situacão, sob o ponto de vista social e politico. O partidarismo envenenava todos os ambientes com a vasa de suas paixões desenfreadas e, não fossem os mananciais do pensamento e da economia, fixados por Ismael, nas regiões do Rio de Janeiro, de São Paulo e Minas, que asseguraram a propria estabilidade nacional, talvez não pudesse o Brasil resistir ao elemento embrutecedor, que eli-

minaria para sempre a sua unidade territorial.

Depois de quatro anos de experimentações e lutas incessantes, a Regencia é entregue a um dos homens mais energicos e prudentes da época, o eclesiastico Diogo Antonio Feijó, que iniciou a sua obra de honestidade e de civismo, sob a direção das falanges esclarecidas do Infinito. O grande paulista, porém, não conseguiu permanecer muito tempo á frente do governo. Em 1835, rebentava o movimento republicano do Rio Grande do Sul, chefiado por Bento Gonçalves, que se propunha organizar, na provincia referida, uma republica separada do país. Esse movimento separatista iria consumir grande coeficiente das energias nacionais, porquanto, só seria terminado mais tarde sob a ação pacificadora do segundo reinado.

Em 1836, funda-se o partido conservador, com a aliança dos liberais e dos restauradores, caminhando a nação para o parlamentarismo, e Feijó não se resignou com as providencias levadas a efeito. A seu ver, não era possivel governar eficientemente, dentro de um regime que se lhe afigurava de excessiva liberdade. Renunciou nobremente ao cargo, chamando ao poder Araujo Lima, que era nesse tempo, a autoridade suprema das forças oposicionistas.

Nessa época, já a imprensa brasileira não contava mais com a palavra de concordia e de conciliação de Evaristo da Veiga, que, depois de

cumprir sua tarefa no país do Cruzeiro, havia regressado á pátria universal, encorporando-se ás hostes esclarecidas do Infinito. A imprensa, hoje considerada como o sexto sentido dos povos e que, naqueles tempos mal ensaiava os seus primeiros passos no Brasil, não podia, portanto, representar o órgão de esclarecimento geral da nação e a luta prosseguiu, ensanguentando o país, ao longo de todas as suas fronteiras.

A fusão dos objetivos de liberais e conservadores constituiu a base da opinião livre, que embelezou o regime parlamentar no segundo reinado, estruturando-se a Camara sob o modelo das praxes e costumes ingleses.

Percebendo, contudo, a exaltação do espirito geral, os liberais solicitaram, em 1840, a declaração de maioridade do Imperador, que, na epoca, contava os seus quinze anos. Semelhante acontecimento representava um golpe nos dispositivos constitucionais, mas todos os politicos reconheciam no joven imperante a mais elevada madureza de raciocinio e as qualidades que lhe exornavam o carater. Uma comissão de homens influentes procura-o no paço imperial, obtendo o seu immediato assentimento. Dentro de poucos dias, foi D. Pedro II aclamado, com as melhores esperanças do país e sob a confiança dos mentores do Alto, os quais, seguiriam de perto a sua trajetoria no trono.

A Regencia ficava localizada no tempo, como uma das mais belas escolas de honradez e de energia do povo brasileiro. Vivendo na atmosfera de franca antipatia popular, pelas medidas de repressão que lhe cumpria executar; flutuando como um instrumento de conciliação entre as marés bravias do separatismo no sul, os vagalhões impetuosos da opinião partidaria nas cidades centrais, e as ondas tumultuarias das lutas ao norte, todos aqueles que passaram pela Regencia foram compelidos aos mais elevados atos de renúncia pelo bem coletivo, praticando com isso verdadeiro heroísmo, afim-de que se conservasse intacto, para as gerações do futuro, o patrimonio territorial e a escola das instituições, na objetivação luminosa da civilização do Evangelho, sob a luz suave do Cruzeiro.

Nesse mesmo ano de 1840, foi coroado o jovem imperador.

Não obstante a sua posição de adolescente, D. Pedro II assistido pelas numerosas legiões do bem, que o rodeavam no plano invisível, tomava o ceptro e a corôa, conciente da responsabilidade gravissima que lhe pesava sobre os ombros.

A sua primeira preocupação administrativa foi pacificar o ambiente intoxicado de sedições e rebeldias. Prestigiando Caxias, consegue levantar a bandeira branca da paz nas

provincias de São Paulo e de Minas, após os desfechos de Venda Grande e de Santa Luzia. Daí a algum tempo, com a sua politica de moderação e tolerancia, consegue estabelecer a tranquillidade geral em todo o Rio Grande do Sul, com a anistia plena e com o respeito ás honras militares de todos os chefes da insurreição.

Depois dos exgotamentos a que todo o país é conduzido pela ação corrosiva dos processos revolucionarios, o Brasil ia regenerar suas forças organicas dentro de um largo periodo de paz, no qual as falanges esclarecidas de Ismael inspirando a generosa autoridade do Imperador, iam argamassar as bases do pensamento republicano, sobre as idéias de fraternidade e de liberdade, a caminho das grandes realizações do porvir.

A GUERRA DO PARAGUAY

O segundo reinado, depois das angustiosas expectativas do periodo revolucionario, atravessava uma epoca de paz, em que se consolidavam as suas conquistas no terreno da ordem e da liberdade.

D. Pedro II á medida que ia ampliando o patrimonio das suas experiencias, em contacto com a vida e com os homens, amadurecia, cada vez mais, as belas qualidades do seu coração e da sua intelligencia. Suas virtudes morais granjearam para a sua personalidade mais que a simpatia popular, pois o generoso imperador, de cuja dotação viviam tantos pobres e se educavam inumeros estudiosos sem recursos, vivia auréolado pela veneração carinhosa das multidões. Dado á arte e á filosofia, a sua notoriedade, nesse sentido, alcançou os proprios ambientes da cultura européia, onde seu nome impunha-se á admiração de todos os pensado-

res do seculo. No problema constitucional, todavia, o imperador muitas vezes se abstraiu dos textos legais para consultar os interesses gerais da nação, norteando-se muito mais pela imprensa que pela opinião pessoal dos seus ministros, o que desgostava profundamente aos politicos da época, os quais encaravam essas atitudes como impertinencias do monarca republicano da America, afigurando-se-lhes que ele se deixava atraír pelas resoluções ilegais. A verdade, contudo, é que nunca atravessou o Brasil um periodo de tamanha liberdade de opinião. Somente as nacionalidades de origem saxonia gozavam, a esse tempo, no planeta, da mesma independencia e das mesmas liberdades publicas. Numerosas conquistas, nesse particular, se consolidaram sob a administração do imperador, generoso e liberalissimo. Em 1850, verificava-se a plena supressão do trafico negro, realizando-se a abolição por etapas altamente significativas. Em 1843, D. Pedro II desposara D. Tereza Cristina Maria, princesa das Duas Sicilias, que viria partilhar com ele, no sagrado instituto da familia, a mesma abnegação e amor pelo bem do Brasil.

No mundo invisivel, as falanges de Ismael não se descuuravam da patria do Evangelho, enviando para a administração do segundo reinado os elevados espiritos que seriam colabora-

dores do grande imperador na solução dos relevantes problemas da abolição, da economia e da liberdade. Foi assim que, naquela época de organização da patria, observaram-se homens e artistas extraordinarios como Rio Branco e Mauá, Castro Alves e Pedro Americo, que vinham com elevada missão ideologica, nos quadros da evolução politica e social da patria do Cruzeiro.

O homem, porém, terá de edificar o patrimonio do seu progresso e iluminar o caminho da sua redenção á custa dos proprios esforços e sacrificios, na senda pedregosa da experiencia individual e, no seio dessas lutas, o poder moderador da Corôa não conseguiu eliminar um certo fundo de vaidade, que se foi estratificando na alma nacional, fazendo-lhe sentir a sua supremacia sôbre as demais nações americanas do Sul. Dentro dessas idéias perigosas da vaidade coletiva, sentia-se o Brasil, erradamente, com o direito de interferir nos negocios dos Estados vizinhos, em beneficio dos nossos interesses. E' verdade que os países de colonização espanhola sempre tratavam o Brasil com mal disfarsada hostilidade, desejando reviver no Novo Mundo, os antagonismos raciais da velha península mas não competia á politica brasileira exorbitar das suas funções, no intuito de assumir a direção da casa dos seus vizinhos.

De 1849 a 1853, o Brasil interferia nas

questões da Argentina e do Uruguai, contra a influência de Rosas e Oribe. O caudilho Ortiz Rosas trasia a civilização platina sob um regime de crueldade e tirania; diversas vezes, provocara o Brasil com o seu animo despótico, que chegou a fazer, no Prata, mais de vinte mil vítimas e, irrefletidamente, o Imperio prestigiou a Urquiza, outro caudilho que governava Entre Rios, afim de eliminar o tirano. Pela influência dos seus militares mais dignos, as tropas brasileiras depuseram Oribe, e no combate de Monte Caseros destroem para sempre a influência do déspota, que humilhava Buenos Aires. E enquanto as bandeiras do Brasil regresam triunfantes com o Conde de Porto Alegre e o povo festeja a vitória das suas armas, os países da America do Sul olham desconfiadamente para a supremacia arrogante da politica brasileira, no proposito de se collocarem a salvo das suas indébitas intervenções.

Após uma das festas que comemoravam os acontecimentos, D. Pedro II retira-se silenciosamente para o recanto do seu oratorio particular. Com o espirito em prece, contempla o Crucificado, cuja imagem parece fitá-lo com piedade e brandura. Nas asas brandas do sono, o grande imperador é então conduzido a uma esfera de beleza esplendida e inenarravel. Parece-lhe conhecer as disposições particulares da-quele sitio de doces encantamentos. Aos seus

olhos atônitos surge, então, o Divino Mestre que lhe fala como nos maravilhosos dias da ressurreição, após os martírios imensos do Calvário, assinalando as suas palavras com sublime doçura: —

— “Pedro, guarda a tua espada na bainha, pois quem com ferro fere, com ferro será ferido. A tua indecisão e a tua incerteza lançaram a pátria do Evangelho numa sinistra aventura. As nações, como os indivíduos, têm a sua missão determinada e não é justo que sejam coagidas no terreno das suas liberdades. O lamentável precedente da invasão, efetuado pelo Brasil no Uruguai, terá dolorosa repercussão para a sua vida política. Não descanses sobre os louros da vitória, porque o céu está cheio de nuvens e deves fortificar o coração para as tempestades amargas que hão de vir. Auxiliarei a tua ação, através dos mensageiros de Ismael que se conservam vigilantes no desenvolvimento dos trabalhos sob a tua responsabilidade no país do Cruzeiro, mas, que as tristes provações gerais em perspectiva sejam guardadas como lição inesquecível e como um roteiro de experiência proveitosa para as tuas atividades no trono.”

D. Pedro II, depois daquele sono curto, na intimidade do oratório, o qual fora preparado pelas forças invisíveis que o rodeavam, reco-

lheu-se ao leito, cheio de angústia e de ansiosa-espectativa.

E os anos não tardaram a confirmar as advertências do Senhor, que é a luz misericordiosa do mundo. Em 1865, quando o Brasil procurava interferir novamente nos negócios do Uruguai impondo a sua vontade em Montevideo, o Paraguay sentiu-se ameaçado na sua segurança e declarou-se contra o Brasil, ferindo-se então a guerra que durou cinco longos anos de martírios e derrames de sangue fraterno.

O Paraguay, como os outros países vizinhos, vivia reduzido á condição de feudo militar.

A lei marcial imperava ali sistematicamente e Solano Lopez não receou arrastar o seu povo naquella terrível aventura. Sua personalidade como político, não era inferior á dos caudilhos do tempo, e grandes valores poderiam ser incorporados ás suas tradições de chefe, muitas vezes apresentado como um tirano cheio de crueldades nefandas, se os frequentes desastres das armas paraguayas e os triunfos do Brasil não acabassem por desorientá-lo inteiramente, quando então queimou ele o último cartucho da sua amargurada desesperação, perdendo a posição nobre que a historia lhe reservaria, indubitavelmente.

Aliando-se aos seus amigos da Argentina e do Uruguay, o Brasil afirmou a sua vitória e a

sua soberania. O proprio imperador visitou o campo de operações belicas em Uruguayana, onde assistiu a rendição de seis mil inimigos. Os militares brasileiros ilustram o nome da sua terra em gloriois feitos, que ficaram inesqueciveis. Mas o país do Evangelho sempre foi infenso ás glorias sanguinolentas. Estero Belaco, Curupaity, Lomas Valentinas, Tuiuty, Curuzú, Itororó, Riachuelo e tantos outros teatros de luta e de triunfo, em verdade não passaram de etapas dolorosas, de uma provação coletiva que o povo brasileiro jamais poderá esquecer.

E a realidade é que o Brasil retirou desse patrimonio de experiencias os mais altos beneficios para a sua politica externa e para a sua vida organizada, sem exigir um vintem dos proventos de suas vitórias. A diplomacia brasileira encarou, de mais perto, o arbitrio inviolavel dos países vizinhos, e uma nova tradição de respeito consolidou-se na administração da terra do Cruzeiro. Nunca mais o Brasil se utilizou de uma intervenção indevida, trazendo em testemunho da nossa afirmativa a primorosa organização da nacionalidade argentina que, apesar da inferioridade da sua posição territorial, comparada com a extensão do Brasil, é hoje um dos países mais prósperos e um dos nucleos mais importantes da civilização americana, em face do mundo.

XXVI

O MOVIMENTO ABOLICIONISTA

O Brasil prosseguia na sua marcha evolutiva, sob a carinhosa direção de D. Pedro II. Estadistas notaveis pelo seu amor á causa pública, assistiam os nobres afazeres do imperador, caracterizando as suas atitudes e as suas ações, dentro dos mais sagrados interesses pelo bem coletivo.

Haviam terminado os movimentos belicos da guerra com o Paraguay e o país voltava a respirar os ares da esperança.

Por essa epoca, e nos anos posteriores, todos os espiritos cultos da patria se levantaram com desassombro, para amparar o movimento abolicionista.

Os genios tutelares do mundo espiritual inspiravam a todos os politicos e escritores, e se havia fazendeiros que constituíam o mais serio sustentaculo da escravidão, dentro das classes conservadoras outros existiam, como inumeros

deles no Amazonas e no Ceará, que alforriavam os seus servidores, nos mais belos gestos de filantropia.

As falanges de Ismael possuíam colaboradores determinados no movimento libertador, como Castro Alves, Luiz Gama, Rio Branco e Patrocínio. A própria princesa Isabel, cujas tradições de nobreza e bondade jamais serão esquecidas no coração do Brasil, viera ao mundo com a sua tarefa definida no trabalho santificante da abolição. Os espiritos em prova no cárcere da carne, se têm a sua bagagem de sofrimentos expiatorios e depuradores, têm igualmente a possibilidade necessaria para o cumprimento de deveres meritorios, aos olhos misericordiosos do Altissimo.

Todos os espiritos se inflamavam ao contacto das grandes idéias de liberdade. Publicações e discursos, dentro da amplitude que a opinião da crítica conquistara nos tempos do Imperio, exortavam as classes conservadoras ao movimento de emancipação de todos os cativos.

D. Pedro se reconfortava com essas doutrinações das massas, no seu liberalismo e na sua bondade de filosofo. Desejaria antecipar-se ás ações ideologicas, decretando a liberdade suprema de todos os escravos, mas os terríveis exemplos da guerra civil que ensanguentara os Estados Unidos da America do Norte durante longos anos, no movimento abolicio-

nista, faziam-no reccar a luta das multidões apaixonadas e delinquentes. Foi, assim, com especial agrado, que acompanhou a deliberação de sua filha, sancionando a lei do ventre livre a 28 de setembro de 1871, que garantia no Brasil a extinção gradual do cativo, através de processos pacificos. Seu grande coração, no círculo das suas impressões divinatorias, sentia que a abolição se faria nos derradeiros anos do seu governo e, com efeito, a lei do ventre livre não bastara aos espiritos exaltados no sentimento de amor pela abolição completa. Quase todas as energias intelektuais da nação se encontravam mobilizadas a serviço dos escravos sofredores. O ambiente geral era de perspectiva angustiosa e de profundas transições na ordem politica. A idéia republicana consolidava-se cada vez mais no espirito da nacionalidade inteira. O bondoso imperador nunca lhe cortara os voos prodigiosos no coração das massas populares; aliás, alimentava-os com os seus levantados exemplos de democracia.

Nos espaços, Ismael e suas falanges procuravam orientar os movimentos republicanos e abolicionistas, com alta serenidade e esclarecida prudencia, no proposito de evitar os abomináveis derramamentos de sangue, nos desvários fraticidas.

Por essa época, possuía já Ismael a sua célula construtiva da obra do Evangelho no Bra-

sil, célula que hoje projeta a sua luz da Federação Espirita Brasileira, e de onde, espiritualmente, junto dos seus companheiros desvelados, procurava unir os homens na grandiosa tarefa da evangelização. Esperando o ensejo de se fixar na instituição venerável que lhe guarda hoje as tradições e continua o seu santificado labor, ao lado das criaturas, a célula referida permanecia com Antonio Luiz Sayão e Bittencourt Sampaio, desde 24 de Setembro de 1885, até que Bezerra de Menezes com os seus elevados sacrifícios e indescritíveis devotamentos eliminasse as mais sérias divergências e aplainasse obstáculos, com as suas inexgotáveis reservas de paciência e de humildade, consolidando a Federação para que se formasse uma organização federativa. Enquanto lá fora, muitos companheiros da caravana espiritual se deixavam levar por inovações e experiências fóra dos preceitos evangelicos, o Grupo Ismael esperava uma época de compreensão mais elevada e de mais harmonia para o desdobramento de suas preciosas atividades. Todavia, nas lutas pesadas do mundo, Bezerra de Menezes era o impavido desbravador, no seu apostolado de preparação, fraternizando com todos os grupos para conduzi-los, suavemente, á sombra da bandeira do grande emissario de Jesus.

Ismael trasia, então, a sua atenção carinhosa voltada para a solução do problema abolicio-

nista, que deveria ser resolvido dentro da harmonia de todos os interesses e longe do sangue das guerras civis. Confiando ao Senhor as suas angustiosas expectativas, falou-lhe o Mestre brandamente: —

— “Ismael, o sonho da liberdade de todos os cativos deverá ser concretizado, agora, sem perda de tempo. Prepararás todos os corações, afim de que as nuvens sanguinolentas não possam manchar o solo abençoado da região do Cruzeiro... Todos os emissarios celestes deverão reunir esforços nesse proposito e, em breve, teremos a emancipação de todos os que sofrem os duros trabalhos do cativeiro na terra bendita do Brasil...”

O grande enviado redobrou as suas atividades nos bastidores da politica administrativa.

A estatistica oficial de 1887 acusava a existencia de mais de setecentos e vinte mil escravos em todo o país. O ambiente geral era de apreensões em todas as classes, considerando-se a expectativa da promulgação da lei que extinguiria a escravidão para sempre, o que constituia um duro golpe na fortuna publica do Brasil. Mas Ismael articula do Alto os elementos necessarios á grande vitória. O generoso imperador é afastado do trono nos primeiros meses de 1888, sob a influencia dos mentores invisiveis da patria, permanecendo a Regencia com

a princesa Isabel, que já havia sancionado a lei benéfica de 1871. Sob a inspiração do grande mensageiro do Divino Mestre, a princesa imperial encarrega o senador João Alfredo de organizar um novo ministério, o qual se compõe de espíritos nobilíssimos do tempo. Os abolicionistas consideram a sua possibilidade maravilhosa e a 13 de maio de 1888 é apresentada á regente a proposta de lei para a imediata extinção do cativo, que D. Isabel cercada de entidades angelicas e misericordiosas sanciona, sem hesitar, com a nobre serenidade do seu coração de mulher.

Nesse dia inesquecível, toda uma onda de claridades compassivas descia dos céus sobre as vastidões do norte e do sul da patria do Evangelho. Ao Rio de Janeiro afluem multidões de seres invisíveis, que se associam ás gloriosas solenidades da abolição. Junto do espirito magnanimo da princesa, conserva-se Ismael com a benção da sua generosa e doce alegria. Foi por isso que Patrocínio, intuitivamente, no arrebatamento do seu jubilo, arrastou-se de joelhos até aos pés da princesa piedosa e cristã. Por toda a parte, espalharam-se alegrias contagiosas e comunicativas esperanças. O marco divino da liberdade dos cativos erguia-se na estrada da civilização brasileira, sem a maré incendiária da metralha e do sangue.

Os negros e os mestiços do Brasil sentiram

no coração o prodigioso potencial de energias da sub-raça, com que realizariam gloriosos feitos de trabalho e de heroísmo na edificação de todos os patrimônios da patria do Evangelho, olhando o caminho infinito do futuro. E, nessa noite, enquanto se entoavam hosanas de amor no Grupo Ismael e a princesa imperial sentia, na sua grande alma, as comoções mais ternas e mais doces, os pobres e os sofredores recebendo a generosa dádiva do céu iam-se reunir, nas asas cariciosas do sono, aos seus companheiros da imensidade, levando ás Alturas o preito do seu reconhecimento a Jesus, que, na sua misericórdia infinita, lhes havia outorgado a carta de alforria incorporando-os, para sempre, ao organismo social da patria generosa dos seus sublimes ensinamentos.

X X V I I

A REPUBLICA

Se a monarquia, embora todas as liberdades publicas que desenvolvera, era considerada pelos espiritos avançados do Brasil como a derradeira recordação da influência portuguesa, era a republica considerada pela comunidade brasileira como a fórmula de govêrno compativel com a evolução do país e com a posição cultural do seu povo.

Essa idéia, genuinamente nativista, alcançara todas as inteligencias e a garantia do seu exito se patenteara aos olhos de todos, após a lei de 13 de Maio, que ferira os interesses particulares de todas as classes conservadoras.

Foi por essa razão que os anos de 1888 e 1889 assinalavam os derradeiros tempos do unico imperio das plagas americanas. Por toda a parte e em todos os ambientes, civis e militares, acendiam-se os fachos do idealismo republicano sob o pátio de generosidade da Corôa.

No mundo invisivel, reúne o Senhor as falanges benditas de Ismael e dos seus dedicados colaboradores, e ali, enquanto as luzes suas douravam o éter da imensidade, que se enfeitava de luminosas flores dos jardins do Infinito, falou a sua voz, como no crepusculo admiravel do Sermão da Montanha: —

— “Irmãos, a Patria do Evangelho atinge agora a sua maioridade coletiva... Profundas transições assinalarão a sua existencia social e politica... Uma nação que alcança a sua maioridade é a responsavel legítima e direta por todos os atos comuns que pratica no concôrto dos povos do planeta. Necessario é sapparemos, agora, o organismo politico do Brasil dos alvitres permanentes e constantes do mundo espiritual, para que todos os seus empreendimentos sejam devidamente valorizados. A maneira dos individuos, as patrias têm, igualmente, o direito á mais ampla liberdade de ação, uma vez atingido o plano dos seus raciocinios proprios. Acompanharemos, indiretamente, o Brasil, onde as sementes do Evangelho foram jorradas a mancheias, afim de que o seu povo, generoso e fraternal, possa inscrever mais tarde a sua gloriosa missão espiritual nas mais belas paginas de civilização, no livro de ouro dos progressos do mundo. Seus votos evolutivos, no que se refere ás instituições sociais e politicas, serão carinhosamente observados por nós, de maneira a

não se obstar ás deliberações das suas autoridades administrativas, no plano tangível da matéria terrestre; mas, como o reino do amor integral e da verdade pura ainda não é do orbe terreno, urge reformarmos, também, as nossas atividades, concentrando-as na obra espiritual da evangelização de todos os espiritos localizados na região do Cruzeiro...

Consolidareis o templo de Ismael, para que do seu núcleo possa expandir-se, para toda a extensão territorial da pátria brasileira, as claridades consoladoras da minha doutrina de redenção, de piedade e de misericórdia. Ensinares aos meus novos discípulos encarnados a paciência e a serenidade, a humildade e o amor, a paz e a resignação, para que a luta seja vencida pela luz e pela verdade... Abrires para a caravana do Evangelho, que marcha ao longo dos caminhos da sombra, a estrada da revolução interior, cujo objetivo único é a reforma de cada um, sob o fardo das provas, sem o recurso da indisciplina ás leis estatuidas no mundo, e sem o auxílio das armas homicidas...

A nova revelação não se verifica para que se opere a conversão compulsoria de Cesar ás cousas de Deus, mais para que Cesar esclareça o seu próprio coração, edificando-se no exemplo dos seus subordinados e tornando divina a sua imperfeita obra terrestre... Conduzireis, portanto, aos meus discípulos encarna-

dos o estandarte da fé e da caridade, com o programa da renúncia e do desprendimento dos bens humanos, dentro dos sagrados imperativos da sua grandiosa missão.

A proclamação da republica brasileira, como índice da maioridade coletiva da nação do Evangelho, ha de fazer-se sem derramamento de sangue, como se efetuaram todos os grandes acontecimentos que afirmaram, perante o mundo a pátria do Cruzeiro, os quais se desdobram sob a nossa imediata atenção. Doravante, o Brasil politico será entregue á sua responsabilidade propria. Essas transições serão realizadas acima de todos os cultos religiosos, para que todas as conquistas se verifiquem fóra de qualquer eiva de sectarismo... Os discípulos do Evangelho sofrerão, certamente, os efeitos dolorosos da borrasca em perspectiva, mas estaremos a postos sustentando o Brasil espiritual, que, de ora em diante, passará a ser o nosso precioso patrimonio. Articularemos todas as possibilidades e energias em favor do Evangelho, no país inteiro, e a obra de Ismael derramará as benções fulgurantes do céu sôbre todos os corações, no caminho de todos os felizes e de todos os tristes da Terra...

Acordemos a alma brasileira para as doces alvoradas desse novo dia!...

No capítulo das instituições humanas, nossos esforços despendidos até agora, estão

mais ou menos encerrados; mas compete-nos, em todos os dias do porvir, conservar e desenvolver a "melhor parte", espiritualizando essas mesmas instituições dentro das grandes finalidades de todos os labores das esferas elevadas do plano espiritual.

Bem-aventurados todos os trabalhadores da seara divina da verdade e do amor, pois d'elles é o reino imortal da suprema ventura !..."

As falanges do Infinito, sob as doces determinações do Divino Mestre preparam, então, o ultimo acontecimento politico que se verificaria com o seu amparo direto e que constituiria a proclamação da Republica.

Todas as grandes cidades do país, com o Rio de Janeiro na vanguarda, entregam-se á propaganda aberta das idéias republicanas. Os espiritos mais eminentes do país preparam o grande acontecimento. Entre os seus organizadores, preponderam os elementos positivistas, para que as novas instituições não pecassem pelos excessos da paixão sanguinolenta dos sectarismos religiosos, e, a 15 de novembro de 1889, com a bandeira do novo regime nas mãos de Benjamin Constant, Quintino Bocaiuva, Lopes Trovão, Serzedello Corrêa, Ruy Barbosa e toda uma pleiade de inteligencias cultas e vigorosas, o marechal Deodoro da Fonseca proclama, inopinadamente, a Republi-

ca dos Estados Unidos do Brasil, no Rio de Janeiro.

O grande imperador recebe a noticia com amarga surpresa. Deodoro, que era íntimo do seu coração e da sua casa, voltava-se agora contra as suas mãos generosas e paternais. Todos os ambientes monarchicos pesam esse ato de ingratição clamorosa; mas, a verdade é que todos os republicanos eram amigos íntimos de D. Pedro, e quem não lhe devia, no Brasil, o patrimonio de cultura e liberdade ?

Os instantes de surpresa, contudo, foram rapidos.

O nobre monarcha repeliu todas as sugestões que lhe eram oferecidas pelos espiritos apaixonados da Corôa, no sentido da reacção.

Confortado pelas luzes do Alto, que o não abandonaram em toda a vida, D. Pedro II não permitiu que se derramasse uma gota de sangue brasileiro, no imprevisto acontecimento. Preparou, rapidamente, sua retirada com a familia imperial para a Europa, obedecendo ás imposições dos revolucionarios e, com lagrimas nos olhos, rejeita as mais elevadas somas de dinheiro que o Tesouro Nacional lhe oferece, para aceitar sómente um travesseiro de terra do Brasil, afim-de que o amor da patria do Cruzeiro lhe santificasse a morte, no seu exilio escuro de saudade e de pranto.

Jesus, porém, consoante a sua promessa,

santificara já os seus cabelos brancos. Uma doce paciência caracterizou o seu inenarrável martírio moral.

O grande imperador retirou-se do Brasil, deixando não um imperio perecível e transitório do mundo, mas uma familia ilimitada, que hoje atinge a soma de quase cincoenta milhões de almas.

Sendo visitado a 30 de novembro de 1889, pelo Visconde de Ouro Preto, a bordo do "Alagoas", na capital portuguesa, o imperador lhe declarava com serena humildade: —

— "Em suma, estou satisfeito..."

E, referindo-se á sua deposição, acrescentava: — "E' a minha carta de alforria... Agora posso ir aonde quero..."

Nesses amargurados dias, o generoso velho encontrava-se nas vésperas do seu regresso á patria da luz e da immortalidade.

No Brasil, iam ser continuadas as suas tradições de amor e de liberdade, pelas fôrças militares, as quais, por sua vez, as entregariam aos grandes presidentes paulistas.

Nunca a sua figura de chefe da familia brasileira foi esquecida no altar das lembranças da patria do Evangelho, e não só o Brasil lhe reconheceu a inesquecível superioridade espirital.

Conta-nos Mucio Teixeira, que era ele Consul Geral do Brasil em Bogotá, quando che-

garam até lá as noticias dos acontecimentos de 15 de novembro, desenrolados no Rio de Janeiro. Ao entrar no palacio do govêrno da republica vizinha, afim de solicitar o seu "exequatur", o Dr. Rojas Paul, eminente politico sul-americano, encaminhou-se para ele exclamando: —

— "Senhor Consul Geral do Brasil, peça a Deus para que a sua patria, que tem sido governada durante meio seculo por um sabio, não seja doravante levada pelo tacão do primeiro ditador que se lhe apresente." E, abraçando-o, sensibilizado, concluia: — "— Acabou-se a unica republica que existia na America — O Imperio do Brasil".

X X V I I I

A FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA

Logo após a proclamação da republica, Ismael volta a concentrar seu esforço na consolidação da sua obra terrestre. Seu primeiro cuidado foi examinar todos os elementos, procurando reafirmar, no seio dos ambientes espiritistas a necessidade da obra evangelica, no sentido de ressurgir a doutrina de tolerancia e de amor, de piedade e perdão, do Crucificado. Todo um campo de trabalho se desdobrava aos olhos das suas abnegadas falanges, aguardando o esforço dos arroteadores para a esperançosa sementeira. Seu coração angelico e misericordioso, sob a égide do Divino Mestre, já havia distribuido as noções evangelicas a todos os espiritos sedentos das claridades do Consolador, e a doutrina dos Espiritos, no Brasil, sob a sua influencia, tocava-se da luz divina da caridade

e da crença, pressagiando as mais sublimes edificações morais.

O abnegado mensageiro do Mestre, começando o movimento de organização nos primeiros dias de 1889, preparara o ambiente necessario para que todos os companheiros do Rio ouvissem a palavra póstuma de Alan Kardec, que, através do médium Frederico Junior, forneceu as suas instruções aos espiritistas da capital brasileira, exortando-os ao estudo, á caridade e á unificação.

Bezerra de Menezes que já militava ativamente nos labores doutrinarios, recebeu a palavra do Alto com a alma fremente de jubilo e de esperança, e considerou, no campo de suas meditações e de suas preces, a necessidade de se reunir a familia espiritista brasileira sob o lábaro bendito de Ismael, afim-de que o mundo conhecesse o Cristianismo restaurado. Existiam, no Rio, sociedades prestigiosas, mas cada qual com o seu programa particular, descentralizando a ação renovadora que as instruções do plano invisivel trasiam, logicamente, a todos os corações que militavam no sagrado labor da doutrina.

A Federação Espirita Brasileira, fundada desde o Ano-Bom de 1884, por Elias da Silva, Manoel Fernandes Figueira, Pinheiro Guedes e outros companheiros do ideal espiritualista, no Rio de Janeiro, esperava, sob a proteção de

Ismael, a época propícia para desempenhar a sua elevada tarefa junto de todos os grupos do país, no sentido de federá-los, coordenando-lhes as atividades dentro das mais sadias expressões da doutrina; e Bezerra de Menezes, desde 1887, iniciara a sua serie de trabalhos magistrais nas colunas de "O País", oferecendo a todos as mais belas e produtivas sementes do Cristianismo. A palavra de Max, pseudónimo que ele havia adotado, inundava de esperança e de fé o coração dos seus leitores, iniciando-se, desse modo, uma das mais prodigiosas sementeiras do Espiritismo no Brasil. Desde 1885, igualmente, funcionava o Grupo Ismael com Sayão e Bittencourt Sampaio, célula de evangelização, cujas claridades divinas tocariam todos os corações.

Em breve, os mensageiros do Senhor conseguiram agremiar a caravana dispersa. No templo de Ismael iam-se reunir, enfim, os operarios da grande officina do Evangelho: — Bezerra, Sayão, Bittencourt, Frederico, Filgueiras, Richard, Albano do Couto, Zeferino Campos e outros elementos da vanguarda cristã.

O tempo, todavia, era de transição e de incerteza.

A Republica, com as suas ideologias novas, filhas do positivismo mais avançado, criara os mais serios embaraços ao desenvolvimento da doutrina. O novo Codigo Penal incluiu o Es-

piritismo nos seus textos, e o ambiente era obscuro, considerando todas as correntes espiritistas a necessidade imediata de união para a defesa comum e, enquanto balbuciavam-se protestos a medo, a Federação, com a sua prudencia e a sua serenidade, iniciou a defesa pacifica da doutrina dirigindo uma "Carta Aberta" ao Ministro da Justiça do Governo Provisorio, esclarecendo devidamente a situação. Os mensageiros invisiveis cuidaram, então, de organizar os novos planos de unificação de todos os elementos.

Atendendo aos seus rogos reiterados, a palavra do Mestre se faz ouvir, esclarecendo o seu emissario dileto: —

— "Ismael, — disse-lhe o Senhor com bondade —, concentraremos agora todos os nossos esforços para que se unifiquem os meus discipulos encarnados; para a organização da obra impessoal e comum que iniciaste na Terra... Na patria dos meus ensinamentos, o Espiritismo será o Cristianismo revivido na sua primitiva pureza, e faz-se mister coordenar todos os elementos da causa generosa da Verdade e da Luz, para os triunfos do Evangelho. Procurarás, entre todas as agremiações da doutrina, aquela que possa reunir no seu seio todos os agrupamentos; localizarás aí a tua célula, afim-de-que todas as mentalidades da direção dos trabalhos evangelicos estejam afinadas pe-

lo diapasão da tua serenidade e do teu devotamento á minha seára; e, como as atividades humanas constituem, em todos os tempos, um oceano de inquietudes, a caridade pura deverá ser a ancora da tua obra, ligada para sempre ao fundo dos corações, no mar imenso das instabilidades humanas.. A caridade valerá mais que todas as ciencias e filosofias, no transcurso das eras e será com ela que conseguirás consolidar a tua casa e a tua obra”.

O abnegado mensageiro do Alto regressou ao trabalho, cheio de coragem e segurança no seu grandioso apostolado.

As energias dissolventes das trevas do mundo invisível lutaram contra ele e contra o Evangelho. Forças terríveis de separatividade pesaram sobre os seus esforços no ano de 1893, quando o proprio Bezerra, incansavel e doce missionario, foi obrigado a paralizar os seus escritos nas paginas de “O País”, depois de quase sete anos de doutrinação ininterrupta e brilhante, num apelo a Jesus, com as mais comovedoras lagrimas da sua crença e do seu sacrificio.

Ismael, porém, não abandonou seus devotados colaboradores; reuniu os companheiros mais afins com as suas idéias generosas e reorganizou a sua obra.

As ordens e observações de Jesus foram

por ele integralmente cumpridas. Escolheu as reservas preciosas da Federação e localizou, aí dentro, a sua tenda de trabalho espiritual. Consolidou a Assistencia aos Necessitados, fundada em 1890, que radicou a sua obra no coração da coletividade carioca, e a caridade foi e será sempre o inabalavel esteio da veneravel instituição que hoje se ergue na Avenida Passos. Com essas providencias, levadas a efeito em uma das noites memoraveis de julho de 1895, Bezerra de Menezes assumia a sua posição de diretor de todos os trabalhos de Ismael no Brasil, coordenando todos os elementos para a evangelização e deixando a Federação como o porto luminoso de todas as esperanças, entre o Grupo Ismael, que constitue o seu santuario de ligação com os trabalhadores do Infinito e a Assistencia aos Necessitados, que a vincula na Terra a todos os corações infortunados e sofredores e representa, de fato, até hoje, a sua ancora de conservação no mesmo programa evangelico, no seio das ideologias novas e das perigosas ilusões do campo social e politico.

Bezerra desprendia-se do orbe, tendo consolidado a sua missão para que a obra de Ismael pudesse ser livremente cultivada no seculo XX. E essa obra prossegue sempre. Podem as inquietações da Terra separar, muitas vezes, os trabalhadores humanos no seu terreno de

ação; mas a sociedade benemerita, onde se ergue a flamula luminosa — “Deus, Cristo e Caridade” — permanece no seu porto de paz e de esclarecimento. A sua organização federativa é o programa ideal dá doutrina no Brasil, quando chegar a ser integralmente compreendido por todas as agremiações de estudos evangélicos, no país.

A realidade é que, considerada ás vezes como excessivamente conservadora, pela inquietação do seculo, a respeitavel e antiga instituição é, até hoje, a depositaria e diretora de todas as atividades evangelicas da patria do Cruzeiro. Todos os grupos doutrinarios, ainda os que se lhe conservam infensos, ou indifferentes, estão ligados a ela por laços indissolueis no mundo espiritual. Todos os espiritistas do país se lhe reúnem pelas mais sacrossantas affinidades sentimentais na obra comum, e os seus ascendentes têm ligações no plano invisivel com as mais obscuras tendas de caridade, onde entidades humildes, de antigos africanos, procuram fazer o bem aos seus semelhantes.

As forças das sombras alimentam, muitas vezes, o personalismo e a vaidade dos homens, mesmo daqueles que se encontram reunidos nas tarefas mais sagradas; mas a direção suprema do trabalho do Evangelho se processa no alto e a Federação Espirita Brasileira, dentro da

sua organização baseada nos ensinamentos do Mestre, está sempre segura do seu labor junto das almas e dos corações, cultivando os mais belos frutos de espiritualidade na seara de Jesus, conciente da sua responsabilidade e da sua elevada missão.

X X I X

O ESPIRITISMO NO BRASIL

Consolidadas as primeiras construções basilares de Ismael na patria do Cruzeiro, o Espiritismo derramou seus frutos sazonados e doces no coração da coletividade brasileira.

Aqui dentro, nas grandes cidades e nos lugarejos obscuros, a doutrina consoladora apresentou as mais belas expressões de caridade e de fraternidade.

Jesus, com as suas mãos suaves e misericordiosas, fez reviver no país abençoado dos seus ensinamentos, as curas maravilhosas dos tempos apostolicos.

Abnegados médiums curadores, desde os primordios da organização da obra de Ismael nas terras do Brasil, espalharam, como instrumentos da verdade, as mais fartas colheitas de bênçãos do céu, iluminando todos os corações. Curando os enfermos, os novos discipulos do

Senhor restabeleciam o espirito geral para a grande tarefa; vestindo os andrajosos, tocavam as almas de uma nova roupagem de esperança.

Enquanto na Europa a idéia espiritualista era sómente objeto de observações e pesquisas nos laboratorios, ou de grandes discussões estéreis no terreno da filosofia, não obstante os primores morais da codificação kardeciana, o Espiritismo penetrava o Brasil com todas as suas características de Cristianismo redivivo, levantando as almas para uma nova alvorada de fé. Aqui, todas as suas instituições se alicerçaram no amor e na caridade. As proprias agremiações científicas que, de vez em quando aparecem para cultiva-lo na sua rotulagem de metapsiquica, são absorvidas no programa cristão, sob a orientação invisivel e indireta dos emissarios do Senhor. Todas as possibilidades e energias são por Ismael aproveitadas para o bem comum e para a tarefa de todos os trabalhadores, e é por isso que todos os grupos sinceros do Espiritismo, no país, têm as suas aguas fluidificadas, a terapeutica do magnetismo espiritual, os elementos da homeopatia, a cura das obsessões, os auxilios gratuitos no serviço de assistencia aos necessitados, dentro do mais alto espirito evangelico, dando-se de graça aquilo que se recebeu como esmola do céu. Não é raro vermos caboclos que engrolem a gramatica nas suas confortadoras doutrinações,

mas que conhecem o segredo suave de consolar as almas, aliviando os aflitos e os infelizes, ou então, médiums da mais obscura condição social e nas mais humildes profissões, que constituem instrumentos admiráveis nas mãos piedosas dos mensageiros do Senhor.

A Europa recebeu a nova revelação, sem conseguir aclimá-la no seu coração atormentado pelas necessidades mais duras. As próprias sessões mediúnicas são ali geralmente remuneradas, como se esses fenomenos se processassem tão somente pelas disposições estipuladas num contrato de representações, enquanto que, no Brasil, todos os espirítistas sinceros repelem o comércio amoeado nas suas sagradas relações com o plano invisível, conservando as intenções mais puras, no hostiário da sua fé.

A obra de Ismael prossegue em sua marcha através de todos os centros de estudo e de cultura do país. Todavia, temos de considerar que um trabalho dessa natureza, pelo seu caráter grandioso e sublime, não poderia desenvolver-se sem os ataques inconcientes das forças reacionárias do próprio mundo invisível e, como a Terra não é um paraíso e nem os homens são anjos, as entidades perturbadoras se aproveitam dos elementos mais acessíveis da natureza humana, fomentando a discórdia, o demasiado individualismo, a vaidade e a ambição, desunindo as fileiras que, acima de tudo, deve-

riam manter-se coesas para a grande tarefa da educação dos espiritos, dentro do amor e da humildade. A essas forças, que tentam a dissolução dos melhores esforços de Ismael e de suas valorosas falanges do Infinito, deve-se o fenómeno das excessivas edificações particularistas do Espiritismo no Brasil, particularismos que descentralizam o grande labor da evangelização. Mas, se nos é dado examinar semelhante anomalia, somos forçados a reconhecer que Ismael vence sempre. Construídas essas obras que se levantam com pronunciado sabor pessoal, o grande mensageiro do Divino Mestre assinala-se imediatamente com o selo divino da caridade, que, de fato, é o estandarte maravilhoso a reunir todos os ambientes do Espiritismo no país, até que todas as forças da doutrina, pela experiência própria e pela educação possam constituir uma frente única de espiritualidade, acima de todas as controversias.

E' para essa grande obra de unificação que todos os emissários cooperam no plano espiritual, objetivando a vitória de Ismael nos corações. E os discípulos encarnados bem poderiam atenuar o rigor das dissensões esterilizadoras para se unirem na tarefa impessoal e comum, apressando a marcha redentora. Nas suas fileiras respeitáveis, só a desunião é o grande inimigo, porque, com referência ao catolicismo, os padres romanos, com exceção dos

padres cristãos, conservam-se onde sempre estiveram, isto é, no banquete dos poderes temporais, incensando os príncipes do mundo e tentando inutilizar a verdadeira obra cristã. Os espiritistas bem conhecem que se eles constituem serios empecilhos á marcha da luz, todos os obstaculos serão, um dia, removidos para sempre, do caminho ascencional do progresso. Alem disso, temos de considerar que a igreja catolica se desviou da sua obra de salvação, por um determinismo historico que a compeliu a colaborar com a politica do mundo, em cujas teias perigosas a sua instituição ficou encarcerada e que, examinada a stiuação, não é possível desmontar-se a sua maquina de um dia para outro. Sabemos, porém, que a sua fase de renovação não está muito distante. Nas suas catedrais confortaveis e solitarias e nos seus conventos sombrios, novos inspirados da Umbria virão fundar os refugios doces da piedade cristã.

Depreende-se, portanto, que a principal questão do espiritualismo é proclamar a necessidade da renovação interior, educando-se o pensamento do homem no Evangelho, para que o lar possa refletir os seus suaves e doces preceitos. Dentro dessa ação pacífica de educação das criaturas, aliada á prática genuína do bem, repousam as bases da obra de Ismael, cujo objetivo não é a reforma inopinada das institui-

ções, impondo abalos á natureza que não dá saltos, mas a regeneração e o levantamento moral dos homens, afim de que essas mesmas instituições sejam espontaneamente renovadas para o progresso comum.

A tarefa é vagarosa, mas, de outra fórmula, seria a destruição e o esforço insensato. A obra da revolução espiritual, no Evangelho de Jesus, não se compadece com as inquietudes do seculo. Os que desejariam impor, aliás, no seu sagrado entusiasmo de crentes, os preceitos do Mestre nas instituições estritamente humanas, talvez ainda não tenham ponderado que a obra cristã espera, ha dois milenios, a compreensão do mundo. Todos os que lutaram por ela, de armas na mão e quantos pretenderam utilizar-se dos processos da força para a imposição dos seus ensinamentos, no transcurso dos seculos, tarde reconheceram a sua ilusão, redundando esses esforços no mais franco desvirtuamento das lições do Salvador, porque essas lições têm de começar no coração, para conseguirem melhorar e regenerar o planeta.

E' dentro dessa serenidade, sob a luz da humildade e do amor, que os espiritistas do Brasil devem reunir-se, a caminho da vitoria plena de Ismael em todos os corações. Está claro que a doutrina não poderá imitar as disciplinas e os compromissos da força da instituição romana, porque nas suas características li-

berais o pensamento livre, do estudo e do exame deve fazer uma das suas melhores conquistas e nem é possível dispensar, totalmente a discussão no labor de aclaramento geral. A liberdade não exclue a fraternidade e a fraternidade sincera é o primeiro passo para a edificação comum.

Dentro, pois, do Brasil, a grande obra de Ismael tem a sua função relevante no organismo social da patria do Cruzeiro, intensificando a seára da educação espiritual. E não tenhamos duvida. Superior ás funções dos transitórios organismos politicos, é essa obra abençoada de educação genuinamente cristã, o ascendente da nação do Evangelho e o elemento que preparará o seu povo para os tempos do porvir.

X X X

PATRIA DO EVANGELHO

Com a republica, atingiu o Brasil a sua maioridade coletiva e as falanges do Infinito, naturalmente, concentraram as suas possibilidades e esforços no desenvolvimento da obra de Ismael no país do Cruzeiro.

Seus maiores eventos puramente politicos não deixaram, no entanto, de ser acompanhados pelos mensageiros do Bem, objetivando a tranquillidade comum e a evolução geral.

Todavia, com o grande feito de 15 de novembro de 1889, terminamos este esforço, á guisa de historia.

Outros, por certo, consultando as razões dos fatos relacionados no tempo, poderão apresentar um trabalho mais pormenorizado e melhor, no dominio dos estudos transcendentales do psicologo e do historiador, onde se emaranham as causas profundas dos menores acontecimentos, englobando as atividades de quantos,

ainda encarnados se encontram em evidencia no país e são susceptíveis de apresentar mais amplos esclarecimentos, de futuro.

Nosso objetivo, trazendo alguns apontamentos á historia espiritual do Brasil, foi tão sómente encarecer a excelencia de sua missão no planeta, demonstrando, simultaneamente, que, cada nação, como cada individuo, tem sua tarefa a desempenhar no concôrto dos povos. Todas elas têm seus ascendentes no mundo invisível, de onde recebem a seiva espiritual necessaria á sua formação e conservação. E um dos fins principais do nosso esforço é o de examinar, aos olhos de todos, a necessidade da educação pessoal e coletiva, no desdobramento de todos os trabalhos do país. Porque a realidade é que o Brasil, na sua situação especialissima e com o seu patrimonio imenso de riquezas, não poderá isolar-se do resto do mundo ou acastelar-se na sua posição de patria do Evangelho, embora a época seja de autarquias detestaveis, neste periodo de decadencia e transição de todos os sistemas sociais.

O maior problema é o da educação nacional, para que os filhos das outras terras, necessarios e indispensaveis ao progresso economico da nação não se sintam dispostos a reviver, no Brasil, as taras de suas antigas organizações e sim, absorvidos no círculo espiritual do país do

Evangelho, possam integrar as suas fileiras de fraternidade e evolução.

Apesar da recente filosofia do "basta-se a si mesmo", nenhum país do mundo pode viver independente da comunidade internacional. Toda a grandeza material de um povo repousa na regularidade dos fenômenos da troca e todas as guerras, quase sempre, têm origem na desharmonia do comercio entre as nações. No Brasil, a chamada contribuição estrangeira é indispensavel, e o unico recurso contra a incursão do elemento nocivo ou ameaçador da estabilidade das instituições brasileiras é a educação ampla do povo, em cujos labores sagrados deveriam viver todos os programas do bom nacionalismo.

Se muitas escolas existem no Sul, onde sómente é ensinado o idioma alemão, em muitos casos, é porque os professores do Brasil não se decidiram a enfrentar as surpresas da região, afim de zelarem pelo patrimonio intelectual dos novos operarios da patria. E, se algumas dezenas de agrónomos vieram, diretamente de Tóquio para os riquissimos vales do Amazonas, é que os agronomos brasileiros não se animaram a trabalhar no sertão hostil, receosos do sacrificio. Entretanto,, não faltariam espiritos abnegados e corajosos, no seio do povo fraterno que floresce no coração geografico do mundo, ansiosos de contribuirem na

grande obra construtiva da organização cultural e economica da terra em que se desenvolvem, numa grande tarefa de amor, se os ambientes universitarios com as suas habilitações officiais não estivessem abertos sómente á aristocracia do ouro. A palavra de um mestre custa uma fortuna, apenas suscetivel de ser remunerada pelas familias mais abastadas e mais favorecidas e, nem sempre, nesses ambientes confortaveis, estacionam as almas apaixonadas da luta pelo progresso comum.

Nesta epoca de confusão e amargura, quando, com as mais justas razões teme-se, por toda a parte, a triste organização do homem economico da filosofia marxista, que vem destruir todo o patrimonio de tradições dos que lutaram e sofreram no preterito da humanidade, as medidas de repressão e de segurança devem ser mobilizadas a serviço das coletividades e das instituições, afim-de que uma onda inconciente de destruição e morticínio não elimine o altar de esperanças da patria. E que o capitalismo visando a propria tranquilidade coletiva, seja chamado pelas administrações ao debate, a incentivar com os seus largos recursos a campanha do livro, do saneamento e do trabalho, em favor da concordia universal.

Não nos deteremos para falar, depois da republica, de quantos se encontram, ainda, no cenaculo das atividades e feitos do país, por-

quanto, semelhante ação de nossa parte constituiria uma intervenção indebita nas iniciativas e empreendimentos dos "vivos".

Jesus, que é a suprema personificação de toda a misericordia e de toda a justiça, auxiliará a cada qual, no desdobramento dos seus esforços para gloria da nacionalidade.

O Brasil está cheio de ideologias novas refletindo a paisagem do seculo e cabe aos bons operarios do Evangelho concentrar as suas atividades no esclarecimento das almas e na educação dos espiritos.

Todas as fórmulas humanas, dentro das suas concepções, por mais alevantadas que se afigurem, são pereciveis e transitorias. A politica sofrerá, no curso dos seculos, as alternativas do direito da força e da força do direito, até que o planeta possa atingir uma relativa perfeição social, com a cultura generalizada. A ciencia, como a filosofia e as escolas sectarias, viverá entre duvidas e vacilações, repousando os seus feitos na areia instavel das convenções humanas. Só o legitimo ideal cristão, conhecendo que o reino de Deus ainda não é deste mundo poderá, com a sua esperança e o seu exemplo, espiritualizar o humano, espalhando com os seus labores e sacrificios as sementes produtivas na construção da sociedade do futuro.

Conhecedores dessas grandes verdades, su-

pliquemos a Jesus se digne derramar do orvalho de seu amor sobre os vermes da Terra.

Que as falanges de Ismael possam, aliadas a quantos se desvelam pela sua obra divina, reunir o material disperso e a Patria do Evangelho mais ascenda e avulte no concerto dos povos, irradiando a paz e a fraternidade que alicerçam, indestrutivelmente, todas as tradições e todas as glórias do Brasil.

PARNASO DE ALÉM TÚMULO

É um livro verdadeiramente único, até agora, nos anais da bibliografia espirita.

Prefaciado por M. Quintão, que lhe põe em relêvo as belezas literárias e artísticas num substancioso prefácio, comporta também "algumas páginas" de Francisco Candido Xavier, o jôvem médium, quasi adolescente, a quem a Providência concedeu a régia dita de tanger encantadas e consagradas liras, na morte supostamente emudecidas para sempre, mas, na verdade, agora vivas e vibrantes na orquestral magnificência dos seus ritmos inconfundíveis.

São joias miríficas, não só de valor literário, como de aspectos filosóficos inéditos, trabalhadas por inteligência de escol, que nos deixaram, da sua passagem pela terra, traços inapagáveis.

E assim é que temos neste livro uma das provas mais robustas da identidade pessoal, "post mortem", de um Guerra Junqueiro, de um Castro Alves, de um Casemiro de Abreu, de um João de Deus, de um Antêro do Quental, de um Augusto dos Anjos e tantos outros poetas da nossa e das passadas gerações, inclusive Souza Caldas.

Ler o Parnaso não será apenas um fino prazer intelectual, mas fortificar o espirito nas auras sadias que sopram alviçareiramente da outra margem da vida.

Broc. 6\$000 — Enc. 8\$000.

EMMANUEL — Francisco Candido Xavier

Trata-se de mensagens ditadas por esse bondoso espirito ao medium de Pedro Leopoldo, Francisco C. Xavier.

Emmanuel é o Espirito superior, dedicado, cristão que, com seus admiráveis ditados, vem trazer á alma humana os tesouros do seu coração.

As suas mensagens, cheias de colorido, nos encham de consolo e suavidade, e as suas lições de moral têm tal elevação, que, difficilmente pôde a criatura sensível conter as lagrimas, lendo-as ou ouvindo-as.

E as ouvindo ou lendo, teremos a certeza de chegar um dia á felicidade.

Brac. 4\$000 — Enc. 6\$000.

CRONICA DE ALEM TUMULO — Francisco Candido Xavier, Medium

Ditadas pelo Espirito de Humberto de Campos

Não ha, certo, entre os espiritas que lêem quanto de melhor se escreve sobre as coisas do Espiritismo, que se afizeram ao estudo de seus ensinamentos, sob todos os aspectos por que se apresentem, e que particularmente estimam as boas comunicações ou mensagens provenientes do plano invisível, nenhum que não haja lido sofregamente as que, de dois anos para cá, vem transmitindo o Espirito do talentoso literato

que foi HUMBERTO DE CAMPOS, tendo por instrumento o excelente medium Francisco Candido Xavier, sobejamente conhecido hoje em todo o Brasil, pelo alto valor de sua produção mediunica.

Nenhum, portanto, haverá, sem dúvida, que não deseje possuir a coletanea dessas comunicações ou mensagens, para as reler de quando em quando e para as consultar nesses momentos, tão ameudados, em que o ânimo se nos abate e o espirito quasi desfalece, tanto elas se destacam da generalidade dos escritos desse gênero singular. Destacam-se, com efeito, não só pela substância dos assuntos sobre que versam, como tambem, e é esta uma circunstância que as torna ainda mais apreciaveis, especialmente para os que não as leiam com olhos de espirita, pelo estilo em que são vasadas, aquele estilo claro, corrente, primoroso, que de modo tão notavel caracterizava o feitiço literário do escritor humano e que, conservado na quasi plenitude da sua pureza, constitue elemento insofismavel de prova da autenticidade de sua obra litero-doutrinária, concebida e executada no mundo espiritual.

Pois bem, essa coletanea, formada de 35 mensagens, a Livraria da Federação, publicou, em volume prefaciado pelo proprio HUMBERTO DE CAMPOS, de formato elegante e gracioso, como convinha á natureza da materia que encerra: — *Cronicas de Além Túmulo*. — Br. 5\$, enc. 7\$. — Porte: 1 vol. 1\$000, diversos mais 500 rs. por volume

NO LIMIAR DO ETÉREO — J. Artur Findlay

Este o título de um interessantíssimo volume em que o sr. Arthur Findlay resumiu as experiências a que durante muitos anos teve ensejo de proceder, no campo do Espiritismo, ou do psiquismo, para usar de uma palavra que sôa melhor ao ouvido dos cientistas.

Foram de tal natureza essas experiências e se realizaram sob tão rigoroso contrôlo, que levaram o Senhor Findlay do mais completo cepticismo á crença inabalavel na sobrevivencia do sêr e na realidade de um outro plano da existência, onde aqueles que passaram pela terra e a que chamamos mortos, continuam a viver em condições semelhantes, sob varios aspectos, ás do viver terreno.

O fenômeno da Vóz Direta, porventura o mais probante de todos os que se produzem no campo do espiritualismo experimental, foi o com que êle mais se ocupou, tendo levado suas pesquisas a um ponto ainda não atingido antes por nenhum outro investigador, porquanto dado lhe foi obter minudentes informações acêrca do mecanismo desse fenômeno, isto é, do modo por que procedem os Espíritos para falar diretamente aos homens, sem que o médium articule o mais ligeiro som.

Em suma, NO LIMIAR DO ETÉREO é uma obra de cuja importância não se pode dizer em meia dúzia de linhas, mas que ressaltam esplendidamente a todos aqueles que tenham olhos de ver, para meditar, com inteligência o

assunto que ela versa, o mais relevante de todos os que no momento atual possam preocupar os verdadeiros pensadores.

Broch, 6\$000 — Enc. 8\$000.

O ESPIRITISMO A' LUZ DOS FATOS — — Carlos Imbassahy

Como o título indica, trata-se da demonstração da realidade do Espiritismo perante os fatos que o atestam.

A obra é uma cerrada argumentação contra os que atacam a parte científica daquela disciplina.

Nela o autor procurou refutar os autores que se veem manifestando contra o Espiritismo e lhe negando a parte que lhe cabe no quadro das ciências, ou lhe contestando o fundamento que possui para inscrever-se naquele quadro.

O escritor refere-se em sua obra a vários adversários do Espiritismo em nosso país, contestando-lhes as asserções com as mais robustas provas.

São mirados de preferência, os autores que se teem distinguido nos seus ataques, procurando com êles trazer a desmoralização á prática e á doutrina espirita.

Vol. Broch, 8\$000 — Enc. 10\$000.

FUNERAIS DA SANTA FE —

Poema de grande relêvo literário, é também uma prova robusta da sobrevivência da alma, pelas condições mediúnicas em que foi dado.

No decurso de muitas sessões, diante de um público numeroso, o Espírito de GUERRA JUNQUEIRO declamava, por incorporação sonambúlica, com ênfase e linguagem típica, estrofes de grande brilho e perfeição, através das quais é impossível desconhecer-lhe o éstro.

Mas, isso não é tudo, porque de seguida, já durante as mesmas sessões, já com intervalos variáveis de tempo, vinha êle reproduzir por audição, as poesias anteriormente transmitidas.

E assim é que foi articulada toda esta obra extraordinária, através da qual ressalta a homogeneidade de pensamento e de ação, tanto quanto a individualidade máscula do autor da "MORTE DE D. JOÃO".

E o médium, diga-se, é uma moça modestíssima, de instrução rudimentar, incapaz de escrever uma quadra! Ler os FUNERAIS é ter duas vantagens: é experimentar um fino prazer intelectual, e é confirmar-se no testemunho da mais consoladora das verdades — a sobrevivência da alma.

Broch. 6\$000 — Enc. 8\$000.



Obras do Consagrado Escritor

ERNESTO BOZZANO

XENOGLOSSIA (Mediüidade poliglota)	5\$
OS ENIGMAS DA PSICOMETRIA ...	5\$
PENSAMENTO E VONTADE	4\$
FENOMENOS PSIQUICOS NO MO- MENTO DA MORTE	5\$
METAPSIQUICA HUMANA	5\$
A CRISE DA MORTE	4\$

O volume encadernado mais 2\$000

Pedidos á

LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO

Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro

por meio de cheque, vale postal, carta regis-
trada ou ordem ao Administrador.

Porte : 1 vol. 1\$; diversos \$500 por exemplar

*Atendemos, tambem, pelo SERVIÇO POSTAL
DE REEMBOLSO, que significa o paga-
mento da encomenda somente no ato de
retiral-a do correio.*